

Bert Hellinger



**Liberados**  
**somos**  
**Concluídos**

ATMAN



**BERT HELLINGER**

---

**Liberados  
somos  
concluídos**

---

**Tradução**

Rainer Brockerhoff

**Revisão Técnica**

Tsuyuko Jinnó-Spelter

**2006**

**ATMAN**



Título do original alemão:  
Entlassen werden wir vollendet  
Kösel - Verlag GmbH & Co.  
München - Germany  
Copyright 2004 by Bert Hellinger - todos os direitos reservados  
ISBN 3-446-30558-6

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do “Copyright”, exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.

1ª Edição - abril 2006  
ISBN 85-98540-07-2

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela:  
EDITORA ATMAN Ltda.  
Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG - Brasil  
Telefax: (34) 3821-9999 - <http://www.atmaneditora.com.br>  
[editora@atmaneditora.com.br](mailto:editora@atmaneditora.com.br)  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

**Capa e Diagramação:** Virtual Diagramação  
**Foto da capa:** Marta Rostek - Poland  
**Revisão ortográfica:** Elvira Nícia Viveiros Montenegro  
**Coordenação editorial:** Wilma Costa Gonçalves Oliveira

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme o decreto no 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H4771 Hellinger, Bert.  
Liberados somos concluídos: textos tardios / Bert Hellinger. tradução de Rainer Brockerhoff —  
Patos de Minas: Atman, 2006.  
168 p.  
ISBN 85-98540-07-2  
1. Psicoterapia. 2. Autoajuda. I. Título.

CDD: 616.891 4

**Pedidos:**  
[www.atmaneditora.com.br](http://www.atmaneditora.com.br)  
[comercial@atmaneditora.com.br](mailto:comercial@atmaneditora.com.br)  
(34) 3821-9999

*Este livro foi impresso com:*  
**Capa:** supremo LD 250 g/m<sup>2</sup>  
**Miolo:** offset LD 75 g/m<sup>2</sup>



*Neste livro, Hellinger compartilha conosco a sabedoria da maturidade.*

*Como ele mesmo diz: são textos que fluíram nos últimos anos amadurecidos como um fruto temporão.*

*Desejamos a você, querido(a) leitor(a), uma rica colheita.*

**EDITORA ATMAN**



**Bert Hellinger**, nascido na Alemanha em 1925, formou-se em Teologia e em Pedagogia e trabalhou 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os zulus na África do Sul.

*Através de uma formação e experiência em campos variados, como Psicanálise, Terapia Primal, Análise Transacional, Hipnoterapia e Terapia familiar, desenvolveu um método original de constelações sistêmicas, largamente difundido em todos os continentes.*

*Seus livros, traduzidos em muitas línguas, incluem reprodução de workshops, ensaios teóricos, pensamentos, poemas e contos breves; em contextos de genuína e forte espiritualidade.*

**Aos meus Amigos**

## **SOBRE O CONTEÚDO:**

*Somente quando a fruta madura cai à terra,  
desprende aquilo que serve ao futuro.*

Com essas palavras Bert Hellinger introduz os textos deste livro. Eles contêm respostas a perguntas essenciais e compreensões sobre ações humanas possíveis e necessárias. Nos entremeios, estão aforismos profundos.

Este é um livro de sabedoria e um legado, que gira em torno dos temas **despedida e reconciliação** e frequentemente toca em extremos.

**BERT HELLINGER**



**LIBERADOS SOMOS CONCLUÍDOS**

**TEXTOS TARDIOS**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
AGRADECIMENTO	10
A Grandeza	11
Aforismos: <i>Humildade</i>	12
A Força	13
Aforismos: <i>Harmonia</i>	15
SIM E NÃO	16
A FIDELIDADE	17
Exemplo: A Fé Maior	19
<i>História - A fé maior</i>	21
• Compensação e Amor	22
O Sacrifício dos Filhos	22
• A Imagem de Deus	23
Destino	23
• O Deus Maior	23
Exemplo: Os Guerreiros	24
Movimentos da Alma	30
• <i>História: O Círculo</i>	31
A Alma	32
Aforismos: <i>Alma</i>	33
A MORALIDADE	34
O Dever	35
Aforismos: <i>Bem e mal</i>	36
A Ajuda	37
Aforismos: <i>Ajudar</i>	38
A Desavença	39
Aforismos: <i>Felicidade e Infelicidade</i>	40
A SOLIDÃO	41
A PURIFICAÇÃO	42
A SERIEDADE	43
A Segurança	44
Aforismos: <i>Tolice</i>	45
A CRENÇA EM DEUS	46
O LOUVOR A DEUS	47
A DEVOÇÃO	48
Aforismos: <i>A Religiosidade</i>	49
A Espera	50
Aforismos: <i>Prudência</i>	51
O PRESENTE	52
A DOENÇA	53
EXEMPLO: UM HOMEM CONTAMINOU-SE COM AIDS	54
EXEMPLO: UM HOMEM DOOU UM RIM A UM AMIGO	57
A consciência e os movimentos da alma	60
A VERDADE	61



---

O ESSENCIAL	62	
O CERTO	63	
O CENTRO	64	
O AMOR	65	
O AMOR MAIOR	66	
O OUTRO AMOR	67	
Sossego do Coração	68	
Aforismos: <i>Amor</i>	69	
EXPERIÊNCIA	70	
SENTIMENTOS	71	
Aforismos: <i>Compreensões</i>	72	
Ver	73	
LEMBRAR E ESQUECER	74	
EXEMPLO: A PAZ	76	
A Humildade	83 • A Reconciliação	83
O Judaísmo em nossa Alma	86	
Escolhidos e Rejeitados	86 • Jesus e o Cristo	86
O mesmo Deus	87 • Alemães e Judeus	88
A Reparação	91 • <i>História: O Retomo</i>	91
JERUSALÉM SANTA	92	
EXEMPLO: A NOITE ESCURA	93	
A NOITE DO QUERER	98	
A PERMANÊNCIA	99	
Alegria	100	
RILKE - “Os SONETOS a ORFEU”	101	
Anseie a Mudança	102	
Aforismos: <i>Vida e Morte</i>	106	
A MORTE	107	
EPÍLOGO	108	

## INTRODUÇÃO

Estes textos fluíram a mim nos últimos anos. Permanecem próximo à terra, dela condensam sua força e amadureceram lentamente como um fruto temporão. Em parte são respostas a perguntas, em parte me subjugaram e eu apenas precisei anotá-los. Também são uma despedida, sem saudade, como o fim do dia após a lide diária realizada. Também adicionei algumas constelações provenientes de cursos recentes, ilustrando o que digo nestes textos.

O título deste livro provém do meu poema *O Círculo*, tomando-se inteligível no contexto da estrofe completa, da qual foi retirado. Por isso, aqui cito a mesma textualmente:

*... A seguir, importa que aquilo que empreendemos no tempo,  
com o tempo fogue de nós  
como se pertencesse a um outro tempo  
e nós, onde imaginamos agir,  
fôssemos erguidos apenas como um instrumento,  
usados para algo além de nós,  
e depois colocados de volta.  
Liberados, somos concluídos.*

Somente quando a fruta madura cai à terra libera aquilo que serve ao futuro. Quando a degustamos, esquecemos, talvez, que a fruta é somente a casca em torno daquilo que continua a atuar. E assim nela se adensa o que era antes e o que ainda será.

A vocês, queridos leitores, desejo que estes textos os enriqueçam e que façam bem a vocês e aos outros.

BERT HELLINGER

## **AGRADECIMENTO**

Muitos me acompanharam no meu caminho, estimularam-me, levaram-me adiante, apoiaram-me e conduziram-me. São em número demasiado para citar todos, e eu não quero esquecer ou faltar com um só deles.

Uma companheira de estrada, no entanto, quero nomear e agradecer-lhe de coração: minha esposa Herta.

## A GRANDEZA

Grande é apenas aquele que se sente igual aos outros, pois a maior grandeza que possuímos é aquilo que compartilhamos com todos os seres humanos. Quem sente essa grandeza dentro de si e a reconhece se sabe grande e, ao mesmo tempo, conectado a todos os outros seres humanos. Quando alguém reconhece tal grandeza dentro de si, também a reconhece em todos os outros seres humanos e sabe e sente ser igual a eles. Por isso ele pode confessar essa grandeza sem preconceitos, pois esta não o exalta, e sim o torna igual. Com isso ele confirma a grandeza dos outros perante eles próprios, e estes confirmam a grandeza dele perante ele mesmo. Ele ama os outros na grandeza destes e é amado por eles devido à sua própria grandeza. Por isso, essa grandeza une todos os seres humanos com humildade e amor.

Quem se exalta sobre outros perde a ligação com estes. Ele se retrai deles, e eles por sua vez se retraem. Por isso essa presunção causa solidão e desconfiança. Quem se exalta deve temer que os outros o rejeitem, que esperem secretamente que caia de sua altura presunçosa, até que volte a ser igual aos outros. Sim, ele mesmo espera secretamente por essa queda, porque a própria alma não suporta essa presunção por longo tempo. Ele acaba cometendo erros, incompreensíveis a estranhos, mas que estão em harmonia com sua alma. Não conseguimos suportar por muito tempo a grandeza que nos eleva sobre os outros. Nem os outros conseguem suportá-la por muito tempo.

Rilke descreve afetuosamente o efeito dessa queda no final de sua Décima Elegia de Duíno:

*E nós, que pensamos em felicidade  
ascendente, sentiríamos o enternecimento  
que quase nos consterna  
quando algo feliz cai.*

Porém, também aquele que se humilha e se coloca abaixo dos outros seres humanos perde a ligação com eles. Os outros sentem a presunção nessa espécie de humildade, bem como a recusa de fazer aquilo que é adequado e que honra a grandeza humana.

A verdadeira grandeza é exigente, porém de uma maneira benfazeja, pois, do mesmo modo que ela reconhece os outros, espera esse reconhecimento também por parte deles. Essa exigência beneficia a todos. Ela une onde a exigência presunçosa ou a que se recusa à ação grandiosa separa.

Faz parte da grandeza que eu reconheça em mim aquilo que de especial me foi dado e, ao mesmo tempo, aquilo que é especial em cada outro ser humano. Por isso também o especial é algo comum a todos os seres humanos e une, ao invés de separar, porque também o especial está a serviço do todo. Por isso o especial é mesmo, onde parece ser diferente, no todo, igual a qualquer outro.

## **Aforismos: *Humildade***

A soberba é um cavalo no qual não se vai longe.

Andar de cabeça erguida cansa.

Muitas vezes a boa solução é difícil, pois nos faz perder a importância.

Quem é realmente grande renunciou.

Sofrer é deixar ir.

Quem não peca permanece criança.

Os pequenos presentes unem, os grandes, separam.

A consciência da própria culpa reduz as próprias exigências.

O que se tornou pequeno se levanta.

Sem esperança se tem tudo.

A saudade aliena.

## A FORÇA

Quando encontramos outras pessoas sentimos imediatamente se elas têm força e quanta. Uma pessoa que ama os pais evidentemente tem mais força que alguém que rejeita um deles ou mesmo ambos. Homens e mulheres que têm filhos e cuidam amorosamente deles têm mais força que homens e mulheres sem filhos. Via de regra, também as pessoas casadas têm mais força e peso que aquelas que ficaram sozinhas. Portanto, é evidente que pessoas ligadas a muitas outras têm mais força que aquelas que se isolam, não importando quais sejam os motivos para tal.

Outras pessoas, com as quais estamos ligados num amor afetuoso, respeitoso e recíproco, crescem algo ao nosso próprio ser, ampliando-o e aprofundando-o, dando-lhe plenitude e peso. Quanto maior o número de pessoas com as quais estamos ligados dessa maneira, tanto maior se toma o nosso próprio peso anímico e tanto maior se toma a força que possuímos e irradiamos.

Do exposto decorre que somos capazes de aumentar e multiplicar nossa força. Primeiro, quando nos voltamos para os familiares que nos antecederam, recebendo com amor e respeito o que nos provém deles e dando-lhes um lugar em nosso coração. Isso vale em primeiro lugar para os nossos pais.

Às vezes nos tornamos distanciados deles, seja porque houve uma separação prematura, por exemplo, se um deles faleceu ou se os pais se separaram ou também porque queríamos nos aproximar deles, quando pequenos, mas essa aproximação foi interrompida ou impedida por circunstâncias adversas. Por exemplo, porque nós ou nosso pai ou nossa mãe estivemos doentes por longo tempo. A criança vivência esta separação com uma dor tão profunda que não consegue exprimi-la a não ser através da rejeição, do desespero e da raiva. O que quer que os pais façam para ajudar a criança, dificilmente a alcança. Ambos, pais e filhos, sofrem com isso, e ambos acabam perdendo força.

A solução é o filho retroceder ao tempo antes da separação, por assim dizer ao seu primeiro amor e quando ele entender que seu distanciamento dos pais está fundamentado em antiga saudade e carência frustradas, retomar então o movimento em direção aos pais com o mesmo amor original, até que essa aproximação se concretize. Isto é tanto mais fácil quanto mais o tomar dos pais retroceder até o início da vida, ou seja, quando o filho diz em seu íntimo aos pais: “Eu tomo a vida de vocês assim como vocês a receberam de seus pais e mais para trás de todos os seus antepassados, com tudo que isto traz consigo em termos de possibilidades e limitações, em alegria e tristeza, em tarefas e em ganhos e no preço inevitável. Vocês são os pais unicamente possíveis e unicamente certos para mim. Portanto tomo-os como meus pais da maneira que vocês são, como os únicos e melhores para mim.” Neste instante toda a força dos pais poderá fluir para o filho, e o filho se sente enriquecido e realizado através de seus pais, e os pais se sentem assim através de seu filho.

Naturalmente, os pais também têm suas falhas. Também eles, como todos os seres humanos, estão limitados em suas possibilidades devido a sua origem e sua história e principalmente por sua culpa pessoal. Por mais estranho que isto possa parecer, isso não os diminui e sim os engrandece, pois pais imperfeitos transmitem mais a realidade da vida do que pais perfeitos. Se de um lado não tomam a vida fácil para os filhos, por outro lado os preparam de modo mais abrangente para a vida real. Assim, quem concorda com seus pais da maneira que são, quem os respeita da maneira que são, quem os aceita também com aquilo que eles lhe impõem e dele exigem ganha, através disso, toda a força que lhe puderam prover.

As pessoas também ganham força através de seu destino, de tarefas cumpridas e de sofrimento vencido. Além disso, parece que, sobretudo as pessoas com as quais estavam e estão ligadas, lhe conferem — como um círculo invisível ao seu redor — importância, força e amplitude. Sobreviventes do Holocausto, por exemplo, parecem estar rodeados daqueles mortos com os quais estavam ligados pelo destino, de tal forma como se estes estivessem presentes neles como uma força muda. E assim parece que os sobreviventes, enquanto vivos, também pertencem aos mortos, como se os mortos estivessem sendo lembrados neles, e como se eles nos lembrassem também a nós da outra realidade, aquela mais poderosa, mais sombria. Observamos algo semelhante em guerreiros sobreviventes. Também eles estão ligados a muitos mortos, estão rodeados por eles, pelos camaradas mortos e pelos inimigos mortos.

Também ganhamos força através daqueles a quem ajudamos, a quem através de nossas ações possibilitamos viver e continuar vivendo. Isto vale não somente para aqueles que estão a serviço

imediatamente da vida como, por exemplo, médicos, mas para todos aqueles que agem em prol de outros, qualquer que seja o seu âmbito. Isto inclui, principalmente, aqueles que têm influência sobre a vida de muitas pessoas como, por exemplo, os políticos, os empresários, os comandantes de exércitos e, neste sentido, também os ricos, na medida em que sua riqueza beneficia muitos outros. Todos os empreendimentos conferem àqueles que os empreendem também um peso pessoal, um carisma especial e força.

Também na psicoterapia faz diferença se o terapeuta se ocupa de uma única pessoa ou se a sua visão abrange também os outros aos quais essa pessoa está ligada.

Quando um cliente se ocupa somente consigo mesmo, com sua psicodinâmica interna, via de regra, isso é pouco eficaz, exceto quando se trata de traumas pessoais. Porém, quando o cliente focaliza também os outros que fazem parte de suas relações, ele ganha em força, e o terapeuta pode trabalhar com ele de modo mais fácil e mais claro. Quando o cliente, por exemplo, corre risco de suicídio e se refere a isto apenas em relação aos próprios sentimentos, ele parece fraco, e o terapeuta pouco pode fazer por ele. No entanto, se ele focaliza também os membros de sua família e relata, por exemplo, que a mãe de sua mãe morreu após o parto, o seu problema aparece numa outra dimensão. O cliente agora pode ser focalizado juntamente com a mãe e a avó. Com isso, ele e seu problema ganham peso e força.

Também o terapeuta ganha força quando, juntamente com o cliente, sempre focalizar a família do mesmo e dar a todos eles um lugar no coração, sobretudo àqueles que nessa família foram, talvez, excluídos, difamados ou esquecidos. Estes se juntam às pessoas que dão força ao terapeuta, pessoas essas advindas da própria família dele, e se juntam àqueles que pertencem a suas relações, porque o terapeuta já os tinha acolhido de uma forma especial. Com essa força e com esse peso o terapeuta pode interferir no sistema do cliente sem ser presunçoso e achar uma solução que mostra, tanto ao cliente quanto aos membros de sua família, uma saída para os emaranhamentos e que lhes proporciona novas possibilidades para uma vida plena.

## **Aforismos: *Harmonia***

Quem estiver em harmonia com sua alma, nunca imita. Quem se submete ao todo, permite o desenrolar da História. O Aqui e Agora flui.

Fácil é aquilo que é permitido vir.

Ao que foi semeado, também é permitido crescer.

O que está amadurecendo, tem tempo.

O mesmo vento sopra muitos papagaios ao alto. Confio mais no rio do que no leito do rio.

Esquecer completa.

Só se aprende a nadar na água.

O conhecimento é interminável.

O amor espera.

Somente se está conectado a cada momento.



## SIM E NÃO

Um sim sempre é também um não, e um não sempre é também um sim, pois quando dizemos sim a algo, estamos dizendo não a outro e, quando dizemos não a algo, estamos dizendo sim a outro. Quando um casal se dá o sim, diz não a todos os demais parceiros possíveis. Este sim está aqui direcionado a uma consumação, a uma ação. Exclui uma ação contrária à ação afirmada. Por isso limitamos nossa liberdade de ação por meio desse sim. No entanto, há um ganho correspondente que nos faz esquecer essa limitação.

Para nós, o que é a liberdade sem um sim? Essa liberdade só existe até nos decidirmos por algo. Sem uma decisão, ou seja, sem um sim, a liberdade é *vazia*. O que *lucraríamos com* a liberdade, se não a utilizássemos para um sim e para uma consumação correspondente a esse sim?

Algo semelhante ocorre com o não. Com o não, excluimos um sim e uma consumação correspondente ao sim. O não se nega a agir. No entanto, após o não, temos liberdade para decidir por algo novo ou diferente. Através do não, ressalvamos nossa liberdade para um diferente sim. O não é como uma preparação para um diferente sim. Sem um novo sim e uma ação correspondente ao novo sim, o não permanece vazio, semelhante à liberdade.

Mesmo se dissermos sim, podemos decidir de novo. Essa nova decisão dá continuidade ao sim. Também podemos voltar a dizer não àquilo que antes havíamos afirmado e com isso ganhamos a liberdade para um outro sim e para uma outra ação. Pelo menos parece ser assim. Porém, quando se trata de coisas essenciais, as possibilidades para um novo sim estão limitadas. Um excesso de sim acaba por atuar como um não. Limita nossas possibilidades, pois os outros não confiam mais em nosso sim. Algo semelhante acontece também com um excesso de não. No final, ambos nos tomam solitários.

## A FIDELIDADE

A fidelidade resulta de um vínculo. Tem algo a ver com afeição. Uma criança, por exemplo, está afeiçãoada aos pais e à família, aos costumes transmitidos, à religião transmitida, aos valores que são importantes na família e aos limites que esta lhe coloca. A fidelidade, pois, concorda com os limites preestabelecidos. Age dentro desses limites. É confiável dentro desses limites. Quando é recíproca, dentro desses limites, assegura que pertencemos ao grupo. Assegura e aprofunda nosso vínculo com os outros, assim como o vínculo destes conosco. A fidelidade é, pois, um bem precioso.

Mas o que acontece, quando nos desenvolvemos para além desses limites? E quando esses limites não só proporcionam segurança, mas também nos mantêm presos? Por isso a fidelidade deve também se desenvolver em direção a algo maior. Assim a criança, após algum tempo, deixa pai e mãe e se afeioa a um parceiro, cria uma família própria e, a partir da ligação com o parceiro, desenvolve novos e diferentes valores, que também reconhecem aqueles do parceiro e da família deste. Se alguém persistisse na fidelidade original, continuaria sendo uma criança pela vida toda.

A fidelidade humana, por conseguinte, só pode ser provisória, permanece até que as circunstâncias exijam uma expansão. Essa expansão, às vezes, se constrói sobre a fidelidade original, permitindo-lhe, com isso, persistir subjacentemente. Assim, o desenvolvimento se processa sem maior rompimento, por exemplo, quando a criança, apesar de criar uma família própria, permanece amorosamente ligada à sua família de origem.

Todavia, às vezes, esse desenvolvimento exige a despedida de algo anterior, uma renúncia a algo que não somente já passou, mas que também provou ser insuficiente ou errado. Isso aconteceu com muitos soldados quando voltaram da última Guerra Mundial e tiveram de reconhecer que a lealdade que lhes foi exigida trouxe desgraça para si e para seus adversários, e que essa lealdade exigiu coisas nefastas e, às vezes, até criminosas.

A lealdade cega e a obediência cega são, pois, lealdade e obediência sem desenvolvimento. Elas impedem o desenvolvimento e paralisam. Por mais heroicos que tenham sido os feitos que resultaram de tal lealdade foram atos de pessoas que ainda permaneciam presas às amarras da fidelidade infantil ao passado. Tais pessoas ainda não se livraram da afeição infantil e de seu desejo nostálgico de fazer parte do grupo a qualquer preço. Dessa forma, por mais que pareçam ser corajosas e confiáveis, são corajosas e confiáveis devido à dependência.

A verdadeira fidelidade é fiel ao todo da realidade. Essa fidelidade ultrapassa a fidelidade a uma única pessoa ou a um determinado grupo e abrange outras pessoas, conforme as circunstâncias e a tarefa vivenciada. Sim, de certa maneira ultrapassa até mesmo a lealdade ao próprio passado e àquilo que é chamado de “caráter”. Essa fidelidade somente é confiável levando-se em conta o todo maior; não é confiável num âmbito mais restrito. Por conseguinte, todo progresso decisivo num sentido moral, político, religioso e humanitário começa com o transpor de limites anteriores, com uma despedida ou uma renegação e, às vezes, com uma infidelidade e uma rebelião. No entanto, sempre é um progresso em direção a algo maior, pela lealdade a uma compreensão mais profunda, a uma realidade percebida como diferente e à tarefa daí resultante.

Por outro lado, a rebelião que se origina no afã cego, antes destrói do que constrói, muitas vezes é uma lealdade camuflada e inconsciente a algo pequeno. Sua mesquinhez é denunciada pelo afã. Muitas vezes, porém, os líderes da rebelião enxergam e somente os que os seguem estão cegos.

Aqui, ainda uma palavra sobre a lealdade forçada. Isso acontece quando uma simples promessa ou um sim ou um não são insuficientes sendo, então, substituídos por um juramento ou um voto. Vemos isto perante um tribunal, quando é exigido um depoimento sob juramento ou nos assim chamados juramentos de fidelidade. A esses pertence o juramento à constituição, o juramento à bandeira, o juramento de investidura e, na Igreja, o juramento antimodernista, pelo qual alguém é obrigado a se comprometer a não seguir determinadas doutrinas (ou compreensões).

Estreitamente ligados a isto são os votos em ordens religiosas, por exemplo: de pobreza, de castidade, de obediência e, adicionalmente, em algumas ordens, o voto de absoluta obediência ao Papa. Trata-se, neste caso, de votos eternos que são um compromisso para toda a vida e devem, assim, impedir qualquer desenvolvimento posterior a eles e para além deles. Esses juramentos ou votos são exigidos como condições para pertencer a tal grupo. Quem se nega aos votos não pode se tornar ou permanecer membro.

Porém, por que esses juramentos ou votos? Por que não basta uma simples confirmação ou uma promessa? Jesus disse a seus discípulos: “Seja a tua palavra: sim, sim; não, não. Aquilo que disto passar, vem do maligno.” (Mt 5, 37). Do que se trata, então, no juramento ou no voto? No juramento e no voto é interpelado um Deus vingador que deve amedrontar, cujo castigo deve ser temido, caso o juramento ou o voto seja rompido. Deus, porém, exige de nós que cumpramos tal juramento ou tal voto? Que Deus é esse, que se presta a serviços de testemunha de um depoimento ou de uma promessa solene, como se pudéssemos usá-Lo como oficial de justiça para pedir contas e castigar aquele que presta falso juramento ou que quebra um juramento ou um voto?

Quem exige juramentos ou um voto deseja intimidar um subalterno, como se tivesse Deus ao seu lado e como se Deus lhe fosse súdito. Não é possível que tal Deus exista. Quem o interpelar dessa maneira ou quiser forçar alguém a interpelá-Lo está se colocando acima Dele. Portanto, todos aqueles juramentos ou votos, quando ultrapassarem uma simples promessa ou confirmação, são nulos.

Já que, forçosamente, estamos, aqui, falando de Deus em imagens humanas, talvez pudéssemos e devêssemos também dizer: Ele deve à sua honra não se colocar a serviço de tais juramentos ou votos. Se, nesse caso, alguém merecer castigo, não são aqueles que quebram tal juramento ou tal voto e, sim, aqueles que os exigem e os demandam.

Aqui me deixei levar a falar do Divino de uma maneira que, mesmo entre seres humanos, seria desonroso. Quero agora me distanciar energicamente de tais pensamentos e curvar-me em profundo respeito diante daquilo que, embora pressentido por nós, deve permanecer insondável e inexplicável.

Ainda uma palavra sobre aquelas promessas que alguém faz para agradecer a Deus ou forçá-Lo a algo.

Promessas de agradecimento implicam que alguém quer fazer algo em pagamento por um resgate ou uma graça recebida. Acho que nada mais preciso acrescentar ao dito acima. Certamente, seria mais adequado e respeitoso receber, como imerecido, o presente dado, alegrar-se por ele e usá-lo em prol de si e dos outros.

Pior é com aqueles votos com os quais se quer obrigar Deus a conceder uma graça através de um sacrifício pessoal prometido. Crianças, às vezes, pedem a Deus que tire a sua saúde ou a sua vida, a fim de devolver a saúde a alguém ou mantê-lo vivo. É verdade que a criança, através de tal promessa ou voto demonstra seu amor, e este merece respeito. Porém, que imagem de Deus é essa que, aqui, está presumida e interpelada? Aqui a deslealdade e a renúncia à promessa ou ao voto seriam a fidelidade maior e, ao mesmo tempo, a fé maior.

**Pior**, ainda, é quando alguém faz um voto a Deus para sacrificar outrem, **caso lhe** confira uma graça. A Bíblia relata que o Juiz Jeftá fez um voto a Deus de que na chegada de uma vitória sacrificaria aquilo que primeiro lhe viesse ao encontro. E o que primeiro lhe veio ao encontro foi a filha e, fiel a seu voto, ele a sacrificou a Deus (Juízes 11, 29-11, 40).

Também hoje em dia ainda existe esse conceito, por exemplo, quando pais religiosos querem consagrar uma criança a Deus, para que Deus abençoe a família. Tal criança sente-se então, obrigada a entrar para um convento ou tomar-se sacerdote ou pastor e sente-se culpada, quando se esquiva ou se opõe a esse compromisso.

O que seria, pois, infidelidade e fidelidade aqui? Somente aquele que tem a coragem, perante o Deus adorado, de quebrar tais promessas ou votos e não se subjugar às promessas ou votos de outros é fiel ao humano e divino superior.

**EXEMPLO: A FÉ MAIOR<sup>1</sup>**

HELLINGER *para Juan* De que se trata, no seu caso?

JUAN Meus pais já são muito idosos. Meu pai sofre de demência senil. Ainda bem cedo na vida, quando criança, eu me desliguei dele e tivemos muito pouco contato um com o outro. Agora sinto muita responsabilidade por ele. Quero saber como conseguir me sentir conectado a ele. Hellinger Quantos anos você tem?

JUAN 26.

HELLINGER E quantos anos tem o pai?

JUAN 80.

HELLINGER E a mãe?

JUAN 73.

HELLINGER Você ainda tem outros irmãos?

JUAN Éramos oito irmãos. Os seis primeiros filhos eram de meu tio, o primeiro marido de minha mãe. Meu tio faleceu, e minha mãe ficou viúva durante 11 anos e, então, casou-se com meu pai. Desse casamento ainda vieram dois filhos: meu irmão, que morreu há sete anos e eu.

HELLINGER De que morreu o irmão?

JUAN Ele foi vítima de um acidente de trânsito.

HELLINGER De que morreu o tio?

JUAN De um infarto.

HELLINGER O seu pai já havia sido casado antes?

JUAN Ele era missionário.

HELLINGER Que missionário ele era, católico ou evangélico?

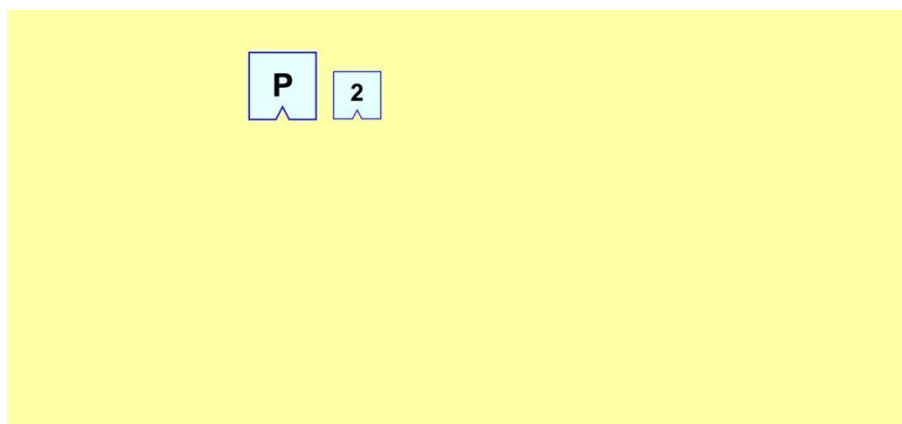
JUAN Católico. Ele era dos “Padres Brancos”.

HELLINGER Por que ele deixou a Ordem?

JUAN Creio que os ideais nada mais significavam para ele. Ele não mais se sentiu bem e quis retornar.

HELLINGER Bem, eu também já fui missionário. Ok, agora colocaremos duas pessoas: seu pai e você.

**Figura 1**



**P** Pai, segundo marido da mãe  
**2** Segundo filho do pai, oitavo filho da mãe (= Juan)

<sup>1</sup> Exemplo de um curso em Sevilha. Está também documentado em: Bert Hellinger: A outra fé. Alemão, com tradução em espanhol. 01 VHS - cassete, 40 minutos. À venda em Movements of the Soul- Video Productions – com: Harald Hohnen - Uhlandstr. 161, D- 10719 – Berlim.

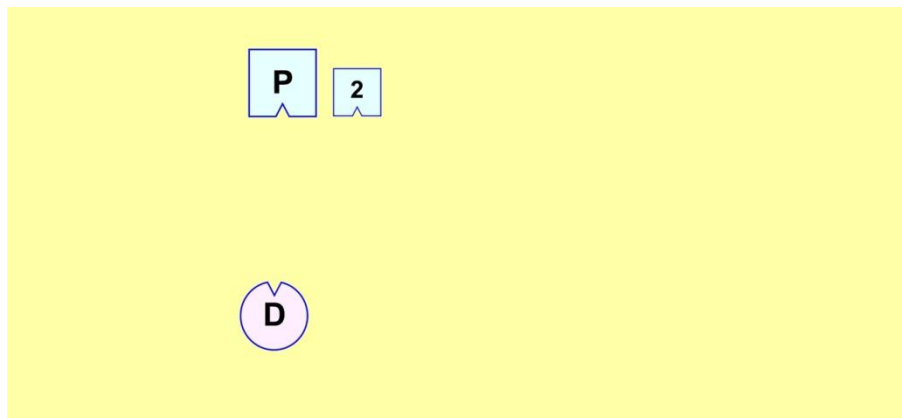
HELLINGER *para Juan* Você é religioso?

JUAN Não sei.

HELLINGER Ok, eu vi.

*Hellinger escolhe uma mulher como representante de Deus e a posiciona em frente aos outros.*

**Figura 2**

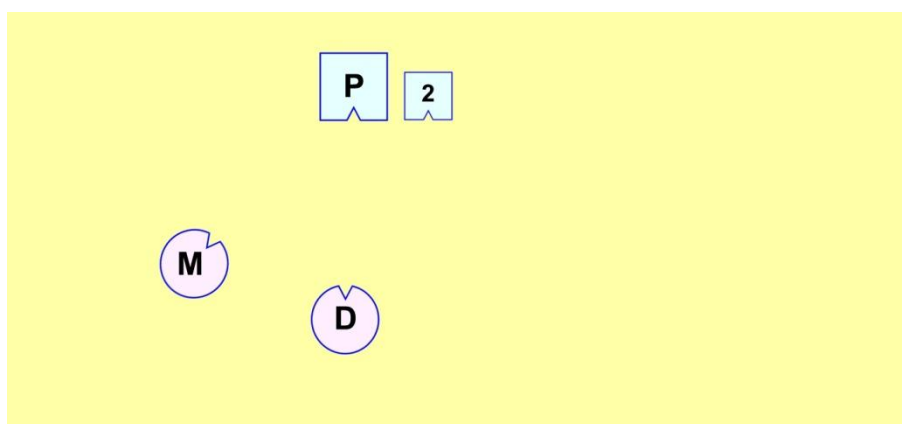


**D** DEUS

HELLINGER *quando alguns do grupo riem* Vocês devem ficar sérios, pois isto é uma coisa séria. *quando a representante de Deus quer se mover* Não se mova. Deus não se move.

*Após alguns instantes, Hellinger escolhe uma mulher como representante da mãe e a posiciona em frente aos outros.*

**Figura 3**



**M** Mãe

Hellinger *após alguns instantes para o pai* O que está se passando com você?

PAI EU gostaria de estar mais perto do meu filho.

Hellinger E o que se passa aqui ã frente, em direção a Deus?

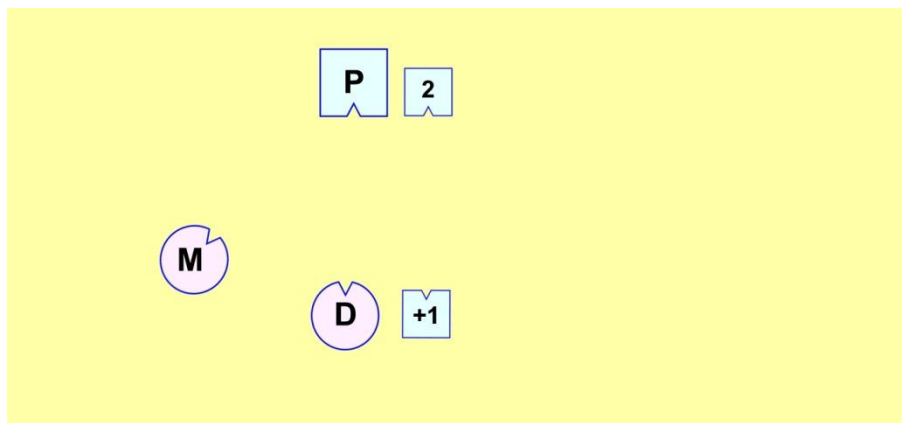
PAI Gostaria de ir até Deus com o filho.

HELLINGER *para Juan* Isto não é estranho?

*Juan está desnortado. Então Hellinger escolhe um representante para o irmão falecido.*

HELLINGER *para Juan* Este seria seu irmão que faleceu. Agora eu o coloco do lado de Deus.

**Figura 3**



+1 Primeiro filho do pai e sétimo da mãe, morto num acidente de trânsito

HELLINGER Como o pai se sente agora, melhor ou pior?

PAI Muito esquisito.

HELLINGER Melhor ou pior?

PAI Melhor.

HELLINGER *para Juan* Aí está o sacrifício do filho, para obter o perdão de Deus.

*após alguns instantes* E você teria sido o próximo. Seu pai queria ir com você até Deus.

*Juan faz que sim, acenando com a cabeça.*

HELLINGER *para Juan* Vou lhe contar uma história.

### A Fé Maior

*Certa noite um homem sonhou ter escutado a voz de Deus, que lhe dizia: “Levanta-te, toma teu filho, teu único e amado filho, leva-o para o alto da montanha que eu te indicarei e oferece-me esse filho em sacrifício!”*

*Pela manhã, o homem se levantou, olhou para seu filho, para seu único e amado filho, olhou para sua mulher, a mãe da criança, olhou para seu Deus. Tomou a criança, levou-a para o alto da montanha, construiu um altar, amarrou-lhe as mãos, puxou a faca e queria imolá-lo. Então, escutou uma outra voz e, em vez de seu filho, imolou uma ovelha.*

*Como olha o filho para o pai?*

*Como olha o pai para o filho?*

*Como olha a mulher para o homem?*

*Como olha o homem para a mulher?*

*Como olham para Deus?*

*E como Deus — se Ele existe — olha para eles?*

*Um outro homem sonhou, certa noite, ter escutado a voz de Deus, que lhe dizia: “Levanta-te, toma teu filho, teu único e amado filho, leva-o para o alto da montanha que eu te indicarei e oferece-me esse filho em sacrifício!”*

*Pela manhã, o homem se levantou, olhou para seu filho, seu único e amado filho, olhou para sua mulher, a mãe da criança e olhou para o seu Deus e, olhando-o, respondeu: “Isso eu não faço!”*

*Como olha o filho para o pai?*

*Como olha o pai para o filho?*

*Como olha a mulher para o homem?*

*Como olha o homem para a mulher?*

*Como olham para Deus?*

*E como Deus — se Ele existe — olha para eles?*

Qual dos dois pais tem a fé maior?

JUAN Para mim, o segundo.

HELLINGER Exato. Vá lá e coloque-se no seu lugar.

*quando Juan está em seu lugar* Diga a Deus: “Eu tenho a fé maior.”

JUAN EU tenho a fé maior.

HELLINGER Como Deus está se sentindo?

DEUS Bem.

HELLINGER *para Juan* Vou deixar como está. Ok?

*Juan faz que sim, acenando com a cabeça.*

HELLINGER *após alguns instantes, para o grupo* Quero dizer algo a respeito de Deus. E isto é muito ousado. Há muita gente que fala a respeito de Deus, como se soubesse algo sobre ele. Eu nada sei sobre ele, mas eu sei algo sobre as pessoas, e sei algo daquilo que se passa na alma das pessoas.

## Compensação e Amor

O que ocorre na alma humana é uma necessidade profunda de equilíbrio. Muito simples: quando alguém me dá um presente — e este pode ser o melhor possível — sinto uma necessidade profunda de compensar. Sinto-me mal até que presenteie o outro com alguma coisa. Quando eu lhe der um presente, sinto-me livre. Essa necessidade de compensação é a base de qualquer relacionamento. Sem essa necessidade de compensação não há troca de pessoa para pessoa, entre marido e mulher, entre pais e filhos. Esta necessidade profunda de equilíbrio atua em toda parte.

Essa necessidade de compensação está emparelhada com o amor. Quando o homem presenteia a mulher, ela tem a necessidade de, igualmente, presenteá-lo. E porque o ama, ela lhe dá um pouco mais. Agora é ele quem sente necessidade de compensar e, porque a ama, lhe dá um pouco mais. Assim, da união da necessidade de compensação com o amor, a troca vai aumentando e, com a troca cada vez maior, cresce a felicidade. Este é o segredo de um bom relacionamento a dois.

Entre pais e filhos é assim: os pais dão tanto aos filhos que estes não conseguem compensar. Então, o que fazem os filhos com essa necessidade? Casam-se e transmitem aos próprios filhos aquilo que receberam dos pais. Assim, a necessidade de compensação faz com que os pais deem muito aos filhos. Isso é bonito.

Essa necessidade de compensação tem um profundo significado para nossos relacionamentos, mas também tem um lado sombrio.

Quando alguém me faz algum mal, também tenho a necessidade de compensação. Fico maquinando uma vingança. Acontece que alguns não conhecem o segredo da correta compensação no mal e tratam o mal da mesma forma que tratam o bem. Assim, quando alguém lhes faz mal, eles não só lhe fazem o mesmo mal, mas, porque se sentem justificados, fazem um pouco mais. Com isso o outro tem o direito de voltar a fazer mal a eles e, porque se sente justificado, um pouco mais. E assim a troca no mal também se intensifica.

No entanto existe uma regra bem simples para a solução. Deve-se unir a vingança com o amor. Então, quando alguém me fere, devo também ferir a ele, mas, como eu o amo, causo-lhe um pouco menos de mal. Então o outro não mais tem direito de me ferir. Pelo contrário, a troca no bem pode recomeçar. Quem não retribuir àquele que lhe causou mal também com algo de mal coloca o amor em perigo. O perdão do mal coloca um ponto final na troca no bem. Assim, a vingança é necessária, porém com amor. É isso o que eu tinha a dizer acerca de relacionamentos humanos.

## O sacrifício dos filhos

Acontece que essa necessidade de compensação é projetada por muitas pessoas e religiões no destino e em Deus.

*para Juan* Assim, quando seu pai abandona a Ordem e continua na sua antiga fé, e sua mãe continua na antiga fé, e os filhos continuam na antiga fé, então eles irão pagar por isso, ou seja, vida por vida. Isso quer dizer, um filho é sacrificado. Mas não acontece somente que o pai sacrifica o filho, a família inteira tem a necessidade de compensar, sem que isso se torne consciente.

Toda a cristandade se fundamenta neste mecanismo: que o bem deve ser pago com a vida. Portanto, algo que é humano e apenas humano, ou seja, a necessidade de compensação é projetada para além do ser humano em algo maior, que nós nem conhecemos.

### A imagem de Deus

Imagine-se que imagem de Deus é esta, quando achamos que com um sacrifício desses, deveríamos pagar a Deus por algo que nos deu de presente ou por algo do qual nós nos apropriamos.

Posso lembrar-me de um acontecimento, quando era missionário na África do Sul. Havia construído uma igreja e queria conseguir uma imagem para ela na Alemanha. Estava imaginando algo similar à escultura que havia visto na igreja onde fui batizado. Representava três pessoas: Jesus na cruz, o soldado Longinus, que trespassava com uma lança o lado de Jesus e a mãe de Jesus, embaixo da cruz, que aparava seu sangue em um cálice. Pensava ser essa uma imagem linda, que talvez também combinasse com a igreja na África do Sul. Também havia encontrado um pintor de igrejas na Alemanha que estava disposto a pintar este motivo em tecido. Porém, antes de encomendar a pintura, fotografei a escultura e a mostrei para religiosas nativas de uma congregação na África do Sul. Elas ficaram horrorizadas com a foto: como é que uma mãe era capaz de fazer algo assim? Naquela hora, elas me deram um precioso ensinamento. Após o acontecido pensei que fora louco, mas, quando se está vivendo dentro de tal fé, não se percebe mais quão louca é uma coisa assim.

Qual seria a solução aqui? Deve-se renegar o Deus pequeno e voltar-se àquele maior, que permanece oculto para nós. Espero ter conseguido elucidar isso aqui.

### Destino

Existe essa mesma postura nas famílias em relação ao destino. Vou trazer um exemplo simples.

Um engenheiro comprou um carro Mercedes. Em sua família, isso constituía presunção. Um dia estava trafegando pela rodovia e um outro carro colidiu com ele. Ele se sentiu muito aliviado. Agora, perante o destino, ele pagara pelo Mercedes.

Quantas crianças há que, quando presenciaram que os pais estão doentes, fazem uma promessa a Deus dizendo, por exemplo: “Tome minha vida, para que minha mãe continue vivendo.” Isso é muito comum.

### O Deus maior

Imagino então como Deus contempla essas crianças.

*para Juan* Então, como se sente esse Deus? Fica debilhado em lágrimas ao ver algo assim.

Muita psicoterapia consiste no rompimento desses paradigmas. Ao mesmo tempo, isso aqui também é uma educação na fé ou uma educação religiosa, sem que saibamos para onde conduz. Porém, sabemos de onde afasta.



## EXEMPLO: OS GUERREIROS<sup>2</sup>

HELLINGER *a uma cliente* De que se trata?

CLIENTE Nunca tive um relacionamento com meu pai.

HELLINGER O que aconteceu?

CLIENTE Ele morreu quando eu tinha nove anos.

HELLINGER De quê?

CLIENTE Foi um acidente, e acredito que provavelmente foi um suicídio. HELLINGER Como aconteceu o acidente?

CLIENTE Meu pai era redator e trabalhava à noite na redação. Segundo seus colegas, ele quis se equilibrar no corrimão da escada e caiu. Isto aconteceu exatamente no aniversário da morte do primeiro marido da minha mãe, a quem ela havia amado muito. Ele morreu na guerra, cometendo suicídio.

HELLINGER Por quê?

CLIENTE Minha mãe contou que, como ele lutava na Rússia e estava diante da escolha de matar ou ser morto, decidiu por ser morto. Ele correu da trincheira para o *front*, para a linha de tiro.

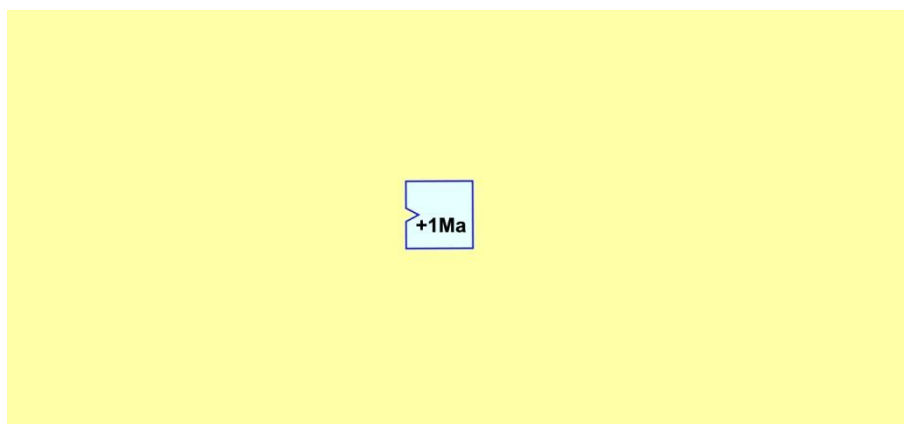
HELLINGER É assim que faziam aqueles que tinham culpa no cartório. CLIENTE Só sei coisas muito boas dele — claro que não o conheci —, mas porque minha mãe o amou muito.

HELLINGER Em que ano foi isso?

CLIENTE 1941.

HELLINGER Vamos colocar esse primeiro marido da mãe, sozinho.

Figura 1



+1Ma Primeiro marido da mãe, morto na guerra

HELLINGER Então, esse seria o primeiro marido da sua mãe. O que mais você queria dizer?

CLIENTE Que meu pai, a quem ela desposou depois, foi o melhor amigo dele.

HELLINGER Então ele também estava na guerra.

CLIENTE Sim, eles estavam juntos na guerra.

HELLINGER Em qual unidade?

CLIENTE Não sei. Isso tudo foi antes de eu nascer.

HELLINGER Às vezes se ouve dizer.

CLIENTE Não sei, na Rússia, mas não sei onde.

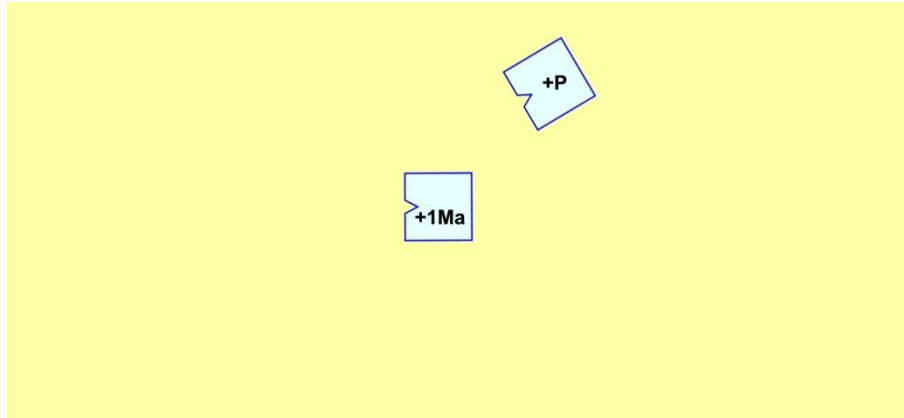
<sup>2</sup> Exemplo de um curso em Berlim. Está também documentado em: Bert Hellinger: A guerra. 01 VHS-cassette, 55 minutos. À venda em Movements of the Soul - Video Productions — com Harald Hohnen - Uhlandstr. 161, D-10719 — Berlim.

HELLINGER Algum deles era oficial?

CLIENTE Sim, ambos eram oficiais.

HELLINGER *para Harald Hohnen* O código de honra dos jovens oficiais incluía que deveriam andar em cima da trincheira até serem abatidos. A sobrevivência média de um oficial no *front* era, acredito, trinta horas. *à cliente* Vamos colocar seu pai aí do lado.

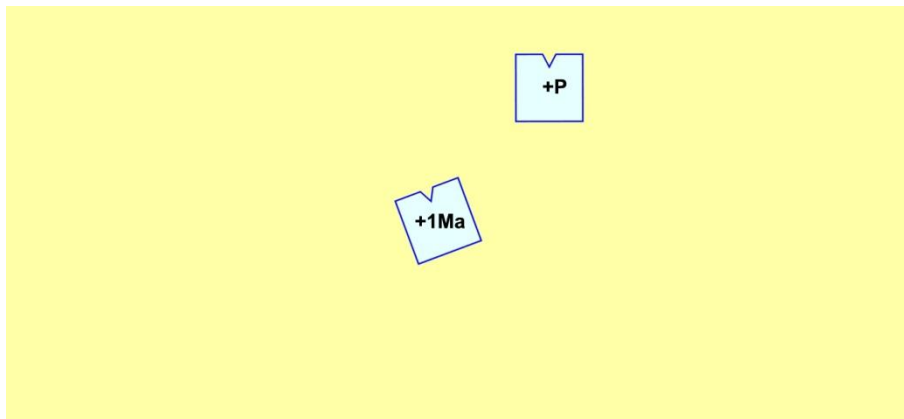
**Figura 2**



+P Pai que suicidou

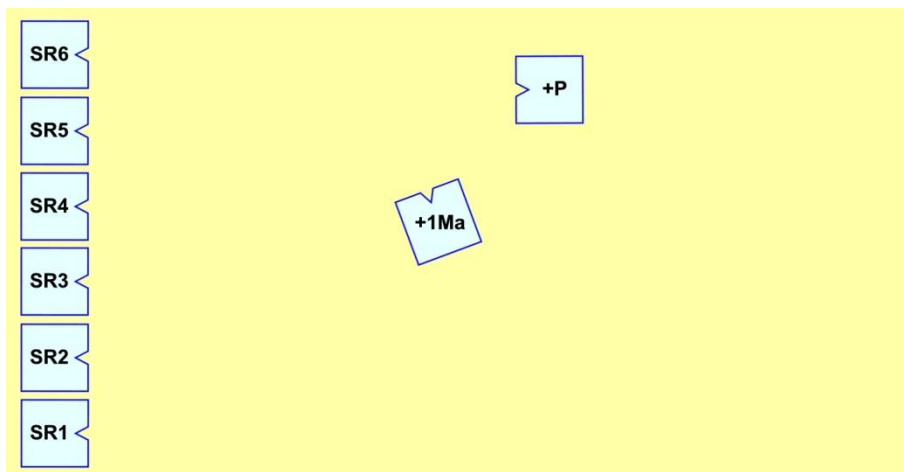
*O primeiro marido da mãe olha na direção do seu amigo, o pai da cliente, que não ousa fitá-lo. O primeiro marido se vira um pouco para o seu amigo, que cambaleia. Ele estica o braço para o amigo e como este não reage, encolhe o braço. O amigo começa a cambalear novamente, dá dois passos para trás, vira para o lado e dá dois passos à frente.*

**Figura 3**



*Hellinger escolhe seis representantes de soldados russos e os coloca em frente aos dois oficiais.*

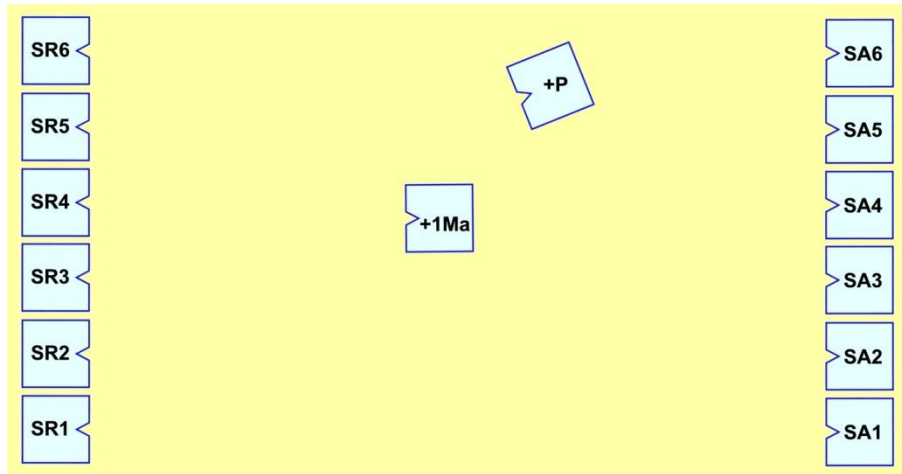
**Figura 4**



**SR1** Primeiro soldado russo etc.

O primeiro marido olha alternadamente para os soldados russos e para o seu amigo. Também este olha para os soldados russos e se vira para eles. Depois de algum tempo, Hellinger escolhe seis representantes de soldados alemães e os coloca atrás dos oficiais, em frente aos soldados russos.

**Figura 5**



**SA1** Primeiro soldado alemão etc.

O pai da cliente agora se vira para os soldados alemães. Os soldados de ambos os lados se olham silenciosamente por bastante tempo.

HELLINGER depois de algum tempo, para os representantes Sigam o movimento, conforme for, quando ele aparecer.

O quarto soldado russo cai no chão e se deita de costas.

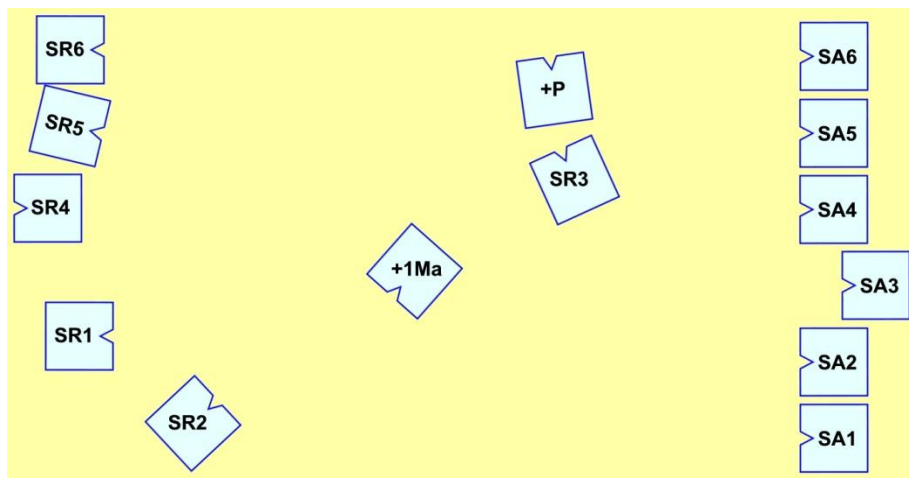
O quinto soldado russo cai de joelhos, abaixa a cabeça e olha para baixo.

O terceiro soldado alemão dá um passo para trás.

O segundo soldado alemão se desliga do grupo e fita o primeiro marido da mãe. Ambos se medem com o olhar.

O terceiro soldado russo se posta atrás do pai da cliente que, enquanto isso, já deu as costas para os soldados alemães e abaixa a cabeça.

**Figura 6**



O pai da cliente cai e se deita de costas. Depois disso, o terceiro soldado russo volta ao seu lugar. Enquanto isso, também o quarto soldado russo cai e deita-se de costas.

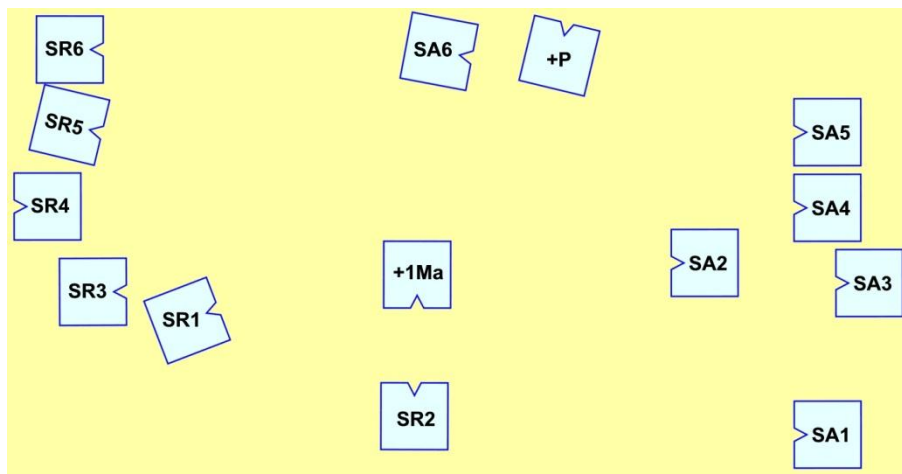
Também o quinto soldado alemão cai e se deita no seu lado esquerdo. O pai da cliente se deita no lado esquerdo, voltado para os soldados alemães.

O segundo soldado russo segura o primeiro, porque este está cambaleando, mas depois de algum tempo o solta.

Enquanto isso, o terceiro soldado russo cai e fica deitado de costas.

Os grupos começam a se movimentar. O segundo soldado russo se aproxima lentamente do primeiro marido da mãe. O sexto soldado alemão se agacha ao lado do pai da cliente e olha para ele.

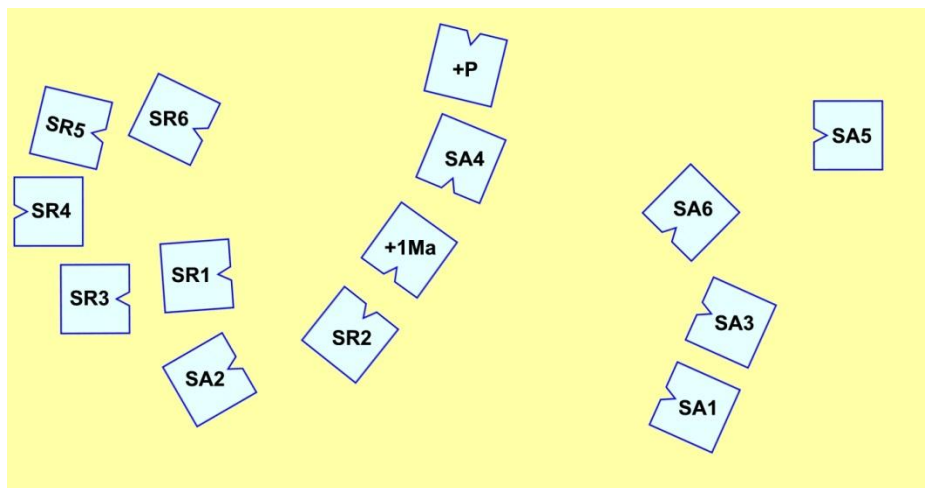
Figura 7



O segundo soldado alemão põe a mão no ombro direito.

O segundo soldado russo e o primeiro marido da mãe encaram-se e aproximam-se ainda mais. Eles giram um em torno do outro e são como que apoiados pelos outros soldados dos seus grupos, como se estivessem numa briga.

Figura 8



O segundo soldado alemão se retira novamente. O primeiro soldado russo abre os braços, como se estivesse protegendo o segundo soldado russo de ataques pela retaguarda.

O primeiro soldado alemão coloca as mãos nos ombros do primeiro soldado russo e do primeiro marido da mãe, como se quisesse aproximá-los. O segundo soldado russo olha brevemente para o primeiro soldado russo e dá as mãos ao primeiro marido da mãe. O primeiro soldado russo levanta o punho, como se quisesse impedir isto. O segundo soldado russo e o primeiro marido da mãe se seguram pelos braços e se fitam fixamente. Depois de algum tempo, o primeiro marido da mãe pega na cabeça do segundo soldado russo, puxando-o contra sua testa.

O primeiro soldado russo começa a tremer. Ele e o sexto soldado alemão se encaram.

O segundo soldado alemão e o primeiro marido da mãe se soltam um pouco e se olham nos olhos. Então o segundo soldado russo encosta o rosto no do seu adversário, e este coloca a cabeça no ombro daquele. Depois de algum tempo se separam e se ajoelham.

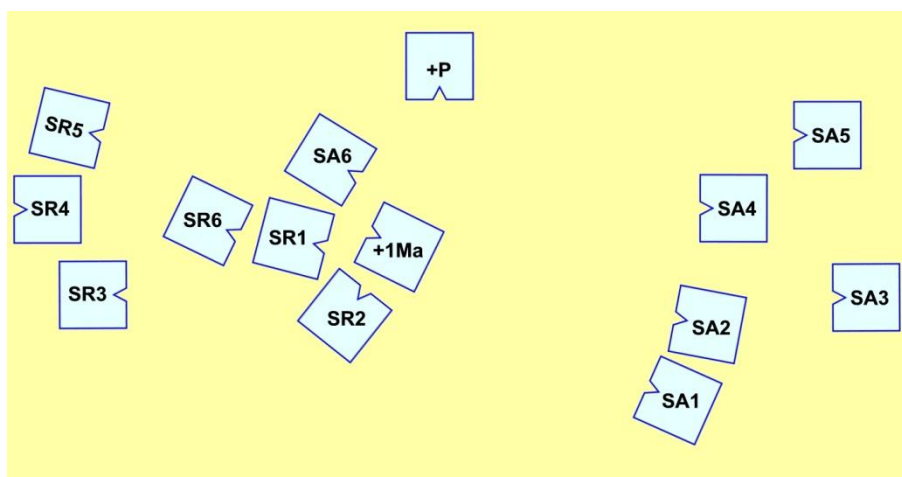
Enquanto isso, o sexto soldado alemão deu a mão ao primeiro soldado russo. Este abriu o punho direito e teve o ombro segurado, por trás, pelo sexto soldado russo.

O segundo soldado russo segura o primeiro marido da mãe pelos braços, que os abaixa. O primeiro soldado alemão abre os braços num gesto convidativo. Então, o primeiro marido da mãe cai no chão.

O segundo soldado alemão se adianta novamente, ainda pressionando seu ombro direito com o braço esquerdo e soluça alto.

Enquanto isso, o pai da cliente sentou-a e olha na direção dos soldados alemães.

Figura 9

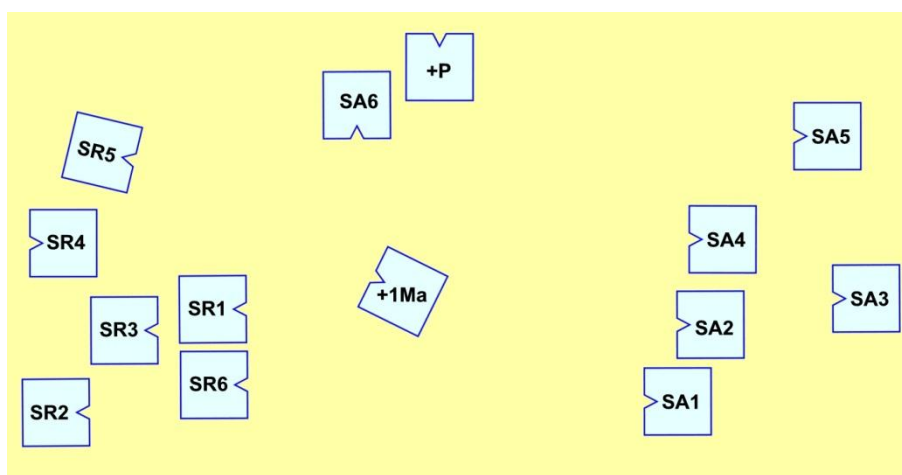


O primeiro marido da mãe se endireita um pouco e olha na direção do segundo soldado alemão. Este retrocede um passo e sacode a cabeça de maneira repreensiva. Então o primeiro marido da mãe olha novamente para o segundo soldado russo e se deita de novo.

O terceiro soldado alemão olha por um longo tempo para o pai da cliente. Depois, o segundo soldado russo se levanta, reunindo-se com seus dois companheiros que ainda estão de pé e recua com eles.

O primeiro marido da mãe está deitado de costas como se estivesse morto. Também os soldados alemães recuam um pouco. O pai da cliente vira as costas para todos e olha para fora.

Figura 10



HELLINGER *depois de algum tempo, para os representantes* Eu vou interromper aqui, mas fiquem nas suas posições, por enquanto. Agora vou perguntar a vocês o que aconteceu internamente com cada um. *ao primeiro marido da mãe* O que houve com você?

PRIMEIRO MARIDO DA MÃE Muita coisa. A frase que me veio, quando fui caindo no chão, foi: “É muito difícil despedir-se do heroísmo.” Quanto aos movimentos, na verdade não vi nenhum, primeiro só o amigo. Não entendi porque ele não participou. Aí pensei: “Então faço sozinho.” Não havia medo de

enfrentar os russos. Praticamente não notei os alemães atrás de mim. Eu estava preparado para ir até as últimas consequências. Eu sabia desde o início que um dos soldados russos era perigoso. Quando caí ao chão, estava claro que tudo tinha terminado. Eu também quis comunicar aos outros que havia terminado.

HELLINGER *ao pai da cliente* O que houve com você?

PAI Agora que ouvi meu amigo falar, inicialmente gostei muito dele. Ele fala de algo que acho agradável agora. Quando ele fala de heróis e heroísmo, eu penso: que bobagem, é simplesmente agradável como está agora. Eu só fiquei girando o tempo todo, sempre girando. Havia tanto caos, acontecia tanta coisa! Agora, pela primeira vez, vejo um espaço. Ele é largo, fresco e grande, é como uma abóbada. Eu quis levantar uma vez nos intervalos e gritar e correr contra os outros. Depois quis pular do palco. Eram várias ideias, mas nada funcionou. Eu só fiquei girando. E agora, na minha frente, é agradável.

HELLINGER *ao segundo soldado russo* Com você?

Segundo soldado russo EU tive o desejo incontrolável de matar. Eu pensei: “É minha terra e este é o meu lugar.” No movimento em direção a ele — ele era o mais perigoso — não vi meus outros companheiros, só os vi no começo. Eu pensei: “Tenho que pegá-lo, não importa como.” Isto foi muito custoso. Realmente me despedacei internamente com isso. Quando nos olhamos — olhamos e olhamos —, era uma luta sem fim e eu simplesmente desabei. Foi simplesmente custoso. Depois senti uma simpatia muito forte e a sensação de consentimento. Após isso, só me importavam as vítimas do nosso lado. Eu ainda tinha força, mas (*suspira fundo*) estava mais maduro ou algo assim. Nem sei o que dizer a respeito.

Hellinger *ao terceiro soldado russo, que está deitado no chão* E com você? Terceiro soldado russo EU pensei: “Ele (*o pai da cliente*) será sacrificado.” Mas não entendo o que eu procurava aí. De algum modo eu tinha que ir até lá, e pensei: “Preciso salvá-lo.” Então, fui atingido.

HELLINGER *ao primeiro soldado russo* Com você?

Primeiro soldado russo Começou com medo e continuou com muita tensão. Depois senti que teria um duelo com ele (*o primeiro marido da mãe*). Aí os meus pés cederam para o lado e ele (*o sexto soldado russo*) me amparou. Então senti que os outros se tornaram perigosos para ele (*o sexto soldado russo*). Senti que precisava proteger as costas dele. Nessa situação aqui, nessa luta (*entre o segundo soldado russo e o primeiro marido da mãe*), meu braço sempre se levantava, como se fosse desferir um golpe. Também tive apoio dele (*do sexto soldado russo*). Depois que surgiu uma espécie de sentimento de conciliação consegui me livrar de um pouco da tensão e dar a mão ao soldado estrangeiro. Então, houve uma desilusão profunda e agora este recolhimento e apenas olhar essa calamidade. SEXTO SOLDADO RUSSO Para mim foi importante, o tempo todo, ficar perto dos meus amigos, Era minha única orientação. E teve um do qual senti pena desde o *am&k{opai da cliente}*). Senti pena dele.

QUARTO SOLDADO RUSSO Me senti ameaçado e também logo fui baleado e morto.

QUINTO SOLDADO RUSSO Primeiro tive muito medo dos alemães. Então fui ferido, mas não morri e, durante todo o tempo, tive uma raiva louca, impotente. Foi bom ter sentido meus companheiros aqui, mas foi simplesmente terrível.

HELLINGER *ao sexto soldado alemão* E com você?

SEXTO SOLDADO ALEMÃO Desde o início tive dois impulsos. Primeiramente fui atraído pelos oficiais (*o segundo soldado russo e o primeiro marido da mãe*) também com compaixão. Claro que sabia que eles talvez fossem nos sacrificar, mas em algum lugar havia uma concordância. Muitas vezes me surgiu a frase: “É a guerra.” E também fui atraído pelos russos, mas percebi que tinha que ser cauteloso — não podia simplesmente ir para lá, no entanto, sempre tentei ver se havia algo como um convite ou um acordo para eu me aproximar. Depois que os dois oficiais fizeram isso, ficou mais fácil. Também funcionou com ele (*o primeiro soldado russo*). Antes disso foi uma mistura de desespero e impotência e também de espanto. Quando nos demos a mão, muita coisa se soltou e eu pude fazer luto. Foi amargo, muito amargo. Meu olhar mudava de um lado para o outro: os mortos de cá e os mortos de lá; os companheiros aqui, os russos lá. HELLINGER *ao quinto soldado alemão, que está no chão* E com você?

QUINTO SOLDADO ALEMÃO Primeiro me veio: “Vocês não vão me pegar tão facilmente, quero sobreviver, também com os companheiros ao meu lado.” Então, fui atingido muito rapidamente. Não morri logo, mas não pude fazer mais nada. Foi terrível, eu estava entregue, desamparado, sem força alguma, mas não estava morto.

QUARTO SOLDADO ALEMÃO Me senti muito vazio, quase não senti nem um inimigo e nem um amigo. No começo fiquei bem imóvel e, quando pude me mexer um pouco, tive o impulso de me retirar e ver a coisa mais de longe, porque não queria ter nada a ver com aquilo.

TERCEIRO SOLDADO ALEMÃO Logo no início tive com ele (*o pai da cliente*) uma sensação estranha de “com este não.” Inicialmente fiquei bem atrás dele (*o primeiro marido da mãe*), segundo o princípio “Eu o ajudo, vou seguir você.” Mas quando começou a cena de confraternização só restou desprezo por ele. Notei também que havia uma tensão bem forte a respeito dos outros lá (*os russos*), mas não havia mais ódio. Agora me parece que aqueles lá me respeitam mais do que meu oficial aqui.

Segundo soldado alemão Comigo aconteceu muita coisa. No início tive muito medo. Ele (*o primeiro marido da mãe*), que era um oficial, foi primeiro para frente, nesse momento, senti que ia nos mandar para a morte. Mas então ele se virou e eu senti uma resignação. Pensei: “Ok, então vamos mesmo para a morte.” Então os dois se encararam e tive a sensação de que eu tinha que ajudá-lo. Eu queria ter colocado minha mão entre eles. Eu pensei: vou com ele e aí o pegamos, ele não pode fazer isso. Então fui baleado. Tive a sensação de que meu braço direito pendia e que eu tinha um furo aqui (*aponta o ombro direito*). Então tentei, pelo menos, rodear o outro. Eu tinha muita adoração pelo meu oficial, eu o amava, era meu líder, ele era tudo, eu teria morrido por ele. Vi que ele estava levando a pior e que estava começando a gostar do outro. Não pude ficar vendo isso e precisei ir embora. Então percebi que ele estava perdendo, estava simplesmente nos abandonando e o desprezei. O tempo todo tive ímpeto de dizer para ele: “Seu porco, seu porco, seu porco.” Estava completamente desesperado. E ainda estava querendo me levar com ele para a morte. Então falei: “Não, agora chega.” Aí, tive o impulso de que precisávamos fazer algo juntos, tínhamos que ver que eles já estavam tão na frente, tínhamos que nos unir. Olhei novamente para o outro oficial (*o pai da cliente*) e vi: aquele não vai fazer nada. Então tive o sentimento: “Eu faço, mas não consigo.” E assim veio algo assim como: “Ok, então a morte.”

PRIMEIRO SOLDADO ALEMÃO Meu primeiro impulso foi cair fora. Eu não confiei nele (*o primeiro marido da mãe*), me senti traído e não queria ter mais nada a ver com ele. Quando se desenvolveu a situação do duelo, meu impulso foi de chegar mais perto e criar uma reconciliação, juntá-los de algum modo. Desde o início não tive medo dos russos. Comigo havia também o impulso de ir para lá, somos todos humanos. Quando a reconciliação entre os dois aconteceu, o impulso foi de aproximá-los ainda mais. Então fiz quase que um gesto de bênção. Não tinha esse quadro amigo — inimigo, nem um pouco. Mas no começo pensei: “Seu *bundão*, você está nos enganando.”

HELLINGER *ao primeiro marido da mãe* Você quer dizer algo mais? PRIMEIRO MARIDO DA MÃE Aqui fica um sentimento de imensa solidão e também de fraude, de ter sido enganado. Era isso que queria acrescentar.

HELLINGER *aos representantes* Vocês podem sair da situação e obrigado a todos.

*à cliente* Claro que isto ultrapassou muito a sua situação.

CLIENTE Ainda não sei nada sobre o relacionamento entre meus pais e qual era o relacionamento do meu pai conosco, seus filhos.

HELLINGER *para o grupo* Quão pequeno em vista do que aconteceu! Que mesquinho! Ela não tem nenhuma simpatia pelos soldados. *à cliente* Então você também terá sua recompensa apropriada.

*A cliente faz que sim, abalada.*

HELLINGER *ao grupo* O que sucedeu aqui não precisa de comentário e também não se pode tentar comentar. É complexo e grande demais o que acontece ali.

## Os movimentos da alma

Pudemos acabar de observar o que são os movimentos da alma, que eles vão muito além de nossas teorias e de nossa imaginação acerca do bem e do mal. Que nos mostram o quanto estamos inseridos em grandes movimentos que são comandados de longe e aos quais devemos nos ajustar,

assim como são. Então resulta deles o desengano, que aqui ficou patente, de nossos ideais e da nossa grandeza e o quanto estamos inseridos em algo que nos conduz e sustenta, exige e sacrifica, conforme o caso. Isso nos torna muito despreziosos. Este olhar para aquilo que sustenta e move o essencial nos proporciona uma outra imagem das forças que nos governam, qualquer que seja o nome que lhes dermos. Deus ou o segredo ou como queiramos chamá-lo não é bonzinho do jeito que desejamos. É grande demais para ser simplesmente amável.

Ao mesmo tempo, quando observamos esses movimentos, quanta grandeza houve em cada um deles, de ambos os lados! Quanta grandeza, que em muito ultrapassa aquilo que entendemos por uma vida feliz ou afetuosa ou boa! Aqui fica demonstrado que somos conduzidos por forças não apenas boas ou amáveis e sim poderosas, cujo ímpeto passa por nós e que têm como meta algo distinto de nós. E é justamente nos ajustando a elas que conseguimos apoio e nosso próprio movimento.

No final gostaria de contar uma história da qual foi tirada a citação que serviu de tema a este curso e talvez ela possa, ainda, elucidar algo sobre o que se passou aqui.

### O Círculo

*Um homem angustiado perguntou a alguém  
que o acompanhava num trecho do mesmo caminho:  
“Diga-me, o que importa para nós?”*

*O outro lhe respondeu:  
“Primeiro importa, que estejamos vivos por algum tempo,  
para que nossa vida tenha um início, antes do qual muito já havia,  
e que, quando ela terminar, retorne ao Muito antes dela.  
Pois como num círculo, quando este se fecha,  
seu fim e seu início se tornam um só igual,  
assim o Após de nossa vida se integra sem costura a seu Antes,  
como se não houvesse intervalo entre eles:  
por isso é só agora que temos tempo.*

*A seguir importa que aquilo, que empreendemos no tempo,  
com o tempo foge de nós  
como se pertencesse a um outro tempo  
e nós, onde imaginamos agir,  
fôssemos erguidos apenas como um instrumento,  
usados para algo além de nós,  
e depois colocados de volta.  
Liberados, somos concluídos.”*

*O homem angustiado perguntou:  
“Se nós e o que nós empreendemos,  
cada qual existe a seu tempo e se encerra,  
o que importa, quando nosso tempo finda?”*

*O outro disse:  
“Importa o Antes e o Após  
como um Semelhante.”*

*Então os seus caminhos se separaram  
assim como seu tempo,  
e ambos pararam  
e se aquietaram.*



## A ALMA

A alma move. Tudo aquilo que se move a partir do seu interior, tudo aquilo que surge, cresce e desaparece é movido por ela. A alma se move, portanto, dentro do tempo em direção a metas e em conformidade com uma ordem que lhe é, individualmente, preestabelecida. A alma, se a entendermos também como o princípio motriz do todo, preestabelece esta ordem a cada elemento que será movido. Também o todo se move de tal forma que os movimentos individuais se completam e se condicionam mutuamente, de maneira que todos os movimentos em conjunto se deslocam em direção a uma meta e a um fim.

A alma, portanto, não pode ser nada individual, não pode ser nada que pertença ao elemento que se move. A alma simplesmente se mostra de maneiras diversas, por exemplo, em uma planta singular, em um animal singular, em um ser humano singular. Da mesma maneira como se mostra em uma planta singular, em um animal singular, em um ser humano singular; ela se mostra em conjuntos e unidades maiores, os quais mantêm coesos e que move em conjunto, por exemplo, na maneira como interconecta muitas plantas singulares e animais singulares e a humanidade como um todo. Mas, também, ultrapassando e transcendendo a espécie, evidencia-se uma alma em comum, por exemplo, em um biótopo, uma comunidade de várias espécies e para o ser humano, na comunidade de uma família e estirpe, na comunidade de um povo, na comunidade de muitos povos e na humanidade em geral. Ela aparece também na comunidade do ser humano com sua ambiência, com seu meio-ambiente e com a natureza.

O que seria importante para o ser humano, se levássemos isso em consideração? Que ele observe os movimentos da alma tanto em sua família como também na comunidade maior dos seres humanos e também em seu meio-ambiente. Que se submeta a eles, que os deixe agir plenamente e que obedeça a sua ordem.

Isso, porém, é menos um processo ativo que inativo. Isso quer dizer: antes deixar a alma atuar através de nós do que nos antecipar, por assim dizer, a ela. Então, nossa ação resultará de uma concentração interior e da resposta a um impulso da alma, seja partindo agora de nosso interior ou nos confrontando exteriormente como uma tarefa inevitável.

Como os movimentos da alma percorrem um ciclo de desenvolvimento, isso quer dizer também que movimentos anteriores e desenvolvimentos anteriores são substituídos por novos, posteriores e que nosso apego a fases anteriores nos impede de reconhecer as fases posteriores e de nos confiar a elas.

Sobretudo, em nosso caso, é o apego à consciência do inconsciente coletivo, à nossa cegueira relativa aos limites de nossa consciência pessoal consciente e às religiões ou ideologias criadas sob a influência dessas duas consciências que nos tornam cegos e fechados aos movimentos da alma, em nossa época.

Para estarmos abertos aos movimentos da alma e tomarmos-nos permeáveis a eles e para que nos permitamos ser colocados a seu serviço, necessitamos da coragem de observar como as consciências, as religiões e as ideologias manipulam as pessoas, por mais importantes que muitas daquelas possam ter sido em sua época. Devemos observar como dividem, como sacrificam uns aos outros, como contrariam a equivalência essencial e igualdade de todos os seres humanos e, portanto, são a origem de muitas guerras e sacrifícios. Somente essa coragem nos capacita a perceber as limitações das religiões e das ideologias e, em harmonia com os movimentos da alma, servir àquilo que valoriza, respeita, apoia e une todos os seres humanos, pois os reconhecemos como amados e movidos pela mesma alma.

A palavra-chave para tal é: purificação.

## Aforismos: A Alma

Quanto mais alguém possui, mais fraca fica sua alma.

O sofrimento é maior que o milagre.

O Eu quer, a alma tem.

As coisas perdem, quando as possuímos.

Quando alguém diz: “Eu tenho uma alma”,  
é como se um rio dissesse: “*Eu* tenho a água”.

A mente é rápida e, muitas vezes, errática, a alma é lenta e certa.

Nenhum terapeuta faz justiça à riqueza da alma.

A alma é larga.

A alma é sempre sadia.

## A MORALIDADE

Quando falamos de moralidade, não raro somos acometidos facilmente por uma sensação de estreiteza e submissão, de obediência e liberdade restrita. Relacionamos, então, a moralidade com mandamentos cumpridos, muitas vezes externamente impostos. Vivenciamos esta moralidade como exigência, assim como se estivéssemos rodeados por pessoas exigentes e isolados como indivíduos únicos dentre eles. Não é de se admirar que esta moralidade pouco tenha de atraente para nós.

Pode-se, também, vivenciar a moralidade de modo completamente diferente. Moral é aquilo que corresponde aos costumes e que possibilita a convivência humana. Dentro de uma comunidade, essa moralidade dá lugar e segurança a todos e os toma iguais. Essa moralidade, como postura, nada mais é do que amor ao ser humano, conforme uma expressão de Confúcio. Alarga o coração e nos abre para o “você”. Integra-nos à comunidade dos seres humanos, pois considera todos como iguais, com dignidade igual, necessidades iguais, merecedores de igual atenção e direitos iguais. Por isso, nos sentimos bem em meio a tais pessoas moralistas. Ao lado delas podemos afirmar, juntamente com Goethe: “Aqui sou humano, aqui posso sê-lo.” Quem ama a si mesmo e aos outros desta maneira respeita a moral e a ordem, enquanto estas servem ao convívio e o facilitam.

Nesse sentido, imoral seria aquele que contraria os bons costumes, ou seja, quem se eleva acima de outras pessoas, negando-lhes o reconhecimento de sua dignidade, de seu lugar, de suas necessidades e de seus direitos. A pessoa imoral se posiciona fora da comunidade com os demais e, em consequência, perde seu lugar e sua segurança.

Talvez aqui possa citar mais um dito de Confúcio, mostrando que a verdadeira moralidade é modesta e humana. Diz ele: “O nobre não exige perfeição de pessoa alguma.” Tal moralidade é atenciosa, encoraja e suaviza.

## O DEVER

Quando pensamos em dever, às vezes, arrepiamos, pois sentimo-nos presos e limitados, já que houve experiências com dever e com referências sobre dever que justificam tais sentimentos, sobretudo quando a exigência do cumprimento de um dever veio acompanhada de ameaça de castigos.

Porém, podemos ter um enfoque bem diferente dos deveres, e eles se tomam comuns e simples. Tais deveres resultam de um vínculo e do amor recebido. Também o vínculo é um resultado do amor. Quando um homem e uma mulher se amam, é criado um vínculo que se aprofunda ainda mais, quando seu amor se completa em um filho. Assim, o homem está vinculado à mulher e a mulher ao homem, e, como pais, estão vinculados a seu filho e o filho a eles. Porém, é um vínculo resultante do amor. Desse vínculo e desse amor resultam tanto deveres quanto direitos. O dever aqui acompanha o amor, é amor manifesto. E o direito resulta desse amor manifesto e do dever cumprido. Por isso, assim como na relação entre homem e mulher e entre pais e filhos, o vínculo e o amor são recíprocos; assim também o dever entre eles é recíproco, e recíproco também é o direito ao cumprimento dos deveres que resultam do vínculo e do amor recíprocos. Portanto, onde o amor é ativo, os deveres recíprocos são cumpridos de bom grado e os direitos recíprocos são reconhecidos e concedidos de bom grado.

Quando o homem ama a mulher e a mulher ama o homem, eles também amam o filho. Os deveres para com o parceiro e para com o filho se tomam então, fáceis. As exigências e expectativas mútuas aqui permanecem dentro do âmbito do amor. Não o ultrapassam. É por isso que os deveres que dele resultam também não se tornam um fardo. Fazem parte da consumação do amor.

O significado de amor, dever e direito experimentamos, fundamentalmente, dentro de nossa família. A família fornece o modelo para o amor, o dever e o direito apropriados. Amor, dever e direito aqui são sempre recíprocos, e o dever e o direito não ultrapassam a medida colocada pelo amor e pelo vínculo.

Podemos aplicar este modelo também à família ampliada, por exemplo: às amigas, aos relacionamentos profissionais, ao nosso povo e, em última análise, à humanidade como um todo. Desvios deste princípio empobrecem as comunidades humanas. Onde, por exemplo, predomina a exploração, o cumprimento do dever se toma um fardo e é evitado ou reduzido, dependendo do poder que resta aos explorados. Outrossim, quando o cumprimento do dever for negado com o fim de prejudicar, quando uma posição de poder for aproveitada sem considerar as consequências sobre pessoas inocentes, o amor e o cumprimento do dever recíproco serão prejudicados após o término do conflito.

Dever sem amor pouco pode. Somente o amor o torna enriquecedor e belo.

## **Aforismos: *Bem e Mal***

O pecado não deixa o puro descansar.

Muitas vezes os melhores são um pouco piores.

Quem se sente melhor, expia.

Penitência é egoísmo.

Frequentemente o desamparo é um disfarce para o mal.

Para alguns que reclamam, é preferível nenhuma  
solução a uma boa solução.

Superar às vezes significa: vingar-se mutuamente.

Quem é contra algo, está próximo deste.

## A AJUDA

Ajudar é perigoso, pois pode ser uma intervenção no movimento de uma outra alma e pode perturbar esse movimento. Portanto, quando desejo ajudar, devo primeiro entrar em harmonia com a alma do outro e aguardar que a sua alma entre em harmonia com a minha, até que ambas estejam na mesma vibração. Então, posso conduzi-lo em harmonia com a minha alma e com a dele, somente como acompanhante de sua alma e somente até onde a sua alma e a minha permitirem.

Quando ajudo, posso sentir se estou em harmonia com minha alma se durante a ajuda puder estar absolutamente calmo e puder parar a qualquer momento. Quando avanço em demasia, percebo que minha alma se retrai, que ela fica irrequieta, que começo a pensar, ao invés de agir. Então, não estou mais em harmonia com minha alma nem em harmonia com a alma do outro.

Quando o outro ficar irrequieto, sei que ele também não está em harmonia com a sua alma. Então, paro imediatamente.

Às vezes, quando quero ou preciso ajudar alguém, quando as circunstâncias me obrigam inexoravelmente, percebo que devo empreender passos que são perigosos e, para isso, é necessário coragem. Esses passos são perigosos à medida que sei que uma outra pessoa que está presente, porém que não está em harmonia com a sua alma, possa mais tarde me repreender, talvez até me acusar, porque estou fazendo algo que ele(a) julga ser errado, apesar de ele(a) mesmo(a) não se comprometer com o que o cliente necessita e quer. Então talvez comece uma disputa de poder comigo à custa do cliente e sacrifique o bem do cliente à sua concepção. Frequentemente encontramos isso naquelas pessoas que pertencem a uma escola específica e que constroem suas teorias, em parte, sobre dogmas. Então exigem de mim que compartilhe desses dogmas e os siga, apesar da realidade imediata não o justificar.

Portanto, por um lado o ajudar necessita da harmonia e, por outro, da coragem. Necessita também da prontidão para interromper onde a harmonia cessar, pois não sabemos o que é apropriado para cada indivíduo. Quando a harmonia cessa, a ajuda também deve cessar. Então, desistimos do ajudar.

Quando me sinto responsável por alguém depois de tê-lo ajudado, dentro dos limites que ressaltai, passo a exercer um papel que não me cabe. De repente sou para ele pai ou mãe, talvez entre em concorrência com seu pai e com sua mãe e, com isso fico, paralisado.

Portanto, a ajuda também deve estar em harmonia com o pai, a mãe e a família. Dentro desse contexto o ajudar não atinge somente o cliente: atinge também sua família e, através da harmonia com sua família, ganha uma força especial.

## **Aforismos: *Ajudar***

A ajuda é silenciosa.

Compaixão quer dizer suportar o que o outro sofre.

Às vezes a doença espera pela terapia.

Assim que estivermos orientados para soluções, chegamos  
à meta mesmo por desvios.

Às vezes a doença vai embora — quando permanecemos.

O desenvolvimento é inevitável.

Pode consolar quem se tomou igual.

O que é correto não tem pressa.

## A DESAVENÇA

Desavença surge quando dois olham em direções diferentes e as seguem para alcançar a mesma meta. O outro olhar, outra ambição e vontade envolvem a meta, como se um círculo amplo se fechasse em torno do mesmo centro. Por isso, a meta pretendida por duas pessoas em desavença acaba por parecer mais ampla, mais abundante, mais rica e sobrepuja em muito a cada um dos dois diferentes caminhos.

A questão agora é o que podemos e devemos fazer, quando nos sentimos assim, em desavença com outros? Devemos procurar a consonância para seguirmos juntos a mesma direção? O que acontece então com a meta? Tal consonância talvez prejudique a meta e, em nome de uma comodidade conformista, despoja-a da sua plenitude. Então, não somos nós que nos aproximamos da meta, mas, sim, a puxamos para mais perto de nós e a ajustamos a nós, ao invés de nos ajustarmos a ela.

A verdadeira consonância não surge, pois, durante o caminho, mas somente ao atingir a meta. Tendo esta consonância em mente, podemos suportar, calmamente a desavença dos caminhos.

Outrossim, há uma consonância que nos une durante um caminho difícil, fortalece-nos para que sigamos corajosamente esse caminho. Essa consonância com alguns não anula a desavença com outros. Ainda assim, respeita a plenitude da meta. No entanto, faz com que a desavença com aqueles que querem chegar à meta por outro caminho seja mais suportável para nós.



## **Aforismos:** *Felicidade e Infelicidade*

A infelicidade tem uma certa atração — até que a beijemos de longe.

A seriedade da vida nos faz felizes.

A infelicidade tem uma memória de elefante.

A felicidade é distraída.

Como a felicidade é perigosa, às vezes, só se pode cultivá-la em segredo.

A felicidade passa ao largo das lágrimas da autocomiseração.

Àqueles que lamentam não se pode ajudar.

A felicidade tem braços.

Quem recusa, logo empobrece.

Olhar para trás paralisa.

## A SOLIDÃO

Sem relacionamento e sem amor recebido e dadivoso definhamos e perecemos. Crescemos através de nossos relacionamentos e desenvolvemo-nos através deles, tanto no recebimento quanto na doação. Mas, curiosamente, quanto mais pessoas nossa doação tiver alcançado e quanto mais pessoas nos renderem o reconhecimento e o agradecimento devido — mesmo que seja apenas por algo que dissemos, fizemos, vivenciamos, sofremos e alcançamos e que possa tê-los ajudado e enriquecido, conduzido, ter-lhes aberto novas opções e servido para a completude — tanto mais devemos nos retrair deles e tanto mais solitários seremos e devemos ser.

Ao *contrário* da solidão da criança que a faz sofrer e até morrer, essa solidão é repleta. Ela não separa, apenas define o distanciamento entre nós e os outros, sendo a única coisa que torna a plenitude suportável, evitando que ela se esgote. Então, o olhar se desvia dos indivíduos, dirigindo-se para algo que, por trás deles, os conecta e os une. Só assim é que se renova aquilo que sustenta, aprofunda e desenvolve tanto o serviço aos indivíduos quanto o dar e receber entre nós e os outros.

Mas, também entre nós e aquilo que atua por trás de tudo, somente o distanciamento e a devoção possibilitam a recepção, a compreensão, a ação no momento certo e a experiência incomum de que o vazio e a plenitude se condicionam mutuamente e de que o amor final está tão próximo quanto distante, tão unido quanto solitário.

## A PURIFICAÇÃO

A purificação visa a um resultado, deve realizar algo. Aqui não se trata de algo externo, como se fôssemos limpar algo que se sujou. Aqui se trata de um processo interno, assim como o ouro é separado de impurezas durante a fusão e, dessa forma, purificado. Este processo nada deixa de lado, abrange a coisa toda, até resplandecer em seu brilho original.

Transposta ao ser humano, a purificação deve apurar o coração, a alma e a mente. O coração, para que se dedique, de maneira pura e simples, a uma causa, a qual percebe como sendo única e essencial dentre toda a plenitude de possibilidades. Por isso, a purificação do coração vem acompanhada de recolhimento. O coração se recolhe ao essencial e deixa tudo o que pode distraí-lo desse recolhimento do lado de fora de sua porta.

Purificação e apuração significam, portanto, que as portas do coração se fecham à diversidade. A essas portas pertencem, de um lado, os sentidos. É por isso que, nesse contexto, a mística fala da purificação dos sentidos ou da “Noite dos sentidos”.

Como essa purificação é realizada? De um lado, pela retração dos sentidos frente à distração, deixando-a, por assim dizer, do lado de fora. Este seria o caminho mais simples e, também, o mais perigoso porque, quando exagerado, também nos empobrece.

O outro e verdadeiro caminho abre os sentidos, de tal forma que os sentidos não se prendem ao singular ou ao plural e, sim, extrapolando-os, visem algo maior e, neste, no além-sensual, alcancem a quietude. Assim, o plural se reduz a um único essencial que, por liberar o plural, permanece vazio e simples em si mesmo. No entanto, é o essencial a raiz do plural. O plural nele fica adensado. Por isso, esse vazio é percebido como plenitude, como uma “força serena em direção ao que virá, que fica subjacente e próxima daquilo que sustenta”.

A purificação apura, sobretudo, a alma e a mente. Tal qual o coração, também a alma e a mente deixam o plural e o multiforme do lado de fora da porta, até que se tomem uniformes no sentido em que, ao imobilizar-se, tomam-se abertos a algo que surge do recôndito ao encontro da luz, algo essencial que possui força.

Mais do que isso, a mente precisa se despedir daquilo que, talvez, lhe seja mais caro: da consciência, da diferenciação entre bem e mal e das religiões que se baseiam nessa diferenciação.

Por isso, ao final dessa purificação está a compreensão de que somos iguais a cada ser humano, talvez até mesmo iguais a cada ser vivo. Aqui qualquer soberba é reduzida a cinzas.

Isso significa, na prática, que dentro de nosso coração e de nossa alma abracemos cada pessoa com a qual nos exaltamos de forma tão plena até sentir essa igualdade. E que, dentro de nosso coração e de nossa alma, abracemos cada pessoa a quem quisemos mal de tal forma que ela se tome igual a nós e nós a ela.

Somente quando essa igualdade tiver sido alcançada os movimentos da alma nos levarão até onde é o nosso lugar e a nossa vocação. Sustentados por esses movimentos da alma ganhamos a compreensão e temos a força que, movida pela consciência da igualdade, enfrenta tudo com benevolência.

## **A SERIEDADE**

A seriedade põe um ponto final na esperança superficial e na súplica e na consolação. A seriedade é, por isso, tanto subjugada quanto serena: subjugada pelo ímpeto da realidade, por exemplo, de uma doença mortal, de uma perda definitiva, da fatalidade da culpa, da impotência diante da violência e diante do limite final de nossa compreensão. Apesar disso, esta seriedade também é serena ao renunciar à pergunta: “por quê” ou “para quê”, simplesmente encarando a realidade nua e crua e, ainda que trêmula, subsistindo nela.

## A SEGURANÇA

Alguns lidam com os movimentos da alma que se mostram nas constelações familiares como um criança se depara pela primeira vez com o mar. Fica maravilhada diante da amplitude e presente a profundidade. No entanto, logo pega seu baldinho, tira um pouco da água, volta e diz: “Vejam, é isto aqui.”

Outros, porém, se aventuram no mar aberto, entregam-se ao vento, à tempestade, ao silêncio, vagueiam até distâncias desconhecidas e voltam transformados. Porém, quando narram um pouco disto aos que ficaram, estes dizem, talvez, amedrontados: “Isso não existe.”

## Aforismos: *Tolice*

Muitos derramam uma caneca de água sobre uma gota de vinho.

Uma criança que faz exigências a seus pais os perde.

Lastimar encobre, vangloriar-se, enfraquece.

Alguns preferem ser obtusos.

A tragédia contém a cegueira.

O pré-mastigado não tem gosto.

Um construtivista que se perdeu em uma montanha disse  
à turma de resgate, quando esta o encontrou:

“Agradeço-lhes por ter me inventado.”

Quem duvida do sol deixa suas janelas fechadas.

Uma fortaleza atrai inimigos.

O medo ofusca.

Quem tem raiva de seus pais não tem salvação.

Os críticos creem mais.

Os crentes não sabem diferenciar.

Quem fica com a razão, passa mal.

Alguns, ao encorajar os outros, os conduzem à morte.

Quando a razão é imposta, o amor muitas vezes acaba.

Cada um tem a opinião que merece.

O perfeito é pequeno.

Teimar é cômodo.

O raio atinge quem levanta a mão.

Não existe nenhuma verdade, dizem eles,  
e o dizem como se isso fosse uma.

Quem espera por algo melhor coloca em jogo sua liberdade.

Quem humilha os outros revela a si mesmo.

## A CRENÇA EM DEUS

Quando alguém me pergunta: “Você acredita em Deus?” Na realidade está me perguntando: “Você acredita no meu Deus?” E, quando digo sim, ele, no seu íntimo, triunfa sobre mim, como se tivesse se apoderado de mim assim como pensa, talvez, ter se apoderado de seu Deus. Se alguém me pergunta com esta intenção, e eu me deixo seduzir e digo que sim, ele subtraiu algo de minha dignidade e de minha grandeza, assim como, por acreditar em Deus, subtraiu algo da dignidade e grandeza Deste. Quem acredita em um Deus acredita em uma imagem de Deus que ele mesmo formou ou, acredita em uma imagem de Deus que um outro formou, alguém que, então, converteu outros à sua crença e, com isso, se apoderou deles, da mesma maneira como aquele que perguntou queria se apoderar de mim, através de sua pergunta.

O que acontece, quando minha resposta é: “não”? Ele, se for mesmo um crente, talvez se sinta ofendido e desafiado a um protesto ou mesmo a uma agressão, como se eu tivesse lhe tirado algo de que havia se apropriado e sente estar sendo ameaçado, como se esse algo fizesse parte dele. Assim, defende a sua crença em Deus como se fosse uma propriedade, demonstrando o quanto colocou a sua mão sobre Deus, apoiando-se Nele para se levantar, e elevando-se através Dele para além de seus próprios limites.

Devo aqui me limitar ao primeiro plano. Não me compete dizer mais a respeito.

## O LOUVOR A DEUS

“Grande Deus, nós o louvamos”, assim cantam os crentes e assim concentram sua alma e seu coração Naquele que lhes está defronte, como que fitando-Lhe o rosto. Sentem-se como suas criaturas, reconhecem seu poder e se curvam diante Dele.

Será que, deste modo, honram-No verdadeiramente? Será que, com isso, não O rebaixam ao próprio nível, tornam-No semelhante a eles mesmos, quase em pé de igualdade? Pois estes mesmos que O louvam, também talvez se queixem a Ele, quando são atingidos por um sofrimento que julgam imerecido, como se Ele lhes tivesse feito injustiça. Também, quando se sentem culpados, temem que Ele os castigue, disciplinando-os como crianças desobedientes e precisam, então, apaziguá-Lo e torná-Lo outra vez clemente, talvez por meio de novo louvor. Será que, talvez, não é até insolência dar um nome a este segredo que, em todos os sentidos, permanece oculto para nós? Atribuir-Lhe qualidades como: grande, bom, justo?

Quando refletimos sobre isso de maneira imparcial, talvez emudeçam o louvor, a familiaridade, o orgulho de ser eleito e, com isso, também a exigência ou a recriminação e a tentativa de reconciliar este Deus com sacrifícios.

O que fica é o silêncio, a aceitação recolhida dos acontecimentos, sejam eles felicidade ou sofrimento, sucesso ou malogro, ascensão ou fim. E fica a harmonia com todo o mundo, a compaixão e a conformidade com toda a criação, assim como com a competição, a autodefesa e com o costume que esta exige de cada um, em nome da preservação e do desenvolvimento.



## A DEVOÇÃO

A devoção é recolhida, mais para fora que para dentro. E concentração direcionada a algo, defronte ao qual se detém. Reúne em si tanto a dedicação mais profunda como também uma distância reverente. É entrega sem movimento, profundidade contida, espera sem vontade, existência em face de algo que, ao mesmo tempo em que nos diz respeito, se esquia à nossa compreensão.

Podemos ser devotos com cada um de nossos sentidos. Podemos olhar e admirar-nos com devoção; escutar e ouvir com devoção; tatear, pegar e sentir algo com devoção. Podemos degustar algo com devoção, enquanto nos damos conta de sua origem. Podemos cheirar com devoção, por exemplo, o perfume de uma rosa. Podemos caminhar com devoção, orar com devoção, cantar com devoção, brincar com devoção. E podemos ficar em silêncio com devoção e nos mover com todos os nossos sentidos em direção a algo além de nossos sentidos e, mesmo assim, permanecer imóveis, recolhidos e entregues.

Esta seria a devoção diante do Segredo que fica além de tudo que se revela e se manifesta. Essa devoção é oração, porém sem palavras, sem súplica, existência pura e recolhida diante de algo que permanece oculto e misterioso e, apesar disso, é atuante e presente.

Essa devoção pode ser exercitada e, assim, alcançada e conquistada. Na mística essa devoção é chamada de contemplação adquirida. No entanto, às vezes percebemos que o recolhimento nos atinge como se viesse de fora, ele nos é imposto e infligido de fora, e somos irresistivelmente arrastados para dentro dele. Nós o experimentamos tanto como uma dádiva quanto como um ser colocado a serviço. Esse recolhimento nos atrai para dentro ou talvez, mais exatamente, atrai-nos através do interior em direção a algo que transcende ao interior; a algo mais profundo ao qual somos entregues inexoravelmente e, ao mesmo tempo, voluntariamente. Leva à devoção, certamente a mais intensa. No misticismo, é chamada de contemplação infusa. Ela não tem palavras nem imagens. No entanto, é passageira. Não é meta, e sim tarefa. Dela decorrem tanto compreensões quanto diretrizes. Ela conduz à ação, que se abastece nessa devoção com força e efeito especiais e que, assim, presta serviço a muitos outros.

## **Aforismos: A Religiosidade**

A realização religiosa é idêntica à realização da vida tal como é.

Muitas vezes no início do caminho espiritual está  
o desrespeito a um ser humano.

O silêncio atrai.

Não se atura ser um anjo por muito tempo.

É melhor manter distância dos deuses, assim como dos endeusados.

Muitas vezes o que é temido passa abençoando.

Ordens são preestabelecidas, regras são feitas.

Em tudo que fazemos e queremos, uma lei sábia está agindo,  
a qual não se ouve. Vê-se.

Igreja: quando um navio foi a pique não consegue mais afundar.

Talvez grande parte da espiritualidade seja somente a saudade da mãe.

Santo quer dizer reduzido.

Perceber quer dizer que todos os sentidos se concentram  
num espetáculo sem imagens.

O divino não precisa se delimitar.

Ser religioso quer dizer: estar completamente centrado em si e,  
ao mesmo tempo, perder-se num infinito.

## A ESPERA

A espera está direcionada ao futuro, é uma expectativa, seja por algo bom ou por algo ruim. Por isso a espera é tanto alegre quanto ansiosa ou amedrontada e, quando somos maduros, é serena. Assim, a espera é, às vezes, irrequieta, dispersiva ou nervosa. Às vezes é apática, torturante ou infinita. Às vezes, é concentrada, recolhida e preparada.

A espera pode nos preparar para aquilo que virá, principalmente a espera concentrada. Prepara-nos para aquilo que necessita de ação e força despertas.

Porém, a espera também pode vir a ser um substituto para a ação quando, na espera pela felicidade futura, deixamos de fazer o possível ou o necessário mais imediato. Quem não semeia em tempo hábil não consegue colher, e quem não constrói uma base, depois não edifica uma casa. Essa espera é inútil.

A espera pode paralisar, sobretudo, o temor de que algo possa acontecer. Muitos temem que possam contrair uma doença, por exemplo, câncer. Então, é como se esperassem pela doença e, quando ela chega, ficam aliviados. Nesse caso poderíamos também, ao invés de temer qualquer futuro possível, aceitá-lo desde já no nosso íntimo, caso mais tarde realmente venha a acontecer. Isso também alivia. Dessa maneira antecipamos, por assim dizer, o alívio, sem que algo aconteça e, então, estamos novamente livres para o presente.

Pessoas doentes ou infelizes esperam que a doença ou a infelicidade passe. Anseiam pelo término da doença ou do sofrimento. Isso, também, pode paralisar, quando anseiam pelo fim sem percorrer passo a passo o caminho até lá. Apenas durante o caminho para esse destino é que uma doença ou um sofrimento pode desenvolver sua ação curadora, purificadora, corretiva ou uma ação que aprofunda, todas necessárias à alma.

Às vezes, pessoas idosas somente esperam a morte. Essa pode ser uma espera apática, pois as forças não são mais suficientes para outras coisas. Essa espera, então, já é o início do morrer. Todavia, quando as forças mentais ainda o permitem, pode servir de preparação, de finalização daquilo que ainda está pendente e incompleto, uma última concentração e um último “colocar em ordem”. Essa espera se transforma em derradeira entrega ao desconhecido que espera por nós, após a vida.

## **Aforismos:** *Prudência*

Você sabe como se lida com sonhos? A gente acorda.  
Tenho como fundamento não dar declarações fundamentais.  
Ao invés de difamar os outros, pode-se crescer.  
Os covardes vivem mais tempo.  
Uma resposta tem de ser ganha através do respeito.  
O que se enfatiza, não se acredita.  
Se ajudar, permito, de bom grado, que me contradigam.

## O PRESENTE

Chamamos de presente um tempo que abrangemos, no qual podemos nos mover com segurança, porque a procedência e a meta nos parecem tangíveis, palpáveis na vivência e o seu curso nos parece governável. Tanto pode ser fugaz quanto permanente.

Uma meta, enquanto se caminha em sua direção, está sempre presente. Assim, também, acontece com uma tarefa ou uma vocação. Mesmo quando a meta tiver sido atingida, continua presente como realização.

Portanto, também aquilo que aprendemos, exercitamos e aplicamos na prática há bastante tempo é presente para nós. Por isso habilidades, conhecimentos e experiências estão presentes e nos auxiliam quando deles *precisamos*.

Também a verdade se torna presente quando se impõe e nos obriga ao reconhecimento e à ação.

Nossos pais estão sempre presentes para nós, estejam vivos ou mortos. Estão presentes seja pelo simples fato de continuarem vivos em nós e, assim, nos acompanharem a vida toda.

Porém, sobretudo o amor está presente para nós quando, ao vivenciarmos o ser amado como um legítimo outro, este está permanentemente vinculado a nós e nós a ele, como realização e compromisso para toda a vida.

Portanto, além do presente fugaz, existe um presente permanente, dependendo da profundidade com que nos toca e nos solicita pela vida afora. Os filhos são um presente para os pais, assim como marido e mulher, quando se dão o Sim. Mesmo se chegarem a se separar, ainda permanecem, depois, presentes um para o outro.

Também a morte está sempre presente para nós. Mesmo quando a reprimimos ou até a negamos, a força que isto nos custa demonstra o quão próxima e presente ela continua todo o tempo.

Também o divino, por mais longínquo e inacessível que permaneça para nós, está sempre presente no pressentimento, sobretudo quando atingimos os nossos limites.

Também uma crença ou uma convicção está presente para nós. Mesmo que talvez, após algum tempo, as reconheçamos como insuficientes ou erradas, continuam fazendo parte de nossa vida como algo superado e, dessa forma, como também as outras lembranças, continuam presentes.

Assim também a natureza e a pátria, nossa língua materna e a cultura na qual crescemos estão presentes para nós, enquanto vivemos.

Portanto, o que significa o presente para nós? Nele se condensam o passado e o porvir para formar nossa vida. O presente é a nossa vida.

## A DOENÇA

Podemos comparar a saúde com a consciência tranquila e com a sensação de inocência. Sentimo-nos inocentes quando não há obstáculos aos nossos vínculos e estamos ligados a todos aqueles a quem queremos estar vinculados. Então, nos sentimos bem e em harmonia com eles. Assim também acontece com a saúde. Sentimo-nos saudáveis quando tudo permanece em harmonia e serve ao todo.

De maneira semelhante podemos comparar a doença com a má consciência e com aquilo que ela quer provocar. Temos má consciência quando não mais estamos em harmonia com aqueles que são importantes para nós, ou seja, quando corremos perigo de ser privados uns dos outros e, com essa separação, não poder mais nos sustentar mutuamente.

Assim como a má consciência, fazendo-nos sofrer, leva-nos a comportamentos que nos reintegram ao grupo, também a doença nos obriga a ter consideração pela saúde e restabelecê-la. Da mesma maneira que a consciência tranquila, a má consciência, na realidade, não é má, apenas nos faz sentir mal, mesmo estando ela a serviço de nossa reintegração ao nosso “pertencimento”; também a doença quer nos reconduzir à saúde. Porém, a doença só atingirá essa meta se realmente nos fizer sofrer.

Contudo, uma separação às vezes é inevitável. Crescemos, quando nos despedimos. Tornamo-nos perfeitos e completos, quando algo alcança sua meta, permanece por lá algum tempo e, também, por lá chega ao final. Uma doença grave, que nos leva à morte, nos completa dessa maneira. Então, lhe cedemos espaço até que nos preencha totalmente e olhamos para além de seus limites. Não vemos o que vem depois, mas vamos ao seu encontro, diluímo-nos naquilo que, já pressentido, nos espera.

A doença grave também nos faz cômicos de quanto somos dependentes de outros, de seus cuidados e assistência. Somos dependentes sem que possamos retribuir-lhes, mesmo que assim o queiramos, mas, podemos e devemos aceitar com gratidão, quando nós mesmos já cuidamos de outros e ficamos disponíveis para outros. Isso diz respeito, em primeiro lugar, aos pais perante os filhos e, também, a todos aqueles que passaram adiante o que receberam dos pais. Não obstante, essa derradeira fragilidade é como uma volta à dependência primordial. Podemos suportá-la melhor quando aquiescemos a um contexto maior para além das pessoas que nos auxiliam, e nos entregamos às forças, que não só nos conduzem e nos sustentam, como também àqueles que cuidam de nós. Assim, a doença derradeira nos conduz à devoção e à humildade e nos prepara para que também possamos olhar a morte de frente, cheios de confiança — e ao Senhor que a comanda.

## EXEMPLO: UM HOMEM CONTAMINOU-SE COM AIDS<sup>3</sup>

HELLINGER *para Arturo* O que há com você?

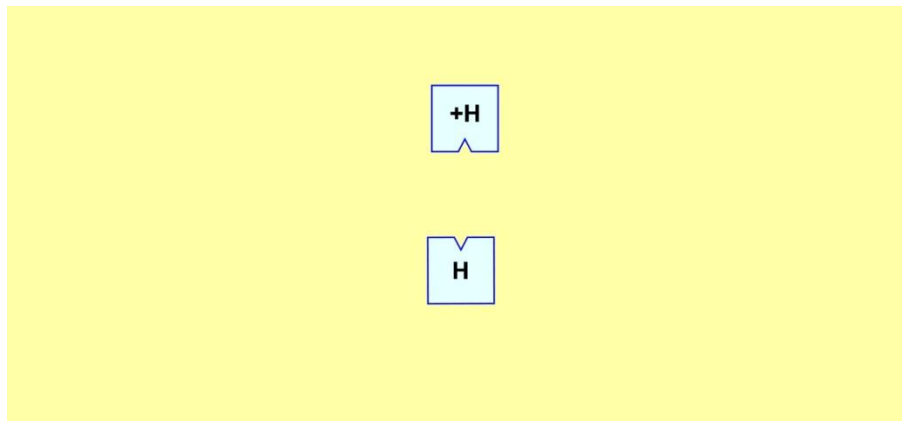
ARTURO Sou homossexual e HIV positivo.

HELLINGER Há quanto tempo você está contaminado?

ARTURO Há dois anos e meio soube por um teste. O homem que me contaminou não me disse que era HIV positivo. Ele morreu, e só depois fiquei sabendo por acaso.

HELLINGER Vamos então colocar duas pessoas, você e esse homem. Assim você verá qual movimento talvez o reconcilie com sua doença.

**Figura 1**

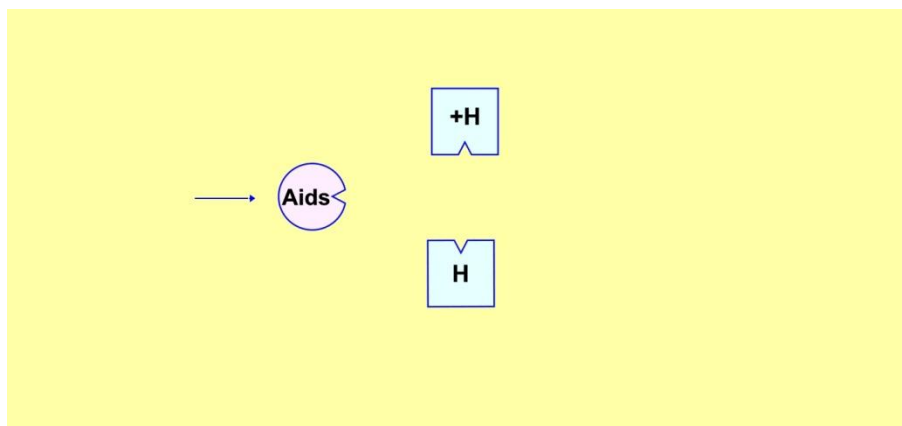


**H** Homem (= Arturo)

**+H** Homem que morreu de AIDS

*Ambos os homens se olham por um longo tempo. Então Hellinger escolhe uma mulher, para representar a doença – AIDS e a coloca junto a eles.*

**Figura 2**



**AIDS** Mulher, que representa a doença AIDS.

*Os dois homens continuam a se encarar. O outro homem fica irrequieto, balança a cabeça para a direita e para a esquerda e brinca com os dedos.*

Hellinger *depois de cinco minutos, para o representante de Arturo* Diga-lhe: “Eu esperei por isso.”

Representante de Arturo **EU** esperei por isso.

*Novamente os dois homens se fitam por bastante tempo. O outro homem suspira profundamente.*

Hellinger *ao representante de Arturo* Como fica, quando você diz isso? Representante de Arturo **Sinto-me confuso.**

<sup>3</sup> Exemplo de um curso no México.

Hellinger *Você se sente melhor ou pior, quando diz isso?*

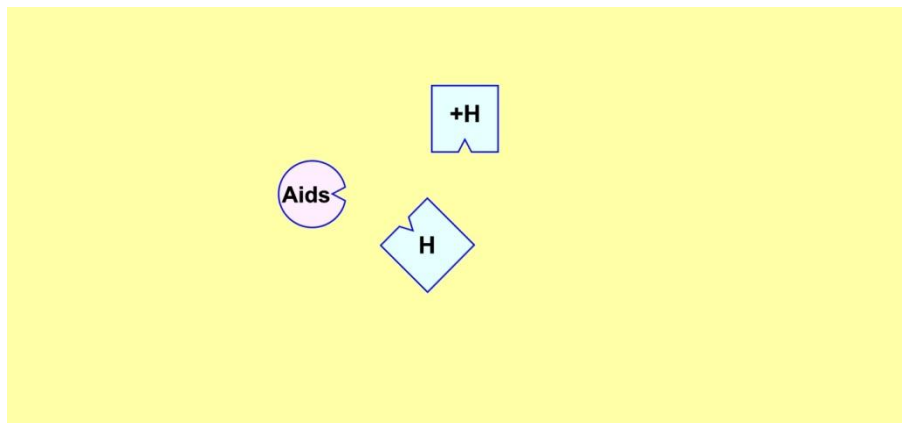
Representante de Arturo **Melhor.**

Hellinger *ao grupo* **Através** dessa frase ele é retirado do papel de vítima. *Os dois homens continuam se encarando.*

Hellinger *depois de algum tempo* **Agora** olhem vocês dois para a doença. *depois de algum tempo, para o representante de Arturo* **Siga** seu movimento.

*O representante de Arturo coloca-se mais perto da doença.*

**Figura 2**



HELLINGER *ao representante de Arturo* **Você** deve encarar a doença. *quando ele desvia o olhar, novamente* **Você** tem que encará-la.

*O representante de Arturo dá um pequeno passo aproximando-se da doença e agora a olha fixamente. Então se aproxima mais um passo.*

HELLINGER *quando ele desvia o olhar outra vez* **Você** tem que olhar para ela.

*Depois de algum tempo, o representante de Arturo quer abraçar a doença, mas percebe que não consegue e recua.*

HELLINGER **Faça** uma reverência à doença.

*O representante de Arturo inclina a cabeça e respira fundo.*

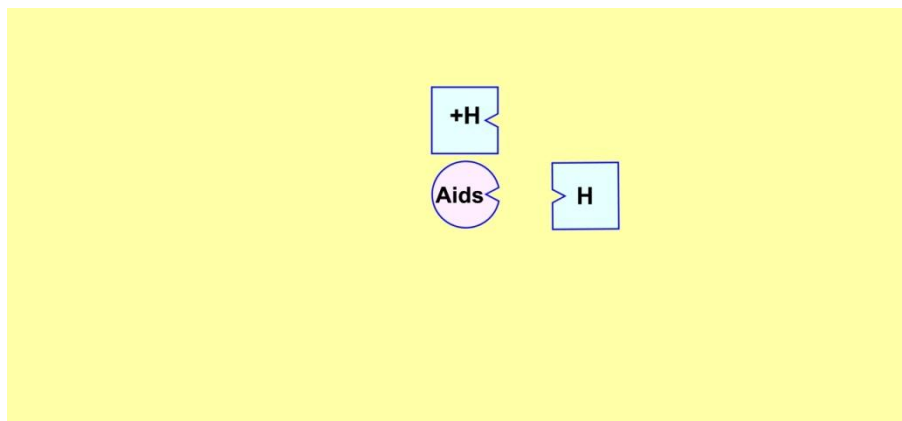
HELLINGER **Siga** o movimento.

*O representante de Arturo se ajoelha e apoia nos calcanhares. Muito lentamente ele curva a cabeça ainda mais.*

HELLINGER *para o representante do outro homem* **Siga** o seu movimento tal como é.

*Quando ele não se move, Hellinger o conduz para junto da doença.*

**Figura 2**



*O outro homem abaixa o olhar para o representante de Arturo. Então Hellinger o faz pegar a*



*mão da doença.*

HELLINGER *depois de algum tempo, para o representante de Arturo* Olhe para os dois e diga: “Eu concordo com isso.”

REPRESENTANTE DE ARTURO Eu concordo com isso.

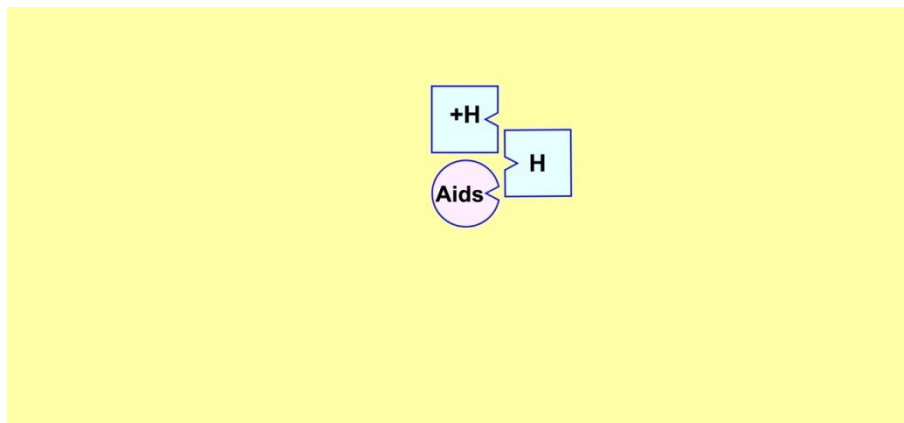
HELLINGER “Tal como eu recebi.”

REPRESENTANTE DE ARTURO Tal como eu recebi.

HELLINGER *depois de algum tempo* Agora se levante.

*Hellinger o conduz para mais perto dos dois outros. Então ele os abraça e eles o abraçam ternamente e longamente.*

**Figura 5**



HELLINGER *ao representante de Arturo, quando se soltam* Como você está agora?

REPRESENTANTE DE ARTURO Muito melhor.

HELLINGER *para o outro homem* E você?

O OUTRO HOMEM Melhor.

HELLINGER *para a AIDS* E você?

AIDS Melhor.

HELLINGER *aos representantes* Ok, lhes agradeço.

*Arturo ficou muito comovido.*

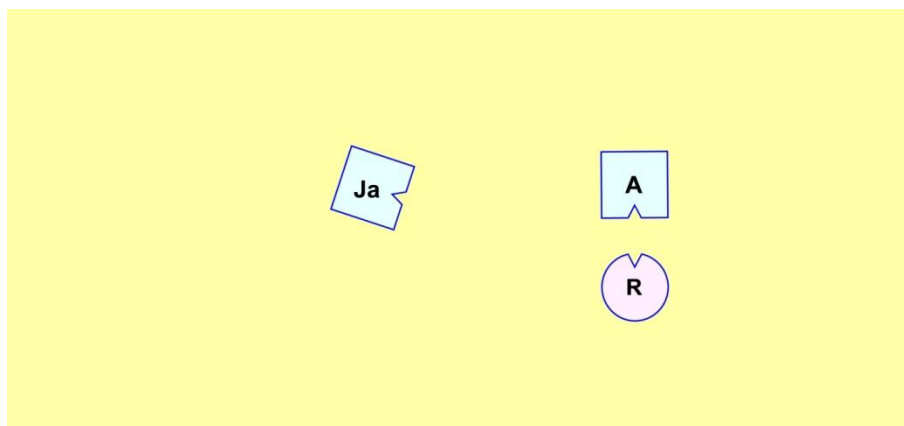
## EXEMPLO: UM HOMEM DOOU UM RIM A UM AMIGO

Hellinger *ao grupo* Ontem à noite um homem me abordou. Ele tem um problema que lhe pesa muito. Por isso quero trabalhar com ele primeiro. *para James* Diga-nos brevemente qual é a sua questão.

James *muito comovido* Eu doei um rim a um amigo. Quando acordei depois da operação me senti como num outro filme. Desde então tenho ataques de pânico e visões terríveis, por exemplo, de assassinato. *Ele soluça.*

Hellinger Acho que sabemos o suficiente. Coloque agora três pessoas: alguém para você, alguém para seu amigo e alguém para o rim.

**Figura 1**



**Ja** James  
**A** Amigo para o qual ele doou um rim  
**R** Rim

*O amigo e o rim inclinam a cabeça até encostarem as testas.*

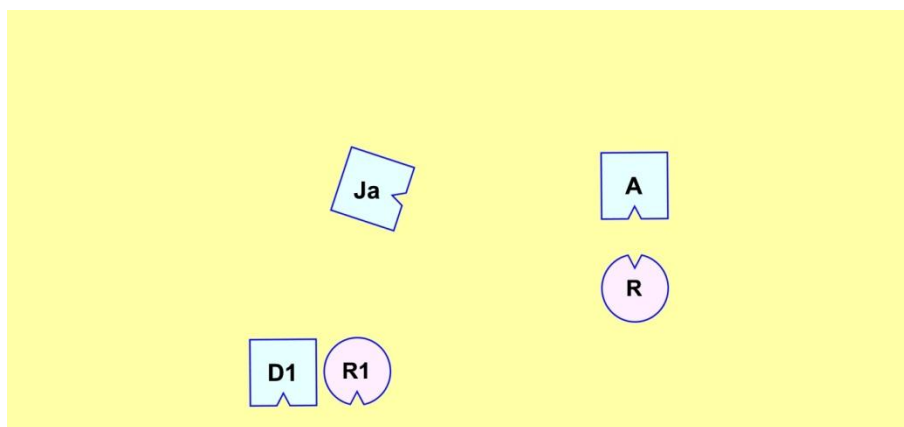
Hellinger *para James* Acabo de saber que alguém já havia doado um rim ao seu amigo, anteriormente.

James Sim, era o segundo transplante.

Hellinger Agora precisamos também de um representante para o primeiro rim e outro para o seu doador.

*Enquanto James escolhe e coloca os novos representantes, o seu rim coloca a cabeça no ombro do amigo, mas mantém os pés distantes. O amigo faz como se quisesse abraçar o rim, mas interrompe o movimento. O rim deixa os braços penderem, inertes.*

**Figura 2**



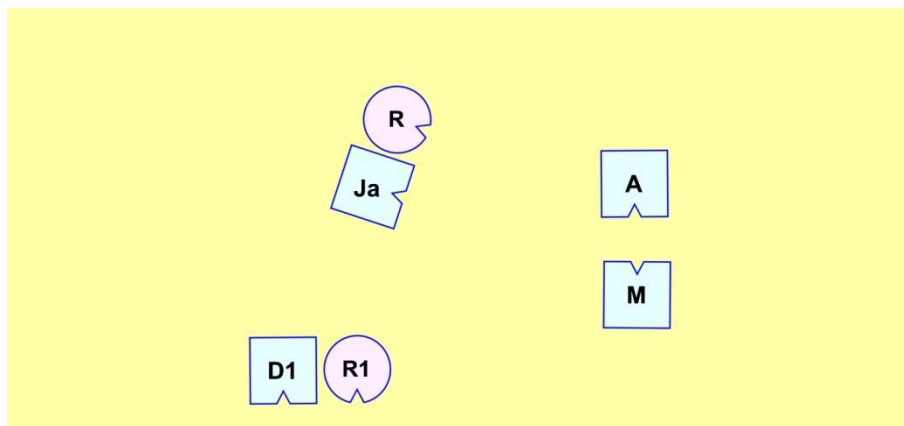
**D1** Doador do primeiro rim  
**R1** Primeiro rim

Hellinger *para James* Agora vou colocar a solução.

*Hellinger conduz o rim de James ao representante deste. Este imediatamente coloca o braço em*

torno dele. Então Hellinger coloca um representante da morte na frente do amigo.

**Figura 3**



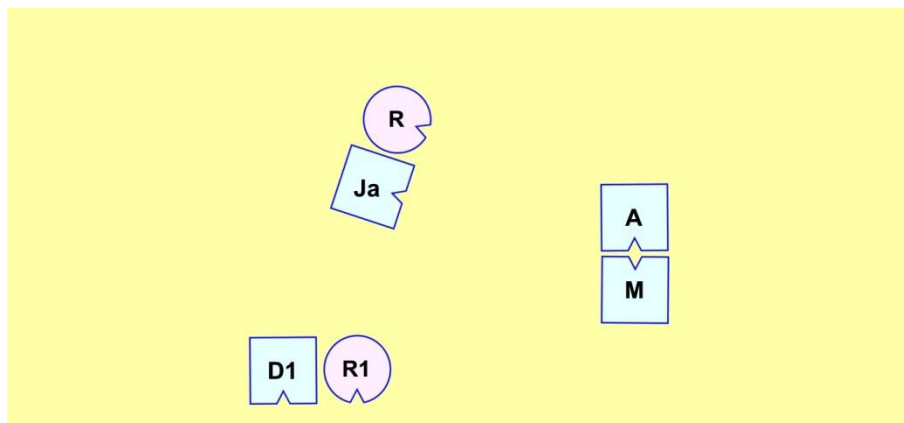
**M** Morte

*A morte sorri e coloca a mão direita no coração.*

Hellinger *depois de algum tempo para James* Esse teria sido o movimento necessário e adequado para seu amigo:

*Hellinger conduz o amigo para junto da morte. Este coloca a cabeça no peito da morte, que o abraça. Ficam nessa posição até o fim da constelação.*

**Figura 4**



Hellinger *para James* Você interferiu no movimento do seu amigo para a morte.

*Depois de algum tempo, para o representante de James* Como você se sente agora?

Representante de James *Agora me sinto mais em paz. Quando me colocaram, meu lado esquerdo doeu. Agora está melhor.*

Hellinger *Olhe para o rim e diga: “Eu cometi uma injustiça com você.”* Representante de James *Eu cometi uma injustiça com você.*

Hellinger *“Você me pertence.”*

Representante de James *Você me pertence.*

Hellinger *“Sinto muito agora.”*

Representante de James *Sinto muito agora.*

Hellinger *“Mas honro você como uma parte minha.”*

Representante de James *Mas honro você como uma parte minha.*

Hellinger *“E agora coloco você novamente no meu coração.”*

Representante de James *E agora coloco você novamente no meu coração.*

*O representante de James e o rim sorriem um para o outro.*

Hellinger Como se sente o rim agora?

RIM Muito melhor. Realmente, quero ficar dentro dele, só quero mesmo é ficar perto dele.

*O representante de James ri alto. Ele e o rim se abraçam ternamente.*

Hellinger *para James* Olhando para o primeiro doador e o rim dele, você pode ver que ele retornou ao seu doador. Também o seu rim tem que retomar a você.

*James faz que sim.*

Hellinger E o seu amigo tem que enfrentar o seu destino. Ninguém pode interferir nisso. Quando se doa o rim a alguém, se retira algo dele: a sua dignidade e a dignidade do seu destino. Não se pode fazer isso. Por outro lado você fez isso por amor. Isso honra você. Agora você pode consertar tudo, se você der ao rim doado um lugar no seu coração. Assim, você e ele vão ter, novamente, calma e paz. Está claro para você?

James Está completamente claro para mim. Quando meu amigo foi para junto da morte e meu rim retornou para mim, ficou bom.

Hellinger Entre você e o rim agora há novamente uma ligação na alma. Isso permite a ambos suportar a perda. Ok?

James Sim.

Hellinger *para o grupo*

Quando relatou sua situação, James se encontrava naquele espaço vazio onde não há intenções. Encontrava-se além delas. Por isso, os movimentos da alma, nos representantes, puderam ficar tão evidentes. O mais importante veio à tona, quando ele posicionou o primeiro rim ao lado de seu doador. Daí veio também a solução. Também o seu rim teria de retornar a ele. E também ficou evidente o que a alma de seu amigo queria: queria ir para a morte.

Em relação a isso gostaria de dizer algo sobre o amor e sobre:

## A consciência e os movimentos da alma

O amor dá certo, quando se submete às leis superiores e a uma ordem superior. Todas as tragédias ocorrem naquele ponto em que alguém acha que, com seu amor, pode burlar essas leis e ordens e torná-las nulas. Também as tragédias em família se baseiam nessa presunção. Por exemplo, quando uma criança acha que pode salvar seus pais, tomando para si mesma as dores ou expiando a culpa deles. Com isto, exalta-se sobre seus pais e retira-lhes a dignidade. É verdade que, assim, age por amor e sente-se em harmonia com sua consciência e por isso é inocente. No entanto, está agindo contra uma ordem superior e, por isso, está fadada ao insucesso.

A consciência nos seduz através da sensação de inocência, para que transgridamos os limites estabelecidos e é por isso mesmo, por confiarmos nela, que nos leva a tanta infelicidade e sofrimento. Por isso, reconheceremos as leis superiores somente quando conseguirmos escapar da influência da consciência até o ponto em que sejamos levados por um movimento da alma, que permaneça em harmonia com as leis superiores e a ordem superior.

*para James O* que vimos na constelação com você foi um movimento da alma, que ultrapassou os limites da consciência e, num nível superior, encontrou uma solução que reconciliou todos com todos.

## A VERDADE

A verdade muda. O que considerávamos, nos anos anteriores, como sendo verdadeiro e válido, mais tarde prova ser incompleto e ultrapassado. Nesse sentido, a verdade é mutável.

A questão é: afinal, por que e quando? Quando passamos a interiorizá-la como se pudéssemos possuí-la. Essa verdade é mutável, porque a realidade prova ser mais forte, ou seja, é algo que não nos é dado de mão beijada ou que dependa de nossa vontade ou de nosso anseio. Ao contrário, prova ser algo que, como adversário impiedoso, impõe-se por seus efeitos e nos obriga ao reconhecimento e à submissão.

Essa verdade nos é predeterminada e revelada apenas parcialmente, à medida que lidamos, de forma cuidadosa, com o que nos defronta como sendo realidade, estando abertos ao aprendizado e à medida que nos submetemos a essa realidade, onde ela assim o exigir. Por isso, apenas as realidades pensadas parecem ser imutáveis e eternas. O real em si sempre manifesta sua riqueza e sua profundidade de modo apenas provisório e limitado, ocultando-nos a maior parte e o todo. Por isso, mesmo aquilo que nos parece ser contraditório pode estar acolhido dentro do todo e cada contradição pode, também, ser verdadeira à sua maneira. Portanto, o que dentro da lógica nos parece contraditório pode, contudo, provar ser verdade, quando avaliado conforme seus efeitos e sua duração, entretanto, somente como uma parte da verdade.

Visto a partir da essência da verdade, ou seja, a partir da percepção de que a plenitude e a profundidade dessa verdade permanecem quase totalmente ocultas para nós; o evidente e aquilo que pode ser comprovado estão, antes, localizados em sua superfície ou em sua periferia. Até que ponto e em qual extensão pode ser estimado pela intensidade da emoção, da comoção e da abrangência com que nos afeta. Por exemplo, uma obra poética que nos parece obscura pode captar o que somos de maneira mais plena e profunda do que muito argumento científico, pois atrás de suas palavras pressentimos algo maior e mais profundo do que as próprias palavras dizem. Por isso a experimentamos frequentemente como mais próxima da verdade.

## O ESSENCIAL

No essencial alcança-se o descanso, pois ele realiza. Quanto mais nos desviamos do essencial tanto mais irrequietos, desatentos e confusos nos tomamos. Por isso, podemos ler nas linhas de nossa vivência até que ponto estamos conectados a ele ou até que ponto nos afastamos dele.

Quando chegamos ao essencial, sentimos que estamos indo adiante, que algo está chegando à sua meta e, de certa forma, sentimos que, ali, algo essencial está se desenvolvendo.

O essencial é comum a muitas pessoas e coisas. Por isso, nele deixamos o particular, o estreito, o ávido e o desmedido para trás; somos inseridos, disponíveis, abrangentes e dedicados.

O essencial — diferente do não-essencial — perdura e, porque pode ser calmo e sereno, começa muitas vezes sendo discreto. No entanto é, também, persistente. É agradável e, no decorrer do tempo, acaba sendo carregado por muitos.

Como se chega ao essencial? Sobretudo através do esperar, pois o essencial não se mostra imediatamente, apenas no momento certo.

Às vezes, quando já nos desviamos do essencial, pode demorar muito até que o alcancemos novamente, pois ele também requer despedidas.

## O CERTO

O certo é algo próximo que é, ao mesmo tempo, necessário e possível sem despendar muito esforço. Permanece em harmonia com o ambiente e dele retira sua compreensão e sua força. Por isso, permanece modesto, não oprime; é benfazejo mesmo quando, de repente, intervém incisivamente pois, após a ação, silenciosamente ele se retrai de novo.

Apesar de estar totalmente direcionado ao que lhe está próximo, atua para muito além disso, assim como a raiz nutre os galhos mais afastados do tronco de uma árvore, apesar de nunca chegar a vê-los. Por isso, também nós, quando fazemos o que nos compete no âmbito mais próximo, não precisamos nos preocupar com o distante.

Quando, ao contrário, preocupamo-nos com o distante e achamos que podemos forçá-lo, com a nossa preocupação, a tomar um rumo que nos parece mais cômodo ou melhor, acabamos por perder-nos em sua diversidade e nos enfraquecemos.

O certo acontece no momento certo, no local certo e, portanto, no ponto exato onde a ação se toma possível.

O distante dificilmente pode ser alcançado pela ação, considerando tanto o local quanto o momento. Ao mesmo tempo, ao nos preocuparmos com o distante, o possível próximo nos escapa e, com ele, aquilo que conta.



## O CENTRO

A diversidade que encontramos no mundo, na profundidade se baseia em algo que lhe é comum. Na profundidade ela flui e se aglutina em algo singular, de onde tira sua energia, sua determinação, sua singularidade. Portanto, apesar de, superficialmente, parecer diversa e, muitas vezes, até contraditória, cada coisa está ligada às outras de maneira equivalente e, no final, confunde-se com elas.

Por isso, podemos confrontar a diversidade de duas maneiras. A primeira, quando observamos o singular em sua diversidade ou em sua contradição e na luta “por um lugar ao sol” — usando aqui uma imagem para o impulso no Ser, que o impele adiante. Então, a diversidade e a individualização do diverso talvez possam nos confundir a tal ponto de nos abirmos apenas a uma fração e ignorar ou negar aquilo que nos parece estranho no outro ou, até mesmo, nos assusta.

Podemos também nos expor ao todo em sua diversidade de tal maneira que o percebemos como se viesse do interior, do seu centro. Isso pressupõe que o encontramos a partir de nosso próprio centro, permanecendo, ao mesmo tempo, concentrados em nós mesmos, bem como abertos ao muito em sua diversidade para, dessa forma, apreendê-lo como unificado por dentro e por fora.

## O AMOR

O amor une de duas maneiras: no bem, quando alcança sua meta e no mal, quando fica impedido de alcançar sua meta. Nesse último caso, o amor se transforma em ódio. No entanto, o ódio, para além da separação, não une menos que aquele amor que alcança sua meta sem separação. O ódio, muitas vezes, nos une a um antagonista, até mesmo de forma mais duradoura e com força exacerbada. Porém, quando os amantes se reencontram após a separação e após o sofrimento que padeceram e que causaram, seu amor é mais puro, mais cuidadoso e mais respeitoso do que era antes. Estão cômnicos da fragilidade e da vulnerabilidade de seu relacionamento até mesmo no cotidiano e ficam, então, mais moderados, menos exigentes e mais tolerantes do que antes.

Para desenvolver-se, o amor precisa de ambas as maneiras, se bem que somente dentro de determinados limites. Quando esses são ultrapassados, o abismo entre os amantes vivos se torna intransponível. Mas não entre os amantes mortos. O que não for realizado aqui em vida se torna imprescindível entre os mortos, se quiserem completar a sua morte no sentido de que lhes seja concedido perecer e esvair-se definitivamente, esquecendo e sendo esquecidos.

Essa afirmação é ousada. Ninguém pode conferi-la. Se algo nela fosse verdadeiro, seria apenas uma pequenina pedra em um mosaico infinito. Contudo fiz essa afirmação pois ela atua — mesmo que, talvez, não em proveito dos mortos — porém, de forma remediadora e reconciliadora para os vivos que eram próximos aos mortos, por exemplo, seus filhos ou netos.

No trabalho com as Constelações Familiares, os representantes dos vivos são colocados ao lado dos representantes dos mortos. Apesar da ausência física das pessoas reais, vivas ou mortas, que estão sendo representadas, elas se tornam presentes nos representantes. Tanto que estes sentem e procedem como se estivessem conectados à alma dos ausentes e como se as almas dos mesmos os possuíssem durante aquele período. Neste processo fica visível que os mortos, que não conseguiram reaproximar-se em vida, alcançam a paz na morte, quando o amor, que não conseguira alcançar sua meta, devido ao ódio ou injustiça, posteriormente anula a separação e, com isso, também o ódio e a injustiça.

## O AMOR MAIOR

Bastante amor é vínculo. É instintivo e frequentemente cego. Com esse amor cego, as crianças fazem algo por amor, um amor que perpetua uma infelicidade, ao invés de terminá-la. Assim são as crianças.

Quando nos tomamos adultos e nos expomos à diversidade da realidade, se ficamos presos dentro do amor infantil nos limitamos a uma pequena parcela da realidade, ou seja, àquela parcela da realidade que corresponde, aproximadamente, àquilo que foi possível, em compreensão e amor, dentro de nossa família. Esse é um amor menor.

Esse amor menor nos leva a aceitar uns e excluir outros, por exemplo, um outro povo, uma outra cultura, uma outra religião. Permaneceremos estreitos.

Quando o amor cresce torna-se amplo e concilia, em sua própria alma, mais e mais daquilo que, antes, foi recusado ou temido. Assim, transcende-se o amor menor e, ao final, consegue-se harmonizar, dentro da alma, muitas diferenças e contradições: vida e morte, saúde e doença, vítima e agressor, também o mal, a culpa — o todo.

Além disso, passamos a viver, por assim dizer, não somente aqui no presente, mas também estamos conectados com tudo que existiu antes de nós; não somente com os vivos, mas também com os mortos. O reino dos mortos, quando comparado ao reino dos vivos, é muito maior e atua continuamente no reino dos vivos, pois estamos alicerçados em nossos antepassados. Em nós eles continuam atuando. Também, tudo que deixa de existir na natureza ressurge em algo diverso e novo.

Quando nos abrimos a esse ciclo, para que tudo que passou, por assim dizer, reviva em nós, e quando concordamos que também pereceremos e, apesar disso, continuamos a atuar no perecer, somos unos em nosso amor, com tudo antes e depois de nós e, naturalmente, com tudo aqui, em nosso presente.

## O OUTRO AMOR

Quando olho nos olhos de um ser amado e digo: “Eu amo você”, estou abrindo-lhe o meu coração — e tocando o seu.

Mas, será que ele poderá, realmente, confiar em meu amor? Meu amor será forte o suficiente para aguentar firme até o fim e passar por todas as provas possíveis, ou essa frase não estaria sobrecarregando a ele e a mim?

Meu amor ganha força, quando não for desejado e sustentado unicamente por mim — e quando não for direcionado apenas ao outro, mas também àquilo que é maior do que ele, que determina seu destino e que o reivindica para si. Portanto, devo ampliar esta frase “Eu amo você” até que, nela essa outra dimensão seja reconhecida e abrangida. Então, digo ao outro não tão somente “Eu amo você” e, sim, digo-lhe “Eu amo você — e aquilo que conduz a mim e a você.” Eu amo você — e aquilo que conduz a mim e a você.

Aquilo que conduz a mim e a você talvez nos conduza, por um certo tempo, pelo mesmo caminho. Portanto, nos une nesse caminho de maneira íntima e afetuosa. Depois, cada um de nós talvez se dê conta que está sendo conduzido por um outro caminho a um outro destino. Aquilo que nos conduz poderá, e talvez até deva, nos separar. Quando vemos e reconhecemos tal possibilidade, o que acontece com nosso amor? Terá, então, chegado ao fim?

Não. É justamente aquilo que parece estar nos separando que nos une, de maneira mais profunda. Assim, nos tomamos unos tanto com o ser amado quanto — juntamente com ele — com algo maior.

Esse amor é a base do respeito. Eu somente respeito o outro como ele é quando, primeiramente, também respeito o que o conduz. E também somente respeito a mim *como* eu sou quando, antes, também respeito o que me conduz.

Agora podemos perscrutar dentro de nossa alma o que isto significa para os nossos relacionamentos. Por exemplo, quando numa relação a dois, homem e mulher dizem um ao outro: Eu amo você — e aquilo que conduz a mim e a você. Ou quando pais dizem a seus filhos: Eu amo você — e aquilo que conduz a mim e a você. Ou quando uma criança diz ao pai ou à mãe: Eu amo você — e aquilo que conduz a mim e a você.

Podemos também dizer esta frase a um doente, que nos pede ajuda: Eu amo você — e aquilo que conduz a mim e a você. Então, talvez possamos compreender o sentido de sua doença e o caminho ao longo do qual esta o conduz. Talvez, também, possamos compreender se somos capazes de ajudá-lo, se formos convocados para tal. Então, não seremos nós os únicos que, apoiados por nosso conhecimento e nossa experiência, estaremos intervindo em seu destino. Seremos conduzidos por algo que transcende a nós e a ele e ao qual ambos nos submetemos, da mesma maneira.

## SOSSEGO DO CORAÇÃO

Conhecemos as palavras de Santo Agostinho: “O nosso coração está inquieto enquanto não sossegar em Vós.” O que estas palavras nos dizem hoje em dia? Como encontraremos, no cotidiano, o sossego do coração, o sossego da alma, o sossego do espírito?

Encontraremos esse sossego quando concordarmos com tudo que nos move assim como é; quando concordarmos conosco mesmos assim como somos; quando alcançarmos a harmonia com aquilo que antes, talvez, não quiséssemos que fosse verdade; quando não mais nos opusermos àquilo que parecia barrar o nosso caminho.

Quando tivermos encontrado esse sossego do coração, estaremos, também, em harmonia com nossos pais, nossos irmãos, nossos antepassados e nosso destino. Quando aceitarmos nosso parceiro ou nossa parceira como ele ou ela é, sem o desejo de promover a mínima modificação nele ou nela — qualquer que seja — também estaremos em paz com ele ou ela e teremos sossego.

Se tivermos filhos e os aceitarmos assim como são, com seu destino singular, suas capacidades singulares, seus limites singulares, seu amor singular, estaremos em paz com eles e teremos sossego.

Quando estivermos lidando com outros grupos que talvez possam parecer difíceis e que tememos poder estar contra nós e se, apesar disso, os aceitarmos assim como são, exatamente do modo como são, sossegaremos e, talvez, nos tomaremos irresistíveis para eles.

Partindo do sossego do coração, também podemos alcançar a harmonia com outras camadas sociais, outras religiões, outras raças, outros povos. Quando os aceitamos assim como são, a desconfiança cessa.

## Aforismos: *Amor*

O amor é forte como a morte, e não recua.

Alguns têm a ilusão de que seu sofrimento salva o mundo.

Mas, muitas vezes, rouba a felicidade de muitos outros.

Sem amor não há solução.

Pouco amor, pouco efeito.

Junto a homens bons ou mulheres bondosas é preciso mudar.

O que vem do coração não dá trabalho.

Quem está vivo também é capaz de amar.

O mais difícil no amor, muitas vezes, não é a sua presença  
e sim, a sua confissão.

O âmago do amor é intocável.

Sem homens não há crianças.

Nada mais fácil do que fazer um filho, e, no entanto, é o mais grandioso.

O amor purifica o outro das próprias imagens — e da própria intenção.

Amor? Vem de longe e vai longe.

O que é uma referência sem amor?

O amor guarda segredo.

Cão em corda comprida prefere voltar.

O rubor desaparece quando se ama os desejos secretos.

Não há nada maior que a mãe.

Quem procura o vinho, procura a mãe.

Os filhos querem que os pais sejam grandes, não iguais.

Não se deve procurar os pais que se afastaram.

O amor permanece.

Dor do coração se cura com a mãe.

Quando se reconhece a ligação, o desligamento se torna fácil.

O grande amor está acima do uso mesquinho.

Quem ama com exclusividade não ama o todo.

## EXPERIÊNCIA

O experienciar tem por base uma expansão, seja ela interior, do ego para o próprio corpo, para a própria alma, para o próprio pensamento; seja para além do próprio ser, em direção ao outro que nos defronta e que se estende para além de nós.

Nossos órgãos dos sentidos e nossos membros possibilitam este estender-se para além de nosso corpo: visão, audição, olfato, tato, paladar. Quando a eles se junta o movimento, podemos passar as mãos em algo e agarrá-lo, e com os nossos pés podemos nos aproximar daquilo que está longe e o sentir de perto. Assim, transferimos o exterior para dentro de nós e o interiorizamos. Ao mesmo tempo também estamos, com isso, dirigindo para o exterior, tornando-nos parte dele enquanto o modificamos, seja porque o desenvolvemos — consideremos, por exemplo, o cultivo e cuidado de plantas e animais — seja porque o destruímos. Enquanto o destruímos, uma parte de nós também desaparece.

Tal experiência pode ser descuidada, porque permanece irrefletida e, portanto, exterior, ou, pode ser atenciosa, até mesmo devota, pois apreende algo essencial “daquilo lá fora”, por assim dizer, toca seu íntimo, recebendo daí uma resposta e um aviso. Estabelece com o exterior uma relação, como que de alma para alma, pela qual compreende o próprio ser e “aquilo lá fora” como parte de um todo maior e, dessa forma, consegue harmonizar-se com ele. Assim, o exterior se torna experiência interior de uma maneira muito especial.

Afora essa experiência exterior, há também uma experiência interior, por exemplo, de bem-estar ou de dor. Também experimentamos que, independente do exterior, podemos imaginar algo, sonhar com algo e fazer planos, criando, assim, para nós um mundo interior.

Agora, podemos transferir a imaginação desse mundo interior para o exterior, confrontando o mundo exterior com as imagens, expectativas e metas desse mundo interior e querendo subjugar-lo ao interior ou medindo o imaginário do mundo interior em comparação ao exterior, moderando um conforme o outro, harmonizando ambos e, assim, expandindo, aprofundando e enriquecendo cada um através do outro. Também aqui se trata, em última análise, da harmonia com um todo maior, com uma alma comum maior.

Nesse sentido poderíamos entender as duas últimas estrofes do 14<sup>a</sup> Soneto de Rilke da Segunda Parte dos *Sonetos a Orfeu*<sup>4</sup>.

*Se alguém as embalasse em sono profundo,  
e, a elas se aninhando, adormecesse junto,  
amanheceria leve e distante das coisas do mundo?*

*Ou, talvez, se ele ficasse, elas florariam em tudo,  
a louvar o convertido. Ora também oriundo,  
irmão das irmãs do vento, pelos prados de veludo.*

---

4 Trecho retirado da obra: *Os sonetos a Orfeu - Elegias de Duíno* — Rainer Maria Rilke; tradução e seleção, Karlos Rischbieter e Paulo Garfunkel. — Rio de Janeiro: Record, 2002 — Edição bilíngue, p. 93.

## SENTIMENTOS

Muitos sentimentos têm algo a ver com uma situação real, por exemplo, a morte do pai, a perda da mãe, uma separação prematura da mãe, a morte de uma criança ou com o amor entre homem e mulher. Em todos esses sentimentos, os olhos estão bem abertos. Quando somos testemunhas de tais sentimentos podemos compartilhá-los sem renunciar a nós mesmos, antes pelo contrário, sentimo-nos enriquecidos quando compartilhamos esses sentimentos. Sentimo-nos mais humanos.

Chamo esses sentimentos de sentimentos primários.

Onde tais sentimentos aparecem não há necessidade de consolo, de intervenção externa. Se alguém tenta intervir, somente consegue perturbar. Em sentimentos primários, o indivíduo está totalmente consciente e possui força. E algo mais é importante aqui: seguindo um sentimento primário, a pessoa se torna capaz de agir. Torna-se então evidente o que se tem de fazer. Do sentimento primário vem a força para a ação.

O que acontece com os sentimentos secundários é bem diferente. Estes servem para a defesa contra outro sentimento e enfraquecem. São substitutos para a ação. Ao invés disso, outros se sentem conclamados a fazer algo, mesmo sabendo que será em vão. Pessoas que estão tomadas por tais sentimentos irão mostrar, a quem quer consolá-las ou que tenta atendê-las, que ele também nada conseguirá. Por quê? Por que se ele conseguisse algo, as próprias pessoas teriam que agir. Os sentimentos secundários servem, pois, como defesa contra uma solução. Através destes é que qualquer problema é preservado. Portanto, nunca se pode atender diretamente tal sentimento, porém pode-se tentar desviar a atenção. Por exemplo, conta-se uma piada. Sobretudo, incita-se a pessoa tomada de tal sentimento a abrir os olhos e olhar atentamente para algo. Com olhos bem abertos não se consegue mais sustentar um sentimento secundário. O estranho é que o sentimento verdadeiro por trás do sentimento secundário muitas vezes é, justamente, o contrário do sentimento demonstrado. Muitas vezes, ao abrir os olhos, alguém ri quando antes estava soluçando.

Quando alguém nos aflige com tal sentimento, podemos ganhar tempo, por exemplo, achando um pretexto qualquer para nos afastarmos, mesmo que seja por pouco tempo. Ao voltarmos, o sentimento muitas vezes passou, pois os sentimentos secundários só existem na presença de terceiros. Sem público não têm razão de ser.

Além dos sentimentos primários e secundários há, ainda, os sentimentos assumidos. Nós os assumimos como representantes de outras pessoas. É por isso que é tão importante que se possa distinguir entre o próprio sentimento e um sentimento assumido.

Vou dar um exemplo disso. Uma filha sempre sentia raiva do pai. O pai teve uma primeira esposa que fora por ele abandonada. É essa mulher neste sistema que, na realidade, está com raiva do pai. Numa constelação familiar, a primeira esposa pôde dizer a essa filha: sou eu quem está com raiva aqui, o assunto não lhe diz respeito. De repente, a criança ficou contente, e o sentimento assumido desapareceu.

Existe ainda uma quarta espécie de sentimentos. Esses são transcendentais. Chamo-os de metassentimentos. São pura força. Aos metassentimentos pertencem a coragem, a calma, a alegria, a sabedoria, pois a sabedoria também é um sentimento. O sábio sabe se algo é possível ou não, por isso é sábio. Ele não sabe mais do que os outros, mas sabe o que é possível.



## Aforismos: *Compreensões*

A intenção não substitui a compreensão.

O erro faz parte do ofício.

Comparada à compreensão, a imaginação parece pálida.

O que outros dizem não me desobriga da reflexão.

Todo dito conciso assenta-se no não-dito.

Só porque entendo algo, isso não o toma correto.

Para negar algo, é preciso antes reconhecê-lo.

Bons propósitos disfarçam as emoções internas.

O sujeito é o objeto da realidade.

Na igualdade não há comparações.

Nada do que é é substituto.

A beleza sempre é um detalhe.

Muitas vezes o destino é tangido por cegos.

O vento que sopra nunca é novo ou diferente, é sempre o mesmo.

Não se realizam grandes feitos comodamente.

O grande começa solitário.

Quem está sozinho, pertence a todos.

Nas profundezas estamos separados.

Com o meu medo ninguém consegue crescer.

Pequena ordem, grande efeito.

Não é o muito que sacia e, sim, o essencial.

Quanto mais quente o mingau, maior o melindre.

Contestações são mais fáceis que constatações.

Muitas vezes o conhecimento desgasta a verdade.

Quem se identifica com as vítimas também se identifica com os agressores.

A imperfeição facilita a solução.

O desenvolvimento é inevitável.

A inspiração não visa à “verdade”, e sim à plenitude.

A plenitude não pode ser definida.

A sabedoria age.

As intenções não ajudam.

## VER

Ver é mais do que enxergar. Reconhecemos isso no simples fato de que, às vezes, não só enxergamos algo, mas também o identificamos. Acrescenta-se, pois, algo mais ao enxergar, um discernimento que vai além do mero olhar. Alcança sua profundidade, seu segredo, talvez, até mesmo, sua essência. A visão nesse sentido se relaciona com o essencial, com aquilo que dá ao objeto visto a sua verdade, a sua beleza essencial. Portanto, o ver traz à tona algo diferente, algo que permanece oculto ao simples enxergar.

Por isso, somente quando nosso olhar se transforma em ver é que apreendemos algo essencial sobre as pessoas, algo das ordens a que estão submetidas, algo de sua alma, de amor, respeito, destinação e sentido.

O ver tem êxito quando nossos sentidos estão puros, no sentido de permeáveis e abertos àquilo que se revela; quando não está embaçado e preso por metas, desejos ou medos que encobrem o que se nos mostra; quando não queremos tomá-lo para fins menores, ao invés de, simplesmente, estarmos abertos diante dele e aguardarmos o que e como se mostra.

Portanto, somente consegue ver aquele que tiver a paciência de manter-se firme até o ponto em que o que estiver oculto se mostre, espontaneamente, camada por camada ou, nas palavras de Heidegger, “desoculta-se”.

## LEMBRAR E ESQUECER

*Uma indígena norte-americana durante um curso em São Francisco* quero dizer algo sobre a atitude de vítima. Trabalho como terapeuta em minha reserva indígena. Um tema que sempre volta à tona é a injustiça que foi cometida pela colonização contra nosso povo. Como povo, ainda permanecemos muito na atitude de vítimas, e isso nos paralisa de várias maneiras. Temos um medo profundo de que, se deixarmos de nos sentir como vítimas e de nos comportarmos como vítimas, daríamos aos agressores um pretexto para reprimir sua responsabilidade. Isto porque o público americano ainda não está disposto a reconhecer a injustiça que foi cometida pelos imigrantes contra nosso povo. Enquanto nos comportarmos como vítimas, estaremos lembrando aos outros aquilo que foi perpetrado contra nós, pois até hoje ninguém reconheceu publicamente que fomos injustiçados. Nós nos agarramos ao nosso papel de vítimas para que os outros se sintam culpados. Esse sentimento de culpa é o penhor que deve garantir nossas reivindicações.

Porém, isso nos paralisa como povo. Desde que começamos com constelações familiares em nossa reserva e desde que eu mesma faço este trabalho, pergunto a mim mesma como podemos nos livrar do papel de vítimas sem que, com isso, estejamos abrindo mão do respeito aos nossos antepassados e ao destino que lhes sucedeu. Se não permanecermos na atitude de vítimas, deixaremos de honrar nossos antepassados. Você pode dizer algo a respeito?

HELLINGER POSSO dizer muito a respeito. Esta é uma questão muito importante. Neste contexto, quero dizer algo sobre o lembrar e o esquecer. Muitas vezes, nos encontramos com pessoas que viveram coisas ruins e sempre voltam a pensar e lembrar-se delas. Através dessa lembrança, o passado ruim é reavivado. Essas pessoas, também, associam essa lembrança a uma reivindicação feita a outros. Lembrando as coisas ruins e fazendo com que sejam lembradas constantemente, revalidam essa reivindicação. Isso tem relação com nosso anseio por compensação.

Pessoas que sofreram esperam, mais tarde, uma compensação por seu sofrimento. Uma nação que sofreu espera uma compensação por parte daqueles que lhe trouxeram esse sofrimento ou por parte de seus descendentes. Esse anseio por compensação mantém a lembrança viva por muito tempo.

A esperança por reparação e a exigência de compensação são justificadas e necessárias em nossos relacionamentos pessoais. Do contrário, esses relacionamentos se perdem. Essas esperanças e exigências, no entanto, não podem ser transferidas, analogamente, ao relacionamento entre povos. A esperança e a exigência de que poderia ou deveria haver uma compensação por injustiças sofridas no passado é a força motriz de muitas guerras. Muitas guerras deveriam vingar e reparar uma injustiça ou um sofrimento; contudo, isso somente chega a acontecer quando o grupo for suficientemente forte para conduzir uma guerra. Enquanto o grupo não tiver condições para tal, é comum permanecer na atitude de vítima e esperar uma reparação no futuro.

Dou uns exemplos: uma amiga de nossa família esteve, quando jovem, no campo de concentração de Dachau e foi libertada quando acabara de completar 16 anos. Junto com ela, no campo de concentração, havia uma outra jovem que mais tarde moveu ações, durante anos, por uma indenização, pois achava que sua incapacidade de ter filhos poderia ser atribuída ao fato de que vivera no campo de concentração. Por causa dessas esperanças e exigências, conduziu um litígio judicial durante 30 ou 40 anos.

Pois bem, qual foi o resultado final desse litígio? A vida real passou por ela a passos largos. A lembrança de injustiças passadas a impediu de realmente viver a vida que lhe era possível.

Que diferença com a mulher que é nossa amiga! Após sua libertação, um oficial americano lhe disse: “Deixe para trás o que você viveu. Esqueça-o e olhe para frente.” Ela seguiu este conselho. Tornou-se médica, professora universitária, teve sucesso e mitigou o sofrimento de muitas pessoas. Ela foi capaz de tomar o que a vida lhe concedeu, porque deixou a lembrança para trás.

Há algumas semanas, quando estávamos promovendo um seminário no México, encontramos um sobrevivente de Auschwitz, um velho senhor, com quem jantamos. Ele conversou em alemão comigo. Sua filha, que estava com ele, jamais na vida o tinha visto falar alemão. Ele me contou que, após ter sido libertado do campo de concentração, um oficial lhe disse: “Não se pode viver com ódio no coração. Com ódio no coração, é como se você estivesse morto.” Segui à risca o conselho e, assim, foi capaz de deixar suas lembranças para trás.

Há algum tempo tivemos um curso no Chile, durante o qual uma mulher relatou que seu irmão fora preso na ditadura e desaparecera e que ela nunca mais iria esquecer isto. Eu lhe disse: “Você deve esquecê-lo.” Como ela se recusou, sugeri posicioná-la com o irmão numa constelação. Sua representante parecia dura como uma pedra e totalmente inerte. O irmão não se sentia bem a seu lado. Por isso, posicionei-o ao lado de um outro morto, que havia falecido junto com ele. Ali falou, para surpresa de todos: “Não fui injustiçado.” Ele estava em paz.

O que devemos aprender com isso é que nosso destino não está nas mãos dos agressores, como se eles tivessem o poder de nos aniquilar ou aniquilar um povo. Os agressores, também, estão a serviço de um poder superior, que decide quem deve viver e quem não deve. Esta é uma afirmação gravíssima, mas somente quando chegarmos a esta conclusão e nos rendermos a ela encontraremos a paz.

Hoje, no café da manhã, conversei com um homem sobre a América e a *situação dos indígenas*. É questão fechada que uma grande injustiça lhes foi feita. Porém, durante a nossa conversa, tentamos focalizar a América maior. Quando focalizamos apenas os indígenas e os conquistadores e os vemos apenas como vítimas e agressores podemos apreender a importância desse acontecimento somente em parte.

Fui confrontado com um problema semelhante, quando estive em Israel, no início deste ano. Sob muitos aspectos, a conquista de Israel após a última guerra foi brutal e cruel e foi feita à custa dos palestinos. Apesar disso, a conquista de Israel tinha algo de um movimento espiritual, tinha uma força espiritual. Por isso, em um certo sentido essa conquista era inevitável para todos, tanto para os agressores quanto para as vítimas. Quando examinamos o resultado dessa conquista é difícil julgar se, a longo prazo, foi uma coisa ruim ou não para os outros. Digo isso com todo cuidado, sem negar a injustiça e o sofrimento que estão ligados a isso.

Quando olho, agora, para a América vejo que este país ofereceu proteção e um novo lar para muitas pessoas que estavam sendo perseguidas. Devemos, portanto, olhar também para esse lado. Portanto, não podemos reduzir a relação entre a maioria aqui dominante e os indígenas a de agressores e vítimas. Aqui, também, estavam agindo forças maiores, transcendentais. Este é um dos lados.

Voltemos, agora, à questão do lembrar e do esquecer. A lembrança remediadora para os indígenas não seria a da injustiça sofrida mas, sim, a de seus antepassados antes de tal injustiça. Que, assim, não olhassem para os agressores, mas para muito antes no tempo, para seus antepassados, num período em que a vida para eles ainda era tranquila e boa. Que buscassem a força em seus antepassados — a força antiga e que, com essa força, vencessem no presente. Isso honra os antepassados mais que a lembrança da injustiça por eles sofrida. Dessa maneira, podem reencontrar a antiga força e dignidade, realizando algo grande e valioso para este país, a partir dessa força e dignidade, e encontrar seu lugar sem perder sua identidade. Este seria o movimento reparador aqui.

## EXEMPLO: A PAZ<sup>5</sup>

HELLINGER *para o grupo* Inicialmente, quero dizer algo sobre a paz. O que quer dizer paz? Há paz quando algo, que antes era tumultuado, se aquieta. Quando algo, que estava em confronto, se reconcilia. Quando algo, que havia se apartado, se reencontra e se funde.

A paz começa na própria alma. Começa quando aquilo que diferenciamos como bom e mau, que, portanto, se confronta como bem e mal é elevado a um mesmo nível, onde ambos atuam em conjunto e, em certo sentido, se tomam iguais. Quando julgamos que somos bons, excluimos outros que julgamos serem maus. E se julgamos algo dentro de nós como mau ou ruim, então o eliminamos, não queremos que seja verdade, o escondemos e reprimimos, combatendo-o dentro de nós. Quando nos deparamos com o mesmo também nos outros, nós o combatemos dentro dos outros, ao invés de combatê-lo dentro de nós. Nisso estamos seguindo uma instância interior que toma tais decisões e à qual também nos sentimos entregues nessas decisões. Esta instância é a consciência. A consciência faz nascer a diferenciação entre bom e mau. Essa diferenciação é importante dentro de um grupo, pois ela ordena quem pode pertencer a esse grupo e quem não pode. No âmbito de nossa família, por exemplo, é bom aquilo que nos liga à nossa família, e aquilo que nos separa de nossa família é vivenciado como mau ou ruim. Nesse sentido, a diferenciação entre bom e mau é justificada e importante.

Contudo, somos tentados a transferir essa diferenciação entre bom e mau tal como a conhecemos da nossa família ao mundo, como um todo. Assim, acabamos pensando que o mundo se encaminha para algo de bom dentro da nossa definição e que, por isso, também no mundo fora de nossa família devemos combater e até mesmo erradicar e destruir aquilo que, dentro de nossa família, julgamos ser separador e mau. Transferimos esta diferenciação até mesmo para Deus e Lhe atribuímos que Ele, do mesmo modo que nós, diferencie entre bom e mau e, portanto, prometa aos bons, dentro da nossa definição, uma recompensa que na fé cristã chamamos de paraíso; que castigue os maus, dentro da nossa definição, excluindo-os de seu convívio e condenando-os ao inferno por toda eternidade. Vem daí que a diferenciação entre bom e mau também seja feita em nome de Deus e que muitos se atrevam, em nome de Deus, a excluir e a condenar outros que sejam diferentes.

Afinal, o que leva à paz que reconcilia o que está separado e aparentemente irreconciliável? A condição para a paz é que digamos adeus à diferenciação entre bom e mau, que a superemos e reconheçamos ambos como referenciados um ao outro.

Quando olharmos para dentro de nossa própria alma e examinarmos o que chamamos de bom ou de santo e, depois, olharmos para o que chamamos de ruim ou desprezível ou de perigoso ou animalesco ou, ainda, contrário à mente e ao bem, quando então pesarmos um contra o outro, mantendo em uma das mãos o assim chamado bem e na outra mão o assim chamado mal e verificarmos o peso de um e de outro, qual terá o peso maior? É o assim chamado bem ou é o assim chamado mal? O assim chamado mal tem, de longe, o peso maior, tem a força maior. Ao mesmo tempo, percebemos que o assim chamado bem permanece débil e estreito sem o mal. Na ausência do mal, o bem se toma depauperado; sem o outro, o que é próprio se torna empobrecido.

Explicarei isso em dois exemplos. Quando reconhecemos somente um de nossos pais como sendo bom e rejeitamos o outro, porque não nos parece ser bom ou nos parece ser até mau, perdemos em força. Apenas quando reconhecemos ambos, assim como são, como certos e adequados para nós ganhamos nossa força total como filhos.

Vamos supor que um homem ou uma mulher foram casados anteriormente, separaram-se de seus parceiros anteriores porque estes, conforme alegam, não eram as pessoas certas, e agora se casam com um parceiro supostamente melhor; estão rebaixando o parceiro anterior e colocando o segundo acima do primeiro. Essa diferenciação compromete a relação nova. Porém, quando ambos respeitam os seus primeiros parceiros como equivalentes, quando ambos respeitam os parceiros anteriores do outro como equivalentes, a nova relação ganha em solidez e força.

Aqui interrompo minhas considerações sobre a paz. Como vocês estão percebendo, eu poderia continuar, contudo permaneço a serviço da paz e da reconciliação dentro dos limites que me são

---

<sup>5</sup> De um curso no País Basco.

impostos.

Quem desses que se inscreveram deseja começar?

*Inigo se adianta e senta ao lado de Hellinger. Este o olha, por algum tempo, em silêncio.*

HELLINGER *depois de algum tempo, para o grupo o que estou fazendo agora? Procurando entrar em contato com a sua alma.*

*para Inigo* Você entra em contato com a minha alma, e embora sejamos diferentes, trabalharemos em paz. Eu o considero e você me considera. Eu considero sua família e origens, e você considera as minhas origens. Assim, vamos deixar confluir o que há de melhor da minha família e da sua família e vamos procurar uma solução boa. Ok?

INIGO Sim.

HELLINGER Então, do que se trata?

INIGO Meu irmão esteve na prisão, porque tinha ligações com o ETA<sup>6</sup>. Quando saiu da prisão e retomou, meus pais o excluíram da família por outro motivo, não político. Naquele momento me solidarizei com ele e ficamos fora de casa por vários anos. Depois retomei minha relação com a família. Minha mãe conseguiu lenta, mas seguramente, nos reunir. Havíamos convivido, por anos, a certa distância, assim não se podia tocar em muitos assuntos. Ficamos muito calados. Quem calou menos foi meu irmão. Por todos estes anos não ouvi uma única palavra de compaixão pelos mortos do outro lado. Não ouvi do meu irmão uma única palavra de autocrítica sobre sua situação. Ele sempre se arrogou importância e gabou-se e, ao mesmo tempo, ridicularizou os mortos do outro lado. Ele mesmo se colocou como vítima das circunstâncias.

HELLINGER Acho que sei o suficiente. Vou sugerir uma constelação. Ok?

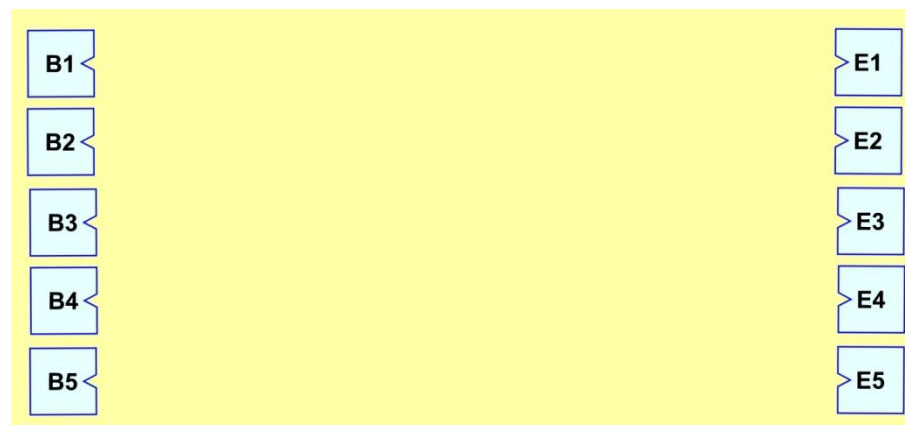
*Inigo concorda.*

*Hellinger escolhe dois grupos de cinco homens cada e os coloca, defrontando-se.*

HELLINGER *para Inigo* Este é um partido, e este é o outro. Você pode escolher qual lado vai representar o ETA, e qual lado, os espanhóis.

*Inigo determina que o grupo esquerdo vai representar o ETA, e o grupo direito, os espanhóis.*

**Figura 1**



**B1** Primeiro basco, membro do ETA  
**B2** Segundo basco, membro do ETA etc.

**E1** Primeiro espanhol  
**E2** Segundo espanhol etc.

HELLINGER Não vou dizer nada agora. Vamos deixar isto se desenvolver, não importa o que aconteça.

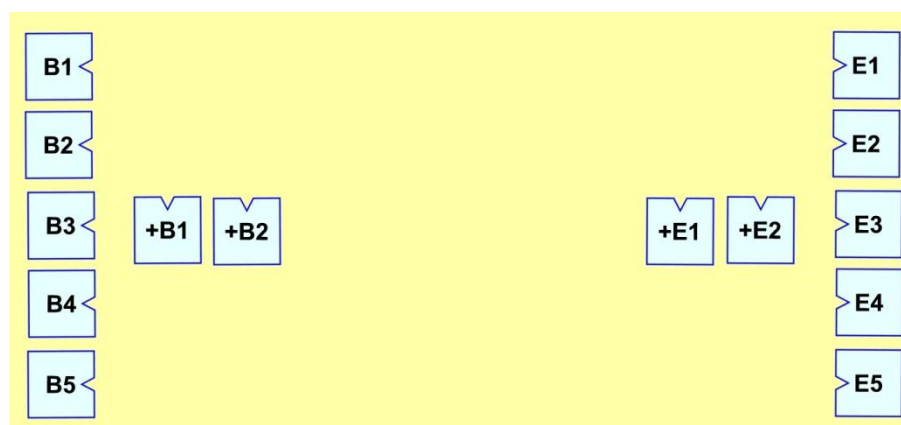
*aos representantes* Vocês vão se concentrar e se entregar ao movimento conforme vier. Um movimento da alma, como vier da profundidade.

*Depois de algum tempo, os representantes ficam irrequietos. O terceiro basco, provavelmente o representante do irmão de Inigo, levanta o braço com o indicador em riste contra os espanhóis, como se quisesse alvejá-los. Hellinger escolhe dois representantes para os bascos mortos pelos*

<sup>6</sup> ETA: grupo separatista basco.

espanhóis e dois para os espanhóis mortos pelos bascos e os pede para deitarem de costas entre os dois grupos.

**Figura 2**



+B1 Primeiro basco morto, membro do ETA  
+B2 Segundo basco morto, membro do ETA etc.

+E1 Primeiro espanhol morto  
+E2 Segundo espanhol morto

O terceiro basco deixa cair o braço que havia estendido. O segundo basco se ajoelha junto ao primeiro basco morto, toca-o e o olha. Depois se levanta novamente. O quarto basco cobre o rosto com as mãos.

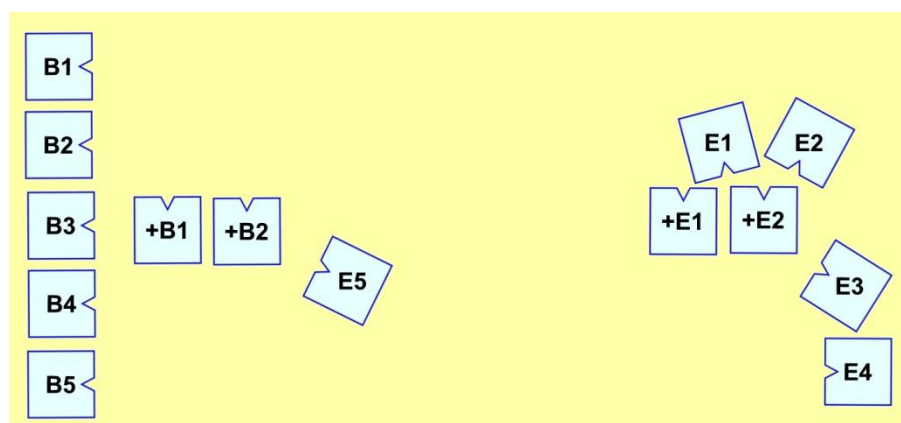
O primeiro espanhol dá um passo para frente. O quinto espanhol recua um pouco.

Enquanto isso, Hellinger foi avisado de que o representante escolhido para o segundo espanhol morto já havia sido vítima de um atentado do ETA.

O quinto espanhol retorna para junto dos outros. O primeiro espanhol se ajoelha junto ao primeiro espanhol morto e coloca a mão na cabeça deste. Depois o segundo e o terceiro espanhol também se ajoelham junto aos mortos.

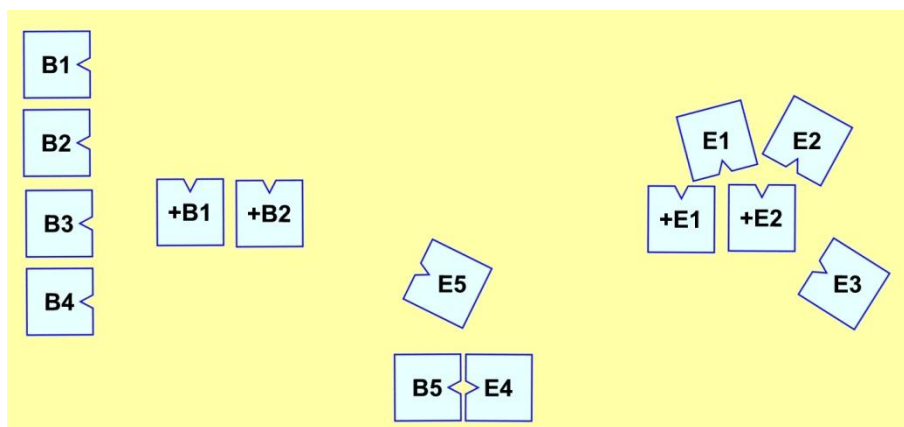
O segundo basco abre os braços. Então o quinto espanhol vai para o meio dos mortos, olha na direção dos bascos e se ajoelha, olhando para os bascos mortos.

**Figura 3**



O quinto basco e o quarto espanhol se aproximam lentamente e se abraçam.

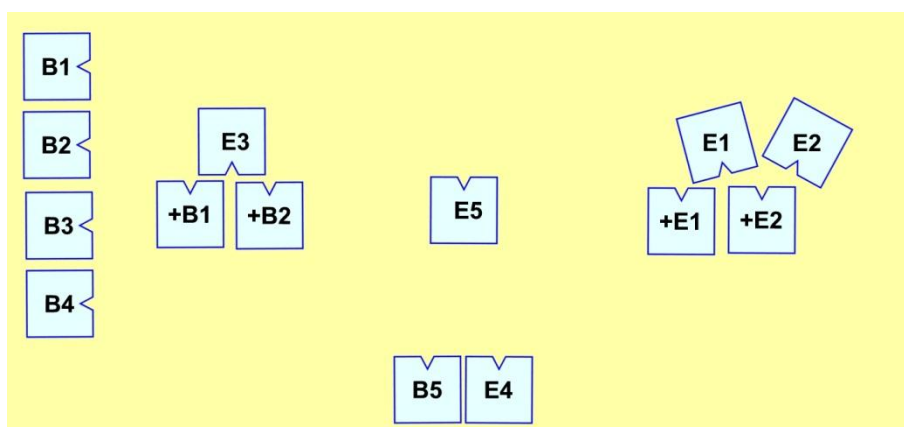
**Figura 4**



*Ainda ajoelhado, o quinto espanhol faz uma reverência para os bascos mortos e depois se deita entre os mortos. O primeiro espanhol se levanta e põe a mão no segundo espanhol, que ainda está ajoelhado, como se fosse consolá-lo. Este mantém a cabeça baixa. Também o terceiro espanhol se levanta, vai para junto dos bascos mortos e coloca as mãos no peito destes, os quais pegam a sua mão.*

*O quarto espanhol e o quinto basco soltam-se do abraço e se viram para os mortos. Porém, ainda se mantêm unidos.*

**Figura 5**



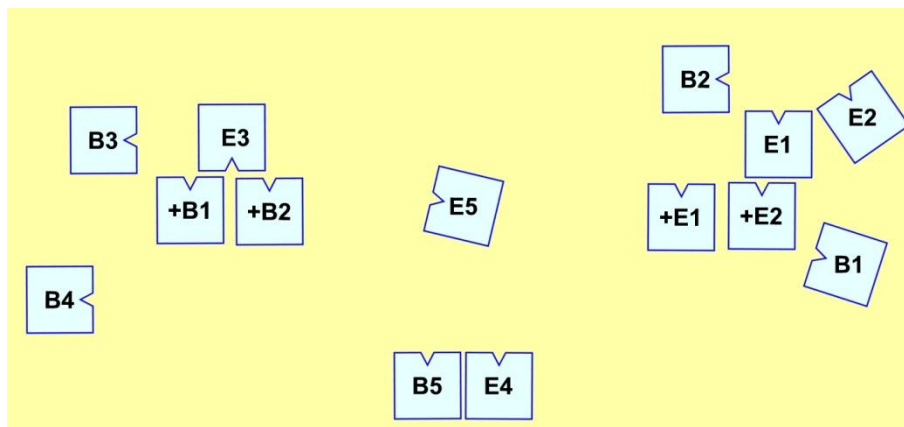
*O primeiro espanhol tenta levantar o segundo, mas este permanece ajoelhado e de cabeça baixa. Então o segundo basco se aproxima do primeiro espanhol. Ambos se dão as mãos. Os dois então levantam o primeiro espanhol, que ainda mantém a cabeça baixa.*

*O primeiro basco vai para junto do primeiro espanhol morto, se ajoelha e segura a mão deste. Também o quinto basco se ajoelha em frente aos mortos e faz uma profunda reverência. Então ele se levanta de novo. O terceiro basco estende a mão apontando para o terceiro espanhol, que está ajoelhado junto aos bascos mortos. Parece que ele quer alvejá-lo.*

*Enquanto isso o segundo espanhol se senta novamente e olha na direção dos bascos.*

**Figura 6**

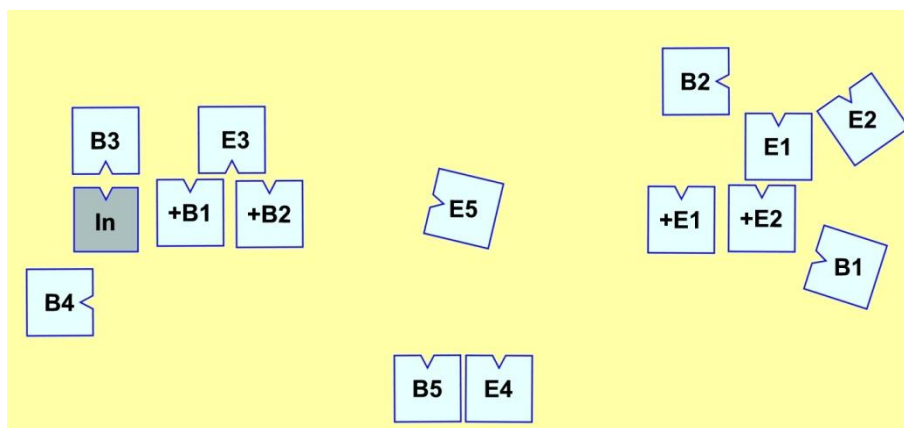




*Inigo se junta ao terceiro basco, que parece representar seu irmão e que quer atirar no terceiro espanhol. Ele quer apaziguá-lo, então, este deixa cair seu braço e eles se abraçam.*

*O terceiro espanhol se levanta, mas fica de pé junto aos bascos mortos e olha-os. O segundo espanhol levantou a cabeça e é segurado e consolado pelo primeiro espanhol.*

**Figura 7**



**In** Inigo

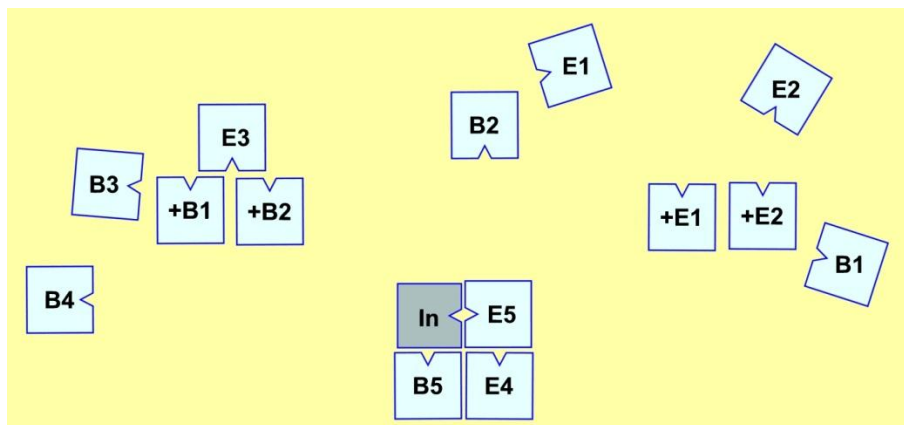
*Após o abraço, Inigo retorna ao seu lugar. O quinto espanhol senta-se de costas para o quinto basco e o quarto espanhol. Então Inigo vai para junto daquele, fita-o, ajoelha-se e eles se abraçam ternamente. Depois de algum tempo, Inigo solta a cabeça. O quinto espanhol coloca a mão na sua cabeça.*

*O segundo basco se ajoelha junto aos mortos, pega nas mãos dos espanhóis e dos bascos mortos e as une, ficando todos de mãos dadas. O segundo espanhol se ajoelha novamente. Depois de algum tempo, o primeiro espanhol se aproxima dos bascos.*

*O terceiro basco se ajoelha junto ao primeiro basco morto, abraçando-o. Depois de algum tempo, ele se levanta novamente.*

*Após algum tempo Inigo e o quinto espanhol se olham. O quinto espanhol acaricia-lhe a face. Inigo o beija. Então, voltam a se abraçar, demorada e ternamente.*

**Figura 8**



HELLINGER *depois de algum tempo, para os representantes – o processo todo levou 17 minutos* Vou deixar por aqui, mas fiquem todos no seu lugar. Vou perguntar a cada um o que experimentou, o que aconteceu aqui. *para Inigo* O que aconteceu com você?

INIGO Eu passei bem. Há dor, mas entendi algo. Consegui entender os sentimentos.

QUINTO ESPANHOL Fiquei muito distante e muito forte. Quando vi que esses dois aqui (*o quinto basco e o quarto espanhol*) ficaram juntos, desmoronei internamente. Eu queria morrer. Não aguentava mais. Mas não morri. Eu tive que vir até aqui.

QUINTO BASCO No começo fiquei com muita raiva do outro grupo. Minhas pernas tremeram muito. O sentimento foi: eu não via sentido nisso. Todos os mortos eram iguais. Eu então tive que me aproximar de uma pessoa do outro grupo. Senti muita dor pelos mortos e tive que ajoelhar junto deles. Ele (*o quarto espanhol*) é para mim como um irmão mais velho. Agora eu queria virar-me com ele e ir para outro lugar.

Quarto Espanhol No começo foi um confronto muito forte. Mas quando os mortos jaziam aqui, acabou tudo. Era uma dor muito grande por esses mortos e também o desejo de nos unirmos e dar um fim a esse absurdo. Quando nós (*o quinto basco e eu*) nos reunimos, foi primeiro um profundo pesar e depois um grande amor, como para com um irmão.

QUARTO BASCO Tudo isso é como um pesadelo para mim. Tenho um sentimento de que eu nem existo. Nem tenho ligação com as pessoas do meu grupo. Eu estou doído e aprisionado e na verdade só quero morrer. Eu estou aqui no meio de tudo, mas não entendo absolutamente nada, e só quero morrer.

TERCEIRO BASCO Primeiro senti muito ódio contra o outro grupo. Eu tinha um desejo enorme de matá-los. Quando os mortos chegaram aqui, fiquei só com os meus mortos. Os do outro grupo me eram completamente indiferentes. Eu tive a sensação de superioridade. Com eles vi o medo e isso me deu ainda mais força. Agora, no final, me senti mais calmo. Esse quadro, com os mortos se dando as mãos, me acalmou, mas quero ver o outro grupo (*os espanhóis*) mais longe.

TERCEIRO ESPANHOL Quando vi os mortos, vi que tudo não tem sentido e algo também morreu dentro de mim. Agora nada mais tem sentido.

SEGUNDO BASCO No começo senti um ódio incrível dos outros. Eu os vi como invasores que destruíram minha vida, meu país, minha família, tudo. Então vi os mortos. Fiz contato com um morto do meu grupo. Jurei, internamente, que eu faria alguma coisa. Olhei para o outro grupo e vi que poderia matá-los. Senti que teria sido fácil matá-los. Olhei para um deles, que também ficou olhando constantemente para mim, e vi muito medo nos olhos dele. Neste momento também descobri meu próprio medo e pensei que pudesse, talvez, tentar um outro caminho. Em vez de continuar matando e me afastando deles, poderia tentar me aproximar deles. Eu senti no meu âmago que algo se uniu. Nesse momento senti também que esse caminho era mais rico, melhor, mais profundo para mim mesmo. Esse sentimento ainda está comigo.

PRIMEIRO ESPANHOL Desde o começo tive a necessidade de me movimentar. Eu queria até fechar um círculo aqui em torno dos mortos. Vi meus companheiros e vi que estavam parados. Então vi este morto aqui do nosso grupo (*o segundo espanhol morto*) e senti muito amor por ele. Eu queria consolá-lo e acariciá-lo. Depois vi o outro morto (*o primeiro espanhol morto*), que estava muito

irrequieto e que manteve os olhos abertos.

Também queria protegê-lo. E olhei para esse basco (*o segundo basco*)-. nós nos olhamos nos olhos e eu queria que ele viesse a nós, que nos uníssemos. Ao mesmo tempo, não podia abandonar o homem ao meu lado. Então senti muita dor e, mais que tudo, a necessidade de consolar.

SEGUNDO ESPANHOL No início não senti conflito com os outros. Eu não sabia por que estava ali. Também não consegui distinguir os mortos de um e de outro lado. Antes de tudo, senti dor e muito cansaço. Eu queria me fechar e deitar aqui no chão, me enrolar como uma bola e chorar.

PRIMEIRO BASCO De início me senti muito duro, muito indiferente e bastante tenso. Mesmo quando chegaram os mortos, isso não me tocou muito. Eu realmente não queria sair de onde estava. Depois tive que achar um caminho para ficar menos duro. O modo que achei foi me aproximar do morto que estava mais longe de mim, atravessar esse espaço e chegar a ele. Chegar até aqui me fez menos duro, mas só um pouco.

PRIMEIRO ESPANHOL MORTO Eu revivi o atentado do qual fui vítima há 20 anos. Pensei que meu coração fosse saltar do peito. Estava muito nervoso. Senti-me muito acompanhado por ambos os grupos. Isto é algo que me faltou por 20 anos. Não sei quem é o morto ao meu lado, mas sinto muito calor na mão dele.

SEGUNDO ESPANHOL MORTO Me senti em paz, muito calmo. Depois senti a dor que estava em volta de mim, e depois muito pesar e lágrimas por tudo que via em volta de mim.

SEGUNDO BASCO MORTO No início me senti só, indiferente, frio. Quando percebi mãos no meu corpo senti calor e também afeição. Quando ouvi choro, também chorei. Eu queria ter levantado, abraçado todos e tirado deles este fardo. Quando os outros mortos ao meu lado me deram as mãos, senti força e o sentimento: iremos conseguir. Então, quando ouvi todos os outros falarem ao meu redor, senti meu maxilar tremer e gritei internamente: chega! Depois me acalmei aos poucos.

PRIMEIRO BASCO MORTO Senti desde o começo que tudo isso era uma bobagem. Eu olhei para este, que julguei ser meu pai, e meu desejo era que seu ódio tinha que cessar. Quando vi que o ódio era muito profundo dentro dele, pensei: ok, é problema dele. Depois vi outra pessoa, que pensei ser meu irmão, que apontou o dedo para alguém do outro grupo. Eu pedi internamente que ele entendesse que isso não era nada mais do que aquilo que ele mesmo estava provocando. Foi uma grande alegria para mim quando ele se abaixou ao meu lado e eu pude abraçá-lo. Daí por diante fiquei muito calmo.

QUARTO ESPANHOL *que, enquanto isso, pôs a cabeça no colo de Inigo* Eu percebi que estava procurando um amigo que não estivesse aprisionado nessa loucura e o achei.

INIGO Os dois mortos do grupo dos bascos são amigos meus. Sempre fiquei olhando para eles, mas não consegui distingui-los dos outros. Quando vi pela primeira vez que um dos homens apontou o dedo para outro, não fiz nada. Mas quando vi a situação nova, quando ele novamente apontou o dedo para alguém, resolvi intervir. Eu percebi que poderia muito facilmente fazer algo para desconstrair essa situação tensa. Então o fiz. Quando vi que esse homem aqui (*o quinto espanhol*) estava tão assustado e tentando proteger os cadáveres do seu grupo, surgiu em mim uma grande compaixão. Tive o impulso de abraçá-lo. Queria que o medo dentro dele se dissolvesse de algum modo. Também senti a necessidade de lhe pedir perdão. Tinha que falar para ele que tudo o que acontecia aqui me causava grande pesar. Depois, quando vi que ele aceitava meu afeto, me veio um sentimento muito forte.

HELLINGER *aos representantes* Ok, então foi isso. Eu lhes agradeço.

*Inigo se aproxima de Hellinger e o abraça.*

HELLINGER *ao grupo* Agora vou sugerir um pequeno exercício. Fechem os olhos. — Minha sugestão é que vocês se aproximem daqueles dos quais têm medo, olhem nos olhos deles até vê-los de verdade — até ver o seu coração — e abram os olhos para eles, para que também eles consigam ver sua alma. — Na profundidade há uma experiência estranha — o que realmente é grande? Apenas um; aquilo que nos toma iguais a todos os outros. É o que é maior que tudo. Todo o resto nos diminui, todo o resto destrói o que é humano. — Depois olhem para os mortos de um e de outro grupo. — São todos iguais. — E todos os que vencem se tomam tão iguais quanto aqueles. Para que então a guerra? O que um dia será, já pode ser agora. Agora retornem lentamente.

## A Humildade<sup>7</sup>

Só existe paz onde há humildade. A guerra e a briga surgem onde alguém se acha melhor que os outros, onde alguém se julga mais importante que os outros. A paz surge quando ambos chegam ao mesmo nível e se encontram como seres humanos semelhantes, embora diferentes.

Isto começa com o homem e a mulher. São diferentes e, contudo, equivalentes. Quando o homem pensa ser melhor que a mulher ou a mulher pensa ser melhor que o homem, a relação está em perigo. Apesar de serem diferentes, ambos devem reconhecer que o outro, embora seja diferente, é “equi-valente”<sup>8</sup>. Isto continua quando os namorados se casam. Então, o homem deve reconhecer que a família da mulher, embora, talvez, seja completamente diferente de sua família, é equivalente, igual, tão boa quanto a sua própria. E, naturalmente, a mulher também deve reconhecer que a família do homem, embora, talvez, seja diferente, é equivalente e igual. Ambos, portanto, devem renunciar a algo que pensam ser melhor.

Esse reconhecimento do diferente como igual é humilde. Quando a fé é envolvida, pode-se ver a que ponto isso pode chegar, quando a própria família professa uma fé diferente daquela da família do parceiro. Quando uma família é católica e a outra protestante ou quando uma é cristã e a outra judaica ou muçulmana, fica evidente o quanto se exige do indivíduo ao reconhecer o diferente como igual e equivalente. Em última análise, significa que cada um renuncia ao seu Deus, que ambos renunciam aos seus deuses e se submete a algo maior, que é intuído além desses deuses. Isso é humildade.

Muitos se exaltam, invocando seu Deus, como se Ele lhes pertencesse. Renunciar a essa presunção e reconhecer tudo que é diferente e os diversos caminhos que levam ao religioso como sendo equivalentes ou provisórios ou mesmo insignificantes é humildade.

Agora quero perguntar àqueles com quem trabalhei ontem como estão hoje, quais os movimentos que começaram neles hoje, para que, talvez, possam ser compartilhados.

INIGO Ontem, neste trabalho, homenageei os mortos. Agora está surgindo uma segunda pergunta para mim. Confrontei-me com meu irmão e ele, provavelmente, devido ao seu silêncio durante tantos anos, não entendeu isto como respeito, ao contrário, desprezou-nos ainda mais. Neste desprezo pessoal desvalorizou também minha educação e minha profissão. E eu, talvez de modo arrogante, como você disse, descobri nele uma estratégia inconsciente, mas que tem a ver não apenas comigo, mas com toda a situação neste país. A questão é que amor e respeito são procurados infligindo-se dor e sofrimento aos outros. Agora, acontece que eu lhe disse adeus, que não poderia me encontrar com alguém que me desvaloriza, mas também não posso deixar que ele continue me agredindo. Porém, amo meu irmão.

HELLINGER Quero dizer algo a respeito. Sabe-se que o maior resultado é conseguido por aqueles que têm um forte impulso para agir, para consertar algo e que, apesar disso, não agem, permanecem quietos, centrados em si mesmos. Nesse momento, confiam em uma força maior e confiam em um movimento da alma que, a seu tempo, possibilita a solução. Esse é, igualmente, um outro lado da humildade.

Desta maneira, alguém começa uma limpeza interior, uma purificação. Então ele atua simplesmente por sua presença, sem agir. Não interferirá em qualquer movimento que vier a se desenvolver. Se, no final, resultar algo de bom, não é seu e, mesmo assim, ele teve participação.

## A Reconciliação<sup>9</sup>

PERGUNTA Este seminário no fim de semana, por diversas vezes, tocou na temática dos conflitos políticos e da paz. Eu gostaria de começar, aqui, com o País Basco e referir-me a alguns pontos. No País Basco, neste exato momento, há um período no qual os diversos lados estão se radicalizando sobremaneira. De um lado, há aqueles que pensam que o país deveria ser independente e, de outro, há aqueles que acreditam que não deveria ser assim. Manifestamente estão agindo forças que ultrapassam qualquer racionalidade. Agradeceria se você pudesse manifestar sua opinião sobre

7 No dia seguinte

8 Do latim *equi* (igual) + *valente* (valia)

9 Entrevista em sequência ao curso no País Basco

quais forças sistêmicas estão agindo aqui.

HELLINGER Onde algo ficou tão radicalizado, como aqui parece ter acontecido, aqueles que estão lutando, basicamente, são crianças. Quer dizer, o estado emocional que demonstram tem a irracionalidade de uma criança e também a cegueira de uma criança. A rigor, e esta é minha visão, é que eles acham que estão ajudando sua mãe. A causa a que servem ou a que pensam servir tem algo de maternal, pois a nação ou também o país a que pertencemos em nossa alma tem a figura da mãe. É por isso que o estado emocional, de um lado, é tão veemente e, do outro, tão cego. Isso não se pode resolver com racionalidade. É mesmo contra qualquer razão. A questão é: como se pode lidar com isso?

A experiência histórica mostra que, em tais conflitos, a paz somente se torna possível quando ambos os lados ficam impotentes, quando não conseguem mais agir. Então é a impotência que promove a paz. Essa guerra termina, via de regra, quando ambos os lados não conseguem mais agir. Enquanto um deles ainda consegue, não há paz. Não em se tratando de uma guerra que é tão irracional quanto esta. Portanto, não devemos nos entregar a quaisquer ilusões de que este conflito poderá ser resolvido de maneira rápida ou fácil.

Segundo minha visão, a solução consiste em desenvolver um diálogo entre pequenos grupos, uma conversa semelhante àquela que vimos no curso, na primeira constelação. Que ambos os lados se coloquem frente a frente e, depois, olhem para o que está entre um e outro: neste caso, os mortos que o conflito custou. Ao olhar para os mortos toma-se claro como esta luta não tem sentido e que os mortos são os primeiros que estão dispostos a ficar juntos. É que eles chegaram onde não mais têm poder, onde ambos estão submetidos a uma ordem maior que os nivela. Tudo que antes os impelia a lutar, agora não tem mais qualquer significado. Quando isso for conscientizado mediante o exemplo dos mortos, dos agressores mortos e das vítimas mortas, os vivos ficam atônitos e perguntam: afinal o que é que estamos fazendo? Então, dos mortos vem o impulso e também a força para a paz.

Todavia acontece que os vivos pensam que vingam os mortos. Portanto, imaginam que estão em dívida com os mortos e precisam continuar lutando. Aqui, novamente, se mostra a sua cegueira. Numa constelação, por exemplo, quando olharem para os mortos e chegarem a vivenciar realmente o que acontece entre agressores e vítimas, assim que estão mortos, então, talvez, o reconhecimento possa prevalecer.

PERGUNTA ISSO que você diz agora é exatamente o que está acontecendo aqui. Há um número muito grande de atentados e mais tarde os enterros serão apenas uma oportunidade para reafirmar as próprias ideias e as próprias convicções. O que você acha que poderia ser a atitude certa diante dos mortos de um lado e do outro, para que essa morte possa conduzir à paz e não a nova violência?

HELLINGER Antes, porém, quero mencionar mais uma outra coisa. Quem cometeu um assassinato continua assassinando. Não pode mais retroceder. É este o mal da situação. Quem já praticou um atentado, perdeu sua alma. Também perdeu sua racionalidade. A pergunta é: como evitar o início? Assim que houver um início, aqueles que mataram continuam matando.

Há uma frase de Rilke sobre os poetas: um poeta, uma vez que se desviou da verdade, não pode voltar atrás. E como isso é válido para pessoas que assassinaram outros em tais circunstâncias! Quando alguém mata outra pessoa durante um determinado estado emocional ou por ciúme, existe a possibilidade do remorso. Quando alguém mata outra pessoa por causa de uma ideologia, então se eleva acima do outro e o julga como se fosse Deus, como se tivesse direito a tal. Este se desvia tanto de sua verdade interior, da verdade humana, que ele, via de regra, não pode mais voltar atrás.

Se pudéssemos mostrar, concretamente, aquilo que realmente acontece dentro daquele que comete tal assassinato, o que esta pessoa causa à sua alma e não só à sua, mas também como envenena seu ambiente, isto talvez contribuísse para chamar de volta à razão aqueles que estão ameaçados de serem tragados por esta violência. Os atentados, que estão sendo cometidos são realmente o que existe de mais desumano, sem qualquer sentimento humano.

O que acontece nos funerais dos agressores que perderam a vida em suas próprias tentativas de atentado, em volta dos quais se reúne uma grande multidão que os exalta, e quando estes agressores, além disso, são proclamados cidadãos honorários de sua cidade? O ódio se espalha cada vez mais, pois em sua atitude interna os participantes se tornam iguais aos assassinos, e a desgraça

continua seu curso até que mais ainda seja destruído.

Portanto não podemos acreditar que podemos deter este processo, que uma pessoa isolada possa detê-lo. O que cada um pode fazer é mover-se, cuidadosamente, dentro deste contexto e no âmbito reduzido de sua influência, em seu próprio coração, na família, até o ponto em que for possível — já que, muitas vezes, é a própria família que está dividida – ou no círculo íntimo dos amigos; manter os valores humanos em alto conceito, pelo menos para si próprio, e confiar que a partir daí, dessa pequena célula, algo reconciliador venha a se irradiar ao longo do tempo.

Ouvi exemplos maravilhosos a respeito do Kosovo, onde ainda existia a vendeta. Enviados de uma família na qual alguém fora assassinado e que agora se sentia compelida, pelo dever da vingança, a assassinar alguém da outra família, foram ao encontro desta e com ela debateram como se poderia pôr um ponto final no assassinato mútuo. A maneira como procederam, este cuidado, este tatear cauteloso, impressionou-me profundamente. A partir da compreensão da inutilidade de se assassinares uns aos outros surgiu um movimento que correspondia, exatamente, àquilo que esse grupo necessitava para que houvesse reconciliação e paz entre eles.

Esse movimento abrangia apenas um pequeno círculo. Mas é um exemplo de como, após longo tempo, algo sucedeu e que levou ao respeito mútuo e à paz. Um exemplo de como os valores humanos podem voltar a prevalecer.

Quando consideramos quanto sangue correu na Europa até que tivéssemos chegado a uma ordem na qual as pessoas chegam a um consenso com respeito mútuo, podemos ver quanto sangue pode custar até que a paz seja possível.

Mas o que acontece com aqueles cujo sangue foi derramado para tal: são eles o preço pago por este resultado? Seria horrível ter de acreditar nisto. Penso, por exemplo, na guerra civil da Espanha — quantos pereceram. Eram somente vítimas ou será que também realizaram algo, algo precioso, pela maneira como estavam entregues ao destino? É isto que frequentemente me emociona.

Quando penso na última Guerra Mundial, em todos que morreram no campo de batalha e naqueles que foram assassinados no Holocausto e em outros massacres pavorosos, estes agora são coitados, se comparados com aqueles que sobreviveram? Isso, para mim, é inimaginável. Também o destino daqueles tem grandeza, mas diferente do que, normalmente, imaginamos ser a vida humana.

Isso só é possível entender quando visto num contexto mais amplo. Entre os mortos, finalmente, há paz e não simplesmente por estarem mortos, mas sim porque estão acolhidos por algo superior do qual emergiram. A vida emerge a partir desse superior e imerge de volta a ele. A vida nada acrescenta ao que havia antes. É uma fase intermediária. Quem imerge de volta está na plenitude. A vida emerge a partir da plenitude e imerge de volta à mesma plenitude. Quem morreu cedo nada perdeu e quem imerge mais tarde nada ganhou. Então o empenho de conservar algo, por exemplo, a natureza ou o meio-ambiente ou uma espécie que está ameaçada de extinção parte do princípio de que algo se perdeu irremediavelmente; porém quando uma espécie é extinta, ela não está perdida. Nada se perde da terra-origem. Nesse contexto podemos também ver as vítimas, que aparentemente foram o preço pago pela paz.

Como, então, poderia ser um funeral que serve à paz? Descem-se os mortos à terra-origem, ambos juntos, agressores e vítimas. Deveríamos enterrá-los juntos, amigo e inimigo.

## O Judaísmo em nossa Alma

Alma, aqui, quer dizer: a alma dos cristãos e a alma dos alemães. Ambos os conceitos têm vínculos extensos. Porém, diante do sofrimento do povo judeu, durante o domínio nazista alemão, tratarei aqui, especificamente, dos efeitos deste acontecimento nas almas dos alemães.

### Escolhidos e Rejeitados

Na alma de cristãos e judeus a imagem do povo escolhido por Deus ocupa um lugar central. Os cristãos adotaram esta imagem dos judeus, denominando-se como novo povo escolhido e, como consequência, consideraram o povo judeu como tendo sido abandonado e rejeitado por Deus. A imagem da escolha, portanto, atribui a Deus a preferência por aquele povo específico, eleva-o acima de outros povos e transmite-lhe o domínio sobre estes, em nome de Deus.

Como tal imagem de Deus vem ocupar um lugar em nossa alma? Podemos ousar falar de Deus neste sentido? Tal Deus que escolhe e rejeita é apavorante, pois mesmo os escolhidos devem temer que Ele os possa renegar a qualquer momento. Essas imagens vêm das profundezas da alma, primeiro da própria alma e depois dos abismos da alma compartilhada por um grupo maior. As imagens de ser escolhido e ser renegado, que surgem dessa alma em comum, são elevadas ao céu, veneradas e temidas como algo divino, algo que está acima de nós. Aqueles que se sentem escolhidos identificam-se, assim, com um Deus que escolhe e rejeita; eles próprios escolhem e rejeitam, tornando-se, então, temíveis para outros que eles consideram rejeitados.

Mas o que acontece quando outros grupos e outros povos também agem conforme imagens interiores semelhantes? Vemos, claramente, o resultado nas guerras religiosas. Nestas, os grupos não veem nem a si mesmos e nem aos outros como indivíduos. Ambos os lados agem como que possuídos por uma loucura coletiva.

Acrescenta-se à alma dos cristãos que esses acreditam no mesmo Deus que os judeus e, assim, em nome do Deus dos judeus, consideraram o povo judeu como rejeitado por Deus e despojado de direitos perante Deus. As dimensões terríveis a que tal presunção pôde chegar foram demonstradas, em nossa época, pela tentativa dos nazistas de aniquilar o povo judeu como um todo.

Poder-se-ia argumentar, aqui, que os líderes nazistas e o movimento nazista não eram de forma alguma cristãos. Porém, não nos deixemos iludir quanto a isso, pois, do ponto de vista da consciência de ser um povo escolhido, esse movimento teve características essencialmente cristãs. O *Führer*<sup>10</sup> se sentiu convocado pela providência para conduzir o novo povo escolhido — aqui sob a imagem da raça dominante — ao domínio do mundo e, durante o percurso, eliminar o povo escolhido anteriormente. Por mais que esta noção, hoje, nos possa parecer distorcida e cega, o movimento nacional-socialista e, com ele, grande parte do povo alemão colheu sua força para a Segunda Guerra Mundial, substancialmente, desse senso missionário. As atrocidades por eles cometidas estavam, praticamente, a serviço de um juízo divino.

Ainda hoje podemos perceber, nos grupos de extrema direita e extrema esquerda, que este senso missionário ainda não foi superado com o colapso do Terceiro Reich. Eles mostram um senso missionário semelhante e, em consequência disso, frequentemente, uma prontidão cega para usar a violência contra outros grupos.

### Jesus e o Cristo

Mesmo assim, apenas a oposição do velho e do novo povo escolhido não é bastante para explicar a aversão de muitos cristãos aos judeus e a crueldade dos *pogroms*<sup>11</sup> e das deportações. Ainda há uma outra ideia enraizada, e esta me parece ser a mais significativa, ela tem algo a ver com a oposição irreconciliável entre o homem Jesus de Nazaré e a crença na sua ressurreição e ascensão à mão direita de Deus Pai.

Para os primeiros cristãos, o homem Jesus deixou de ser visível bem depressa. Sua imagem é sobreposta e tomou-se irreconhecível pela imagem do Cristo glorificado. Com isso, os cristãos

---

<sup>10</sup> *Führer*. líder — título usado por Adolf Hitler

<sup>11</sup> Perseguições organizadas contra grupos judeus

reprimem a verdade dolorosa de que Jesus, na cruz, se viu abandonado por Deus; o Deus em quem Ele acreditava não se mostrou.

Elie Wiesel, o ilustre escritor judeu, relata o enforcamento público de uma criança num campo de concentração. Diante dessa atrocidade, alguém perguntou: “Onde está Deus aqui?” Elie Wiesel respondeu-lhe: “Ei-Lo pendurado ali.”

Quando Jesus, na cruz, bradou em voz alta: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, alguém também poderia ter perguntado: “Onde está Deus aqui?” E a resposta teria sido a mesma: “Ei-Lo pendurado ali”.

Os discípulos não podiam tolerar a realidade de um Jesus abandonado por seu Deus. Fugiram desta realidade através da crença na ressurreição, através da crença que afirma que Jesus agora está sentado à mão direita de Deus Pai e virá para julgar os vivos e os mortos. Porém, o homem Jesus e seu destino humano não foram erradicados pela crença na ressurreição. Nós o reencontramos na imagem dos judeus. O judaísmo na alma dos cristãos representa, portanto, o homem Jesus, a quem os cristãos, por acreditarem na sua ressurreição dos mortos e ascensão à mão direita do Pai, não mais ousaram encarar. Estar diante do Jesus abandonado por Deus é o que atemoriza os cristãos e os toma zangados. Assim, voltam-se contra os judeus como uma manifestação do Jesus que os atemoriza e contra o Deus de Jesus e dos judeus que os atemoriza. Essa é a imagem que me vem, quando observo o que se passa na alma de muitos cristãos. Vou dar um exemplo disso.

Num curso de dinâmica de grupo para cristãos muito ativos — todos eram teólogos e desempenhavam funções oficiais a serviço de suas igrejas — o dirigente do grupo, de repente, sugeriu: “poderíamos colocar uma cadeira vazia no centro, imaginar que Jesus estivesse sentado ali e cada um de nós lhe diria algo.” Imediatamente, alguém colocou uma cadeira no centro e os participantes começaram a falar com Jesus. O ódio a Jesus que subitamente irrompeu foi inacreditável. Um dos participantes chegou a correr até a cozinha, voltou com uma faca na mão e esfaqueou a cadeira. No final, todos ficaram abalados pelo que, de repente, havia surgido das profundezas de suas almas e ficaram muito envergonhados. O dirigente do grupo, porém, a quem, antes, os cristãos ativos haviam acusado de não ser cristão, disse: “Não encontro culpa nele.”

Quando deixo atuar em mim as imagens dos judeus, durante a perseguição no Terceiro Reich, como foram arrebanhados e mandados para a morte e como se conformaram sem se defender, dóceis e submissos; vejo Jesus neles: o homem Jesus e o judeu Jesus. Assim, as vítimas do holocausto assumiram, de maneira impressionante, aquele papel diante dos cristãos, no qual os cristãos viam Jesus diante dos judeus. Personificaram como povo, em seu comportamento e em seu destino o comportamento e o destino de Jesus, visto pelos cristãos diante do Sinédrio<sup>12</sup> e de Pilatos. Só que, agora, os agressores eram os cristãos, e os judeus eram aqueles que traziam as feições de Jesus.

## O mesmo Deus

Volto, agora, à metáfora de ser escolhido por Deus e, como contraponto, quero dizer algo sobre o início da religião na alma: o que se passa, então, na alma dos cristãos, ao se tornarem cristãos e na alma dos judeus, ao se tornarem judeus.

Uma criança, ao nascer numa determinada família, se torna parte dela. Tem determinados pais, e tem estes pais dentro de um determinado clã, em determinada cultura, em determinado povo, em determinada religião. A criança aqui não tem escolha.

Quando a criança toma sua vida, tal qual se lhe apresenta, sem qualquer pergunta, quando toma sua vida com tudo que lhe acarreta essa família, em termos de destino, de possibilidades e limites, de alegria e sofrimento, então não somente se abre a seus pais, não somente a esse determinado povo, não somente a essa determinada religião: abre-se a Deus e a tudo que pressentimos atrás desse nome. Por isso, o tomar a vida, de tal maneira, é uma realização religiosa, sim, é a realização religiosa propriamente dita.

---

<sup>12</sup>Tribunal dos antigos judeus, em Jerusalém, formado por sacerdotes, escribas e anciãos, o qual julgava as questões administrativas ou criminais referentes a uma tribo ou a uma cidade, os crimes políticos importantes etc.



Portanto, quem nasce em uma família judia não pode nem deve fazer de outra forma do que iniciar a sua jornada até Deus a seu modo judeu. E o único caminho que lhe é possível e, por isso também, o único certo. O mesmo vale para um cristão. Por mais que cristãos e judeus se diferenciem em seus ideários de fé, se equiparam na realização religiosa essencial. Essa realização é independente do conteúdo de sua respectiva religião e, por isso, nunca pode nem deve ser renunciada ao abraçar uma outra religião mais tarde. Explico isso num exemplo.

Um rapaz procurava ajuda num curso, porque se sentia isolado da vida. Veio à luz que seu avô era judeu batizado. Ele mesmo não se sentia como judeu, mas como cristão. Quando fizemos sua constelação familiar, coloquei cinco representantes das vítimas do holocausto ao lado de seu avô. O avô, espontaneamente, colocou a cabeça no ombro da vítima a seu lado e, após algum tempo, disse: “Aqui é meu lugar.” Quando o rapaz foi solicitado a dizer ao avô “Eu também sou judeu” e “Continuo sendo judeu”, só foi capaz de dizê-lo com muita ansiedade e tremendo. Assim que conseguiu dizê-lo, sentiu seu peso pela primeira vez.

Aqui, o que realmente havia sido religioso? Foi o ato de professar a fé cristã ou a volta às suas raízes judaicas? A realização religiosa básica, aqui, foi a sua confissão: “Sou judeu” e “Continuo sendo judeu.”

Uma árvore não pode escolher o lugar no qual cresce, o lugar onde sua semente caiu era o certo para ela. Isso também vale para nós. Para cada ser humano, o lugar de seus pais é o único possível e, portanto, correto. Para cada ser humano, o povo ao qual pertence e sua língua, sua raça, sua religião, sua cultura são aqueles unicamente possíveis e, portanto, certos para ele. Quando cada indivíduo concordar com isso, no sentido essencial de tomá-lo, humildemente, como vindo de algo superior e transcendente a ele e a todos os demais seres humanos, e desabrochar no seu lugar, conforme suas possibilidades, então saberá de sua igualdade com todos os demais seres humanos. Ao mesmo tempo, reconhece que este algo superior, como quer que o denominemos, deve estar dadivosamente voltado a todos da mesma maneira e, portanto, todos, por mais diferentes que possam ser, são iguais perante este algo superior.

## Alemães e Judeus

Diante desse pano de fundo surge a pergunta: como podem os cristãos e, em especial, os alemães, lidar com a culpa para com os judeus? O que podem e devem fazer para vencer essa culpa e conceder aos judeus o lugar em seu meio que lhes é devido? E como podem os judeus lidar com a culpa dos cristãos e dos alemães para com eles?

O que pode levar à reconciliação? Tendo em vista tamanha culpa, será mesmo possível que possa haver reconciliação?

Pude adquirir experiência em alguns cursos de como, talvez, possa haver uma reconciliação entre agressores e vítimas e, em sentido mais amplo, entre judeus e alemães. Um acontecimento incisivo ocorreu em um curso em Berna, quando um homem fez a constelação de sua família atual e, a seguir, disse que tinha algo importante a acrescentar: que era judeu. Em consequência disso, coloquei defronte a sua família sete representantes das vítimas mortas no holocausto e, atrás dos mesmos, sete representantes para os agressores mortos. Pedi aos sete representantes das vítimas que se virassem e encarassem os agressores. A seguir, nada mais fiz, mas deixei-os entregues aos seus movimentos da maneira como surgiam, espontaneamente.

Alguns dos agressores perderam as forças, contorceram-se no solo e soluçaram alto de dor e vergonha. As vítimas se voltaram para os agressores, olharam-nos nos olhos, levantaram aqueles que estavam caídos, abraçaram-nos e os consolaram. Ao final, surgiu entre eles um amor indescritível. Um dos agressores estava totalmente rígido, incapaz de se mover. Então posicionei atrás dele o “agressor atrás dos agressores.” Apoiou-se neste e pôde relaxar um pouco. Este representante disse mais tarde que se sentia como o dedo de uma mão gigantesca, totalmente entregue. Essa também foi a vivência dos demais, nessa constelação. Todos, vítimas e agressores, haviam se sentido tanto direcionados quanto apoiados por uma força maior, cuja ação não compreendemos.

A seguir, pedi a todos os participantes que me enviassem um relatório sobre o que haviam vivenciado na constelação. Um dos representantes dos agressores me escreveu:

“Quando você nos posicionou, sete homens atrás das sete vítimas, senti um grande mal-estar.

Pressenti e senti algo ruim, apesar de ainda não ter uma ideia certa de quem deveríamos representar. Então, quando você disse que éramos os agressores, um calafrio me percorreu. Depois, quando as vítimas se viraram e olhei dentro dos olhos da pessoa em minha frente, toda energia fugiu do meu corpo. Nunca, na minha vida, tinha sentido tanta vergonha. Só fiquei olhando para ele e fui diminuindo e ele só foi ficando cada vez maior. O que eu mais queria era sumir bem para o fundo da terra, de preferência num buraco de rato, bem profundo. Algo dentro de mim gritava o tempo todo: ‘Não, Não, Não, isto não pode ser verdade’. Senti necessidade de me desculpar. Ao mesmo tempo, uma voz dizia dentro de mim: ‘Não há desculpas aqui, nem atenuantes, você deve arcar com isso sozinho’. A única palavra que consegui articular foi um ‘Por favor’, que fez com que minha vítima me abraçasse. Sem a sua ajuda eu teria caído ao chão, de tanta vergonha. Em seus braços algo dizia constantemente dentro de mim: ‘não mereci isto; não mereci nem mesmo ser apoiado por ele’. Felizmente as lágrimas vieram, senão a coisa toda teria ficado insuportável.

Depois que minha vítima me soltou, melhorei um pouco. Voltei a sentir um pouco o chão sob meus pés e pude respirar mais aliviado. Ao mesmo tempo, sabia: ele era só a primeira vítima, ainda havia muitas outras vítimas cuja morte era minha responsabilidade, não só duas, três, não: dúzias ou até centenas. Então, tive também a forte necessidade de encarar todas essas vítimas, para assim alcançar paz interior.

Depois, quando você posicionou o agressor-mor atrás de nós, compreendi imediatamente: Tenho de assumir sozinho a responsabilidade pelo que fiz. Para mim, não havia qualquer exoneração por esse agressor atrás dos agressores. Também tive a forte sensação de que teria sido bem melhor ter estado do outro lado e não ter assumido essa culpa horrorosa.

Minha necessidade de encarar a próxima vítima foi ficando cada vez maior. Porém, o próximo contato visual, realmente, me jogou por terra. Não consegui mais ficar em pé e chorei amargamente, caído no chão. Estava completamente arrasado. Sua voz distante ‘Agora voltem lentamente’, só consegui perceber de muito longe, e a volta só se deu muito devagar. Para mim, havia muitas coisas ainda não resolvidas, muitas vítimas que não havia encarado. Dentro de mim continuava o forte impulso de resolver, ainda, mais assuntos pendentes. Depois da constelação precisei de, no mínimo, uma hora para voltar totalmente a mim e sentir novamente minhas forças.

Para mim, realmente, foi um dos papéis mais difíceis que já vivenciei numa constelação familiar. Estranho, também, como pensamentos, às vezes claros como cristal, surgiram em minha consciência, por exemplo, que nunca é possível transferir a outros a responsabilidade pelas próprias ações, mesmo sendo eu, somente, uma pequenina engrenagem na máquina. Após tal experiência, simplesmente se sabe que nada mais há para discutir, argumentar ou explicar. É simplesmente como é.”

Esse foi o relato.

Em constelações como esta, também fica evidente que não há um agrupamento no sentido em que aqui estão as vítimas e ali estão os agressores. Há somente as vítimas individuais e os agressores individuais. Cada agressor individual terá de enfrentar cada vítima em separado, e cada vítima individual terá de enfrentar cada agressor em separado.

Torna-se claro que não há paz para as vítimas mortas se os agressores mortos não ocuparem seu lugar a seu lado, se os agressores mortos não forem aceitos pelas vítimas. E não há paz para os agressores, enquanto não se deitarem ao lado das vítimas mortas e se tomarem iguais a elas.

Onde isso não acontece e onde não permitimos que aconteça, os agressores serão representados por gerações futuras. Enquanto, por exemplo, os agressores da última guerra não tiverem ocupado um lugar na alma dos alemães, serão representados, entre outros, pela extrema-direita. Também constatei, em constelações de descendentes de vítimas judias que, em muitas famílias judias, uma criança representa os agressores. Portanto, não nos podemos furtar à reconciliação com os agressores.

Nessa constelação, também, ficou evidente: um emaranhamento tão intrincado apenas pode ser desfeito por aqueles que estão envolvidos, ou seja, entre aquela vítima e aquele agressor. Ninguém pode nem deve assumir fazê-lo em seu lugar, como se tivesse o direito, a tarefa ou a força para tal. Por esse motivo, nessa constelação, os representantes das vítimas mortas e dos agressores mortos não queriam que os vivos se intrometessem. Eles tinham de se manter afastados. Os mortos

também queriam que a vida continuasse, que não fosse limitada ou abreviada por sua memória. Do ponto de vista dos mortos, os vivos estavam liberados para a vida.

Nesse contexto, imagino qual seria a reação na alma dos cristãos se imaginassem que também Jesus morto se encontrasse no reino dos mortos com aqueles que o traíram, condenaram e executaram. Quando consideramos as forças que conduziram seus destinos, conseguiremos vê-los também como seres humanos que são semelhantes e poderemos honrá-los por mais que isso pareça revoltante a muitos. Sobretudo honramos aquela força maior que está por detrás deles e de nós, permanecendo um mistério insondável. Submeter-se, dessa forma, a esse mistério, seria verdadeiramente religioso — e humano.

Nesse contexto, fiz um exercício com uma judia, em cuja família muitos haviam morrido. Ela se sentia chamada a reconciliar vivos e mortos. Fiz com que fechasse os olhos. Então, em imaginação, ela ia até o reino dos mortos, ficava de pé entre os seis milhões de vítimas do holocausto, olhava para frente, para trás, para a direita, para a esquerda. Em torno desses seis milhões de mortos, jaziam os agressores mortos. A seguir, todos eles se levantavam, as vítimas mortas e os agressores mortos, voltavam-se em direção do horizonte, a leste, viam ali uma luz branca e se curvavam profundamente perante essa luz. Então, depois de ela mesma se curvar perante essa luz, juntamente com todos os mortos, ela recuava lentamente, deixava os mortos na sua oração silenciosa perante aquilo que apenas reluz no horizonte e, mesmo assim, permanece oculto, dava as costas aos mortos e voltava novamente à vida.

## A Reparação

Algumas vezes, os vivos também precisam encontrar os mortos, encará-los e deixar que sejam encarados por eles. Em primeiro lugar aqueles que são culpados pelos mortos e, em seguida, aqueles que auferiram alguma vantagem do destino cruel de seus concidadãos judeus. Em muitas constelações veio à luz que os indivíduos injustiçados individualmente ocupam as almas daqueles que cometeram a injustiça ou que auferiram lucro de sua infelicidade e que, não somente ocupam as almas destes como também as almas de seus descendentes. E isto, até que a injustiça seja reconhecida, até que os encaremos, que os reconheçamos como seres humanos semelhantes a nós, até que lhes concedamos nosso respeito e lamentemos, junto com eles, o seu destino. Então, o que foi separado será unido novamente e os efeitos nefastos da injustiça deixam de existir.

Finalizando, quero ainda contar-lhes uma história e levá-los, por meio dela, se assim quiserem, a uma viagem da alma.

## O Retorno

*Alguém nasce dentro da sua família, da sua pátria e da sua cultura. Desde criança, escuta dizer quem dentro desse contexto havia sido o modelo, o professor e o mestre e sente o profundo anseio de ser como este.*

*Junta-se a pessoas com as mesmas ideias, exerce uma disciplina rigorosa durante anos e segue o grande modelo, até que se torna semelhante a ele – pensando, falando, sentindo e tendo as mesmas vontades que ele.*

*No entanto, pensa ele, ainda faltava algo. E, assim, empreende uma longa caminhada, a fim de, na mais longínqua solidão, talvez conseguir ultrapassar uma última barreira. Passa por antigos jardins, há muito abandonados. Apenas rosas silvestres ainda florescem e altas árvores ainda dão frutos que, no entanto, caem ao chão esquecidos, pois não há quem os queira. A seguir, começa o deserto.*

*Logo um vazio desconhecido o cerca. Parece-lhe que todas as direções são iguais e mesmo as imagens, que às vezes vê à sua frente, reconhece logo como vazias. Vagueia como seus pés o impulsionam à frente e quando, há muito, não confia mais em seus sentidos vê, diante de si, a nascente. Ela brota borbulhando do chão e é, rapidamente, absorvida pela terra. Porém, nos lugares aonde chega sua água, o deserto se transforma num paraíso. Quando olha ao redor, vê chegar dois estranhos. Estes haviam procedido do mesmo modo. Seguiram seu modelo até que se tornaram semelhantes a este. Também empreenderam uma longa caminhada para, talvez, na solidão do deserto, ultrapassar uma última barreira. Assim, também acharam a nascente. Juntos se inclinam, bebem da mesma água e creem que já quase atingiram sua meta. Então dizem seus nomes: “Chamo-me Gautama, o Buda.” “Chamo-me Jesus, o Cristo.” “Chamo-me Maomé, o Profeta.” Mas aí cai a noite e, acima deles, brilham, como desde sempre, as estrelas, silenciosa e inatingivelmente longínquas. Todos emudecem e um dos três sabe que está muito perto de seu grande modelo como nunca estivera antes. Parece-lhe que podia, por um instante, intuir o que ocorrera Àquele, quando conheceu a sensação de incapacidade, a frustração, a humildade. E como se sentiria, se também conhecesse a culpa. Parecia-lhe que O ouvia dizer: “Se eles me esquecessem, eu teria paz.”*

*Na manhã seguinte inicia o retorno, fugindo do deserto. Mais uma vez, o caminho o leva de passagem pelos jardins abandonados, até que chega a um jardim que pertence a ele próprio. Diante da entrada está um velho, como se estivesse esperando por ele. O velho lhe diz: “Quem vai tão longe e encontra, como você, o caminho de volta, ama a terra úmida. Sabe que tudo que cresce também morre e, quando acaba, alimenta.” “Sim,” o outro responde, “concordo com a lei da terra.” E começa a cultivá-la.*

## **JERUSALÉM SANTA**

Quando Jerusalém é, realmente, a Cidade Santa, tal como aparece nas visões de Isaías e no Apocalipse de João?

Quando os antigos inimigos das Guerras Santas se tornarem, todos eles, iguais uns aos outros no reino de paz dos mortos. A começar pela conquista sob Josué, a unificação sob Davi e Salomão, passando pelas guerras entre Israel no norte e Judéia no Sul, a queda dos dois reinos, sob os assírios e os babilônios, a difícil reconstrução após o exílio sob Esdras e Neemias, as guerras sangrentas dos macabeus, a execução de Jesus, a queda de Jerusalém sob os romanos, a conquista pelos árabes, as cruzadas e a retomada da terra após a última Guerra Mundial.

Imagino todos eles voltando, olhando-se nos olhos, chorando por aquilo que sofreram, uns pelas mãos dos outros, e o que cometeram uns contra os outros, devolvendo uns aos outros a sua dignidade e, finalmente, reconciliados, deixando o passado para trás.

E os vivos? Estes veem o que os espera e, desta forma, moderam as suas metas e abrem seus corações uns aos outros.

## EXEMPLO: A NOITE ESCURA<sup>13</sup>

HELLINGER *para David* De que se trata?

DAVID Há alguns meses minha vida habitual mudou drasticamente. Começou quando machuquei minha coluna. Quando fiquei de cama, sem me mexer por uma semana, tive algo como uma visão divina. Uma força me tocou e me abriu o coração. Depois, o relacionamento com minha companheira acabou. Minha identidade profissional também está se dissolvendo.

HELLINGER Qual era sua profissão?

DAVID Recentemente, trabalhei num documentário sobre crianças israelitas e árabes em Jerusalém. Este assunto é muito importante para mim e comecei o trabalho com muita dedicação.

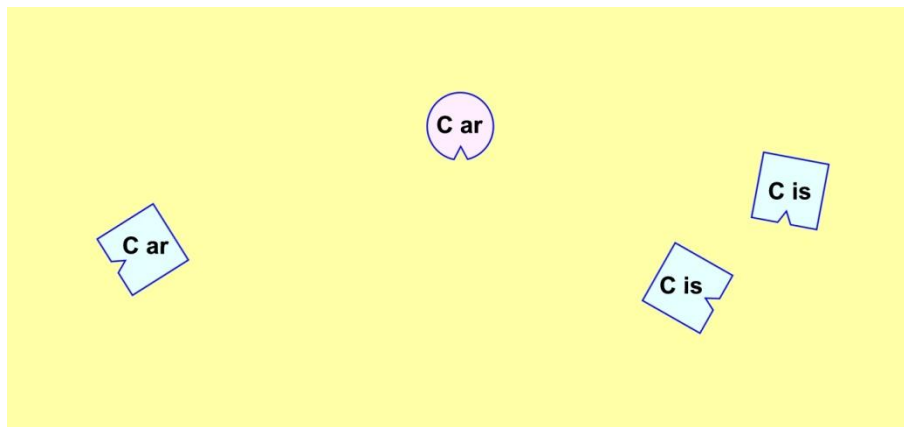
No rastro desses acontecimentos estou passando pela experiência mais tenebrosa da minha vida. Sinto grande dor com o fim do meu relacionamento e, muitos dias, por pelo menos algum tempo, não sinto o chão sob meus pés. Dores caminham pelo meu corpo, sinto-as especialmente no meu coração e na minha barriga.

Suponho que isso não tenha relação somente com essa crise. Na minha dor e desespero sinto-me como perdido. Sinto também que tem relação com algo que aconteceu há muito tempo. Quando acompanhei as constelações hoje, pensei que pode ter um alcance ainda maior do que posso imaginar. Deve ser algo mais profundo do que minha história pessoal ou a história da minha família. Isso me amedronta.

HELLINGER Ok. Muito disso que você contou tem relação com aquilo que chamamos de noite escura do espírito. Você deve atravessá-la, e isso pode levar muito tempo. Mas não importa. Talvez eu faça aqui uma ou outra constelação com você, mas ainda não sei qual.

Estranhamente, para começar, quero que você coloque duas crianças israelenses e duas crianças árabes.

**Figura 1**



**Cis** Criança israelense

**Car** Criança árabe

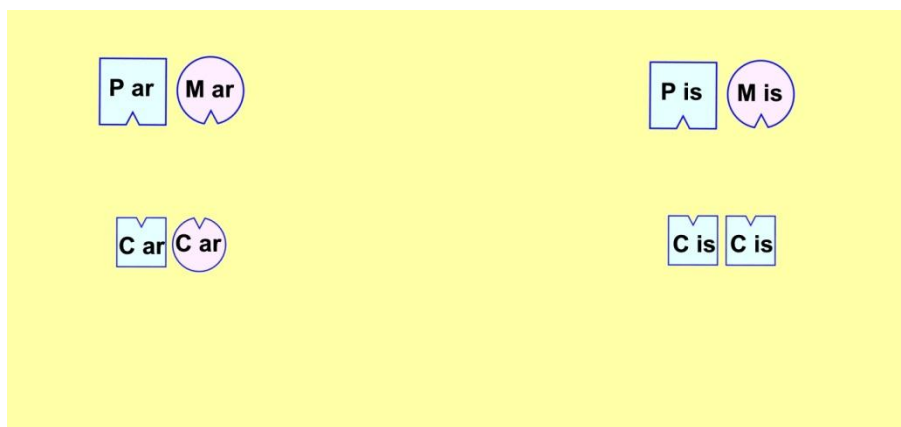
HELLINGER Agora vou lhe mostrar porque seu projeto de documentário não pode ter sucesso. Posso?

*David faz que sim.*

*Hellinger escolhe representantes para os pais das crianças e os coloca em frente destas.*

**Figura 2**

<sup>13</sup> De um curso em São Francisco.

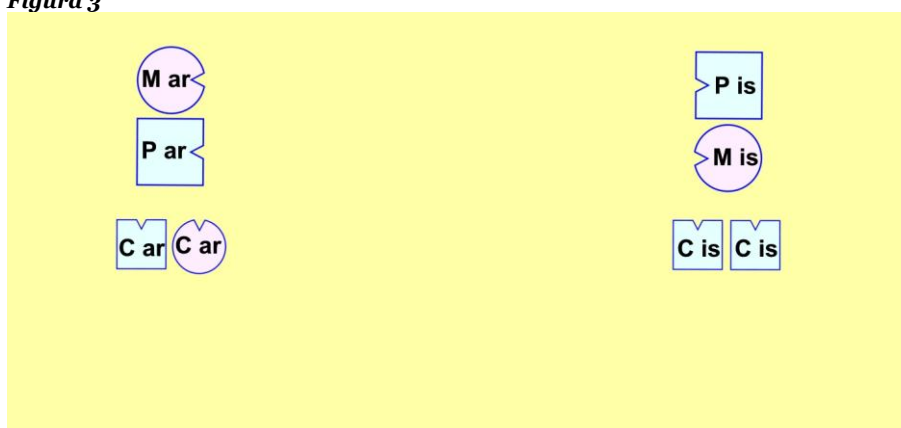


**Pis** Pai israelense  
**Mis** Mãe israelense

**Par** Pai árabe  
**Mar** Mãe árabe

*O pai israelense olha para o chão, no meio. Depois de algum tempo, Hellinger coloca os dois casais se defrontando.*

**Figura 3**

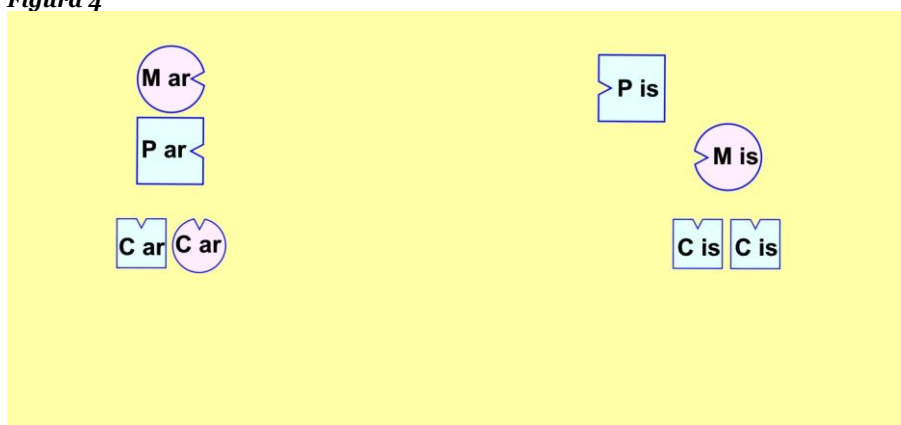


*O pai árabe mantém os braços cruzados num gesto defensivo.*

HELLINGER *depois de algum tempo, para o pai israelense Siga seu movimento.*

*O pai israelense dá alguns passos para frente.*

**Figura 4**



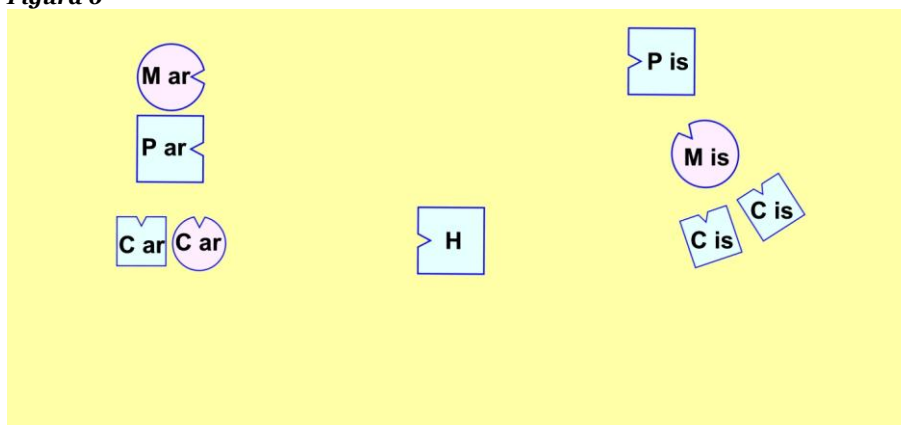
*Os dois pais, primeiro, se fitam em confronto. Depois o pai israelense vira a cabeça e volta a olhar para baixo, no meio. Também dá um pequeno passo para trás. Sua esposa se vira na sua direção. Também seus filhos se viram para vê-lo.*

**Figura 5**



Depois de algum tempo, Hellinger escolhe um homem e o coloca deitado de costas, ali, onde o pai israelense está olhando.

Figura 6

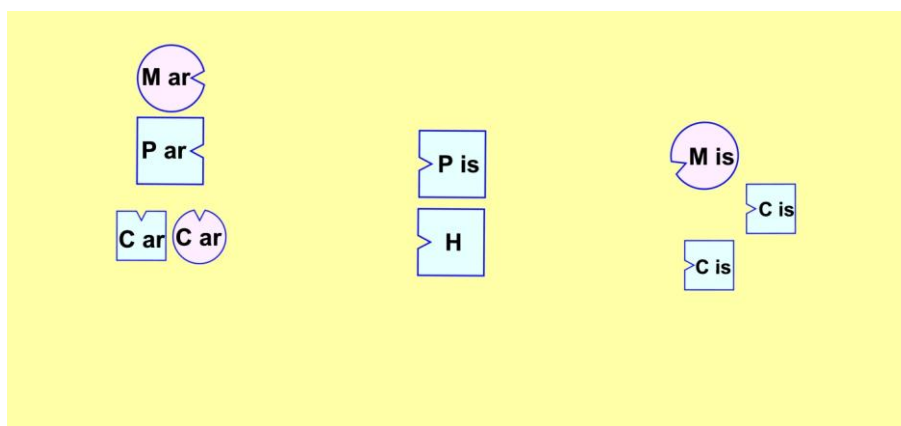


H Homem, que não se sabe a quem representa

O pai israelense fita esse homem constantemente e afrouxa um pouco os joelhos. O homem vira a cabeça para o lado. Também a mãe israelense e uma das crianças israelenses passam a olhar para o homem deitado. Quando o pai israelense se aproxima um pouco do homem, este se vira de rosto para o chão.

Depois de algum tempo, o pai israelense dobra um joelho e esconde o rosto na mão. Ele está muito emocionado. Depois ele levanta o olhar e se deita ao lado do homem, no seu lado direito.

Figura 7



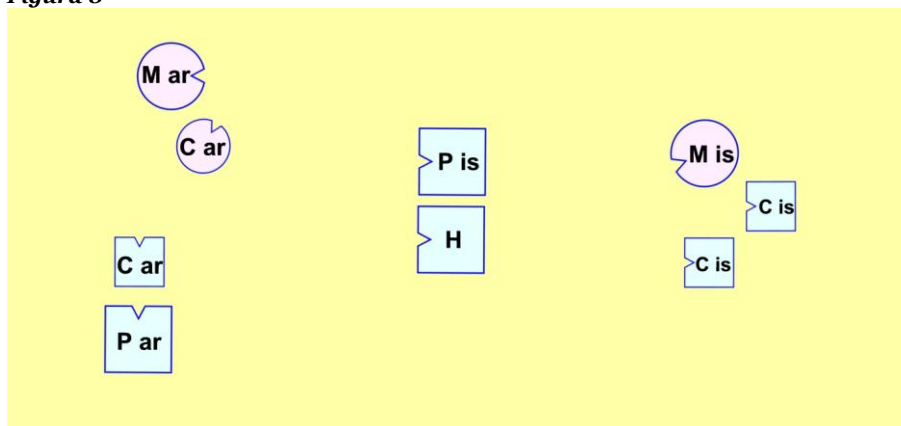
A mãe árabe também se ajoelha e abaixa a cabeça, até quase tocar o chão. O pai árabe se retira um pouco, mas também olha para os dois homens que estão no chão. Então a filha árabe também se deita no chão, como se estivesse morta. O pai árabe se retira mais um pouco e depois se coloca atrás do seu filho.

O homem desconhecido se deita de costas e depois olha para o pai israelense, que está muito emocionado. Este também se deita de costas. Agora ambos estão deitados de costas com os olhos



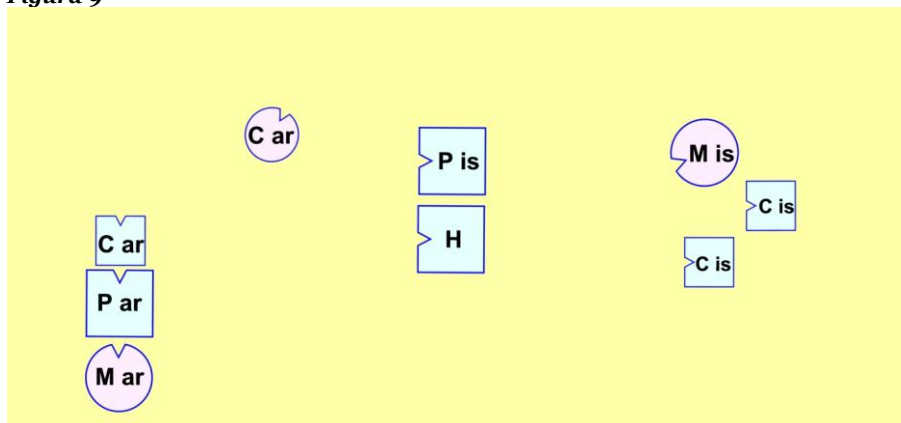
fechados. A mãe israelense abaixa a cabeça profundamente e é segura por um de seus filhos, para não cair para frente.

Figura 8



Depois de algum tempo, a mãe árabe se levanta e se coloca atrás de seu marido.

Figura 9



HELLINGER *depois de algum tempo, para David* Vou deixar do jeito que está, sem comentários e sem fazer perguntas para os representantes. *aos representantes* Obrigado a todos.

*Quando o pai israelense se levanta, seu filho quer ajudá-lo. Quando o pai recusa, Hellinger lhe diz: deixe acontecer, faz parte do movimento.*

HELLINGER *depois de algum tempo, para David* Você sabe a direção do seu movimento?

DAVID Me ocorre apenas que é para dentro.

HELLINGER Para ali.

*Ele aponta o local onde antes estava deitado o homem desconhecido, que aparentemente representava uma vítima do pai israelense. David se mostra abalado, espera um pouco e faz que sim.*

HELLINGER Ok?

DAVID Sim.

PARTICIPANTE Há pouco você mencionou a noite escura do espírito. É um período que deve ser suportado sem que se tente interferir nele. Você ainda pode dizer algo mais sobre o que significa a noite escura do espírito?

HELLINGER Ela lhe sobrevêm subitamente, você não pode alcançá-la através de exercícios. Assim como David a descreveu há pouco, — assim ela é e atua. Está descrita nas palavras dos místicos, sobretudo em São João da Cruz. Ele a descreveu detalhadamente. Significa que tudo em que você antes confiava, se despedaça. Sua fé se despedaça, seus sucessos se despedaçam. Você perde a sua segurança e seu saber se despedaça. Por isso a noite escura causa uma limpeza profunda, uma purificação. Durante a noite escura você abandona sua esperança em Deus e em sua expectativa de recompensa ou consolo. Isso tudo acabou. Você desiste da procura por sucesso, em qualquer

sentido, sobretudo da procura por sucessos de natureza espiritual. Por isso, muitos daqueles que oferecem uma determinada espiritualidade ou dela fazem propaganda não passaram pela noite escura. Quem passou pela noite escura do espírito deixou para trás também a espiritualidade.

Porém, quando você passa pela noite escura, você ganha clareza, grande clareza. Mistérios, então, podem permanecer mistérios. Você não faz qualquer tentativa de revelá-los e compreendê-los. Quando você passa pela noite escura, você consegue distinguir, com exatidão, o que é de ajuda e o que não é, e isso sem fazer esforço. Assim, a noite escura, após algum tempo, fica clara. Aí se mostra também que a sensação de vazio, que atravessa a noite escura, é exatamente a mesma que a sensação de plenitude. Plenitude é percebida como vazio. Consegui explicar?

*Concordância geral por parte do público.*

HELLINGER Ok. Bom.

Um OUTRO PARTICIPANTE Quando o rapaz descreveu suas vivências, as quais você disse pertencerem à noite escura, você não poderia ter lhe oferecido uma outra constelação, que tivesse sido mais abstrata? Por exemplo, uma pessoa para a noite e o desespero, outra para Deus, outra para sua lesão nas costas, outra para o coração aberto e uma outra para sua parceira. Tal constelação abstrata, simbólica e metafórica, teria sido tão abstrata a ponto de não formar um campo morfogenético e assim ter representado o insondável pelo qual estava passando? Ou essa representação abstrata, simbólica, teria espelhado o diálogo interno que se processava nessa pessoa, para que ele pudesse ter chegado a uma solução nesse nível? HELLINGER *para o grupo* Ele não é esperto?

*Risadas altas no público.*

*para este participante* O resultado de uma tal tentativa certamente seria que a noite escura se retrairia. Tal tentativa seria diametralmente oposta ao movimento da noite escura. Consegui esclarecê-lo?

ESTE PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Aquilo que lhe foi demonstrado nesta constelação serviu para firmá-lo à terra, pois no final foi confrontado com a última de todas as realidades. E esta é? — A morte.

UM OUTRO PARTICIPANTE Gostaria de comunicar algo sobre a noite escura da alma. Com relação à noite escura, Gurdjieff descreve oito estágios que devem ser transcorridos. Destes, a noite escura é o sexto estágio. O que lhe antecede é o quinto estágio, a desilusão. Concordo com você em tudo que disse sobre a noite escura. Ela é a morte do Eu; todas as estruturas e conteúdos de fé se despedaçam, assim como tudo que aprendemos antes. O próximo passo que se segue à noite escura é chamado por ele de posição zero. Nessa posição nada resta do passado em que se possa confiar. Somente então as próprias experiências são construídas e as decisões tomadas a partir daí. Para ele é um processo de desenvolvimento, e assim também o vivenciei.

HELLINGER Para mim, o que você disse é evidente demais para ser verdade. ESTE PARTICIPANTE É evidente depois que se passou pelo processo. Quando eu estava no meio, não compreendi o que se passava. Somente após essa experiência pude ler sobre esses passos. Quando eu estava no processo, temi ficar psicótico. Quando, mais tarde, pude ler sobre os passos, compreendi que isso fazia parte do processo.

HELLINGER O que você descreveu é um processo psicológico, não é a noite escura. A noite escura tem algo a ver com vocação.

## A NOITE DO QUERER

A Noite escura do espírito não apenas nos obriga a renunciar a todas as nossas imagens presentes de ordens e de saber, de sucesso ou fracasso, mas também nos obriga a esperar, até que surja um movimento de dentro da escuridão da noite, que nos faça seguir adiante, Tateando, e que nos mostra, no meio das trevas, um tênue brilho daquilo que é essencial e que atua além do pensamento. Também nos obriga a perceber nossa própria vontade como insuficiente ou desnorteante e a deixá-la para trás. Assim, a noite escura do espírito também nos leva a uma noite do querer.

Quem quer algo, tem consciência de si mesmo, tem o domínio, igualmente, sobre si mesmo e sobre o que quer.

Aquele que penetra e que deve penetrar na noite do querer tem consciência de que está entregue e sob o domínio de forças superiores. Porém, quem suporta essa noite e espera, a tal ponto em que somente pode esperar por uma intervenção externa, seja essa vinda de cima ou de baixo, sentirá que, na noite do querer, está sendo conduzido, tanto levado adiante quanto apoiado.

O agir que surge dessa harmonia é imbuído de força. Pode levar outros a fazerem coisas extraordinárias, sem que eles se percam em algo estranho. Também a sua vontade acaba por se submeter a um querer que se tornou inerte e que, por isso mesmo, permanece ligado ao essencial e atua no que lhe for adequado.

## A PERMANÊNCIA

Tudo que se renova, permanece. Toda a vida permanece enquanto se renova continuamente. O que não se renova, morre ou desmorona. Por isso, conservar significa tanto cuidar como renovar, por exemplo, um relacionamento, uma casa ou um jardim.

Renovar para que algo permaneça, muitas vezes também quer dizer melhorar. Somente consegue permanecer o que se desenvolve, multiplica ou aprofunda, por exemplo, um conhecimento, um juízo ou uma habilidade.

Permanecer, no entanto, também quer dizer que repassamos adiante aquilo que temos, por exemplo, para filhos ou para alunos e amigos. Pode permanecer, se renovar ou se desenvolver somente aquilo que deixa algo para trás, que se vai ou morre. A prontidão para dar lugar àquilo que nos sucede está a serviço do que se estende para além de nós, do superior que determinou o ir e vir e, no ir e vir, o desenvolver-se e, assim, no surgir e perecer, também o permanecer.

## ALEGRIA

Alegria é o que sentimos quando entramos em harmonia com os movimentos da nossa alma, seja qual for a direção em que nos levar. Às vezes, a alma nos leva pelo caminho do *sucesso* e da felicidade; às vezes, pelo caminho de uma doença; às vezes, pelo caminho de uma vocação que exige as nossas últimas reservas e, às vezes, também, pelo caminho de uma aventura da qual não podemos escapar. Mesmo assim, sentimo-nos levados neste movimento por algo superior. Por isso, a alegria que resulta da harmonia com esse movimento é calma. Ela repousa em si mesma e é valiosa.

Essa alegria é sem segundas intenções e sem pesar, pois está em sintonia. Ela está, até mesmo, em harmonia com a culpa e suas consequências. Por mais estranho que possa parecer, quando alcançamos a harmonia com a culpa conseguimos experienciá-la como algo divino.

Nessa alegria não sentimos o desejo de que algo seja diferente do que nos é dado, tanto em relação a nós mesmos quanto aos outros. Quando conseguimos concordar com nosso destino e com tudo o que ele exige de nós; quando conseguimos concordar com o destino, com o sofrimento e, até mesmo, com a culpa daqueles que nos são caros, permanecemos dentro dessa alegria.

Na presença de pessoas que estão dentro dessa alegria, nós nos tomamos calmos e concentrados e achamos o caminho para o essencial, para o nosso próprio centro.

Essa alegria tem algo a ver com plenitude. Dentro dela sentimo-nos completos.

## RILKE

### “Os SONETOS A ORFEU”

Os *Sonetos a Orfeu* são o resultado de um furacão criativo que, inesperadamente, avassalou Rilke quando queria terminar as *Elegias de Duíno*, tanto que escreveu a primeira parte e, algumas semanas mais tarde, a segunda, a cada vez em poucos dias, como que obedecendo a um ditado interno. Esses sonetos são de tal profundidade que Rilke, somente mais tarde, foi paulatinamente intuindo seu significado.

Para o leitor e ouvinte os *Sonetos a Orfeu* são mais do que poesia perfeita. Assim, se nos revelam apenas quando nos abrimos para a experiência da real existência que, por detrás da forma magistral e da densidade das imagens, neles se torna manifesta. Quando nos deixamos tocar por essa experiência da real existência, até ela ampliar nossa visão de vida e morte, de felicidade e sofrimento e de princípio e fim, então, ao ler ou ouvir esses sonetos, aprendemos a nos entregar, por completo e voluntariamente, àquela mudança que nos espera, inexorável e necessária, para que alcancemos a completude.

Para incorporar esse processo de mudança, Rilke serviu-se da figura de Orfeu. Este perdera a amada Eurídice no auge da felicidade, no dia em que celebrava seu casamento com ela. Orfeu a seguiu ao reino dos mortos para, talvez, trazê-la à vida mais uma vez. Porém, quando estava próximo ao alcance de seu objetivo, perdeu-a pela segunda vez e retornou à luz sem ela.

Mas, porque, sem ela, pertencia agora aos dois reinos — ao dos vivos e ao dos mortos — suas cantigas se tornaram insuportáveis para os vivos, pois o outro reino lhes era inacessível. Suas canções, agora, uniam os dois reinos em um todo. Celebravam o todo, como ele acolhe igualmente o princípio e o fim; como dentro dele, vida e morte e vivos e mortos se interpenetram mutuamente, até que neles os dois reinos se adensem numa grande canção.

As bacantes<sup>14</sup>, as deusas da vingança, que separavam ao invés de unir, queriam destruir esse todo dentro de Orfeu e, por isso, despedaçaram-no vivo.

Também desta vez Orfeu não permanece no reino dos mortos, separado dos vivos para sempre. Representando todos os mortos, ele retorna à vida em tudo que principia. Assim, nós, os vivos, podemos sentir aqueles que se foram antes de nós, agindo e se unindo a nós em tudo que principia. Também Orfeu retorna neles por mais algum tempo, assim como torna a desaparecer com eles.

Nós, porém, que adentramos por este mistério e somos iniciados em seu segredo, escutamos o canto de Orfeu em tudo que principia e finda e, como tudo que principia e finda, se transforma em uma canção na qual o visível se torna audível e a existência, como um todo, se adensa num cântico de louvor.

A canção de Orfeu é Existência, o todo da existência, sem objetivo, sem aprovação de alguém, pura e concentrada expressão do ser. Quem escutar essa canção e se abrir a ela verá sua própria existência transformar-se em tal canção.

---

14 Sacerdotisas de Baco; ménades, tíades.

## ANSEIE A MUDANÇA

Wolfgang Danzmayr<sup>15</sup> travou comigo a seguinte conversa, após a estreia pública da sua composição *...und mit Ende beginnt* (... e nasce no fim), que lhe havia sido encomendada por amigos meus, pelo meu 75º aniversário. Esta composição inclui a leitura de alguns dos *Sonetos a Orfeu* de Rilke, que naquela ocasião declamei ao vivo, entre os quais o seguinte-<sup>16</sup>

*Anseie a mudança. Celebre a chama  
ainda que algo de novo se perca na transformação;  
o gênio, mestre dos misteres terrenos, só ama,  
na dança, o ponto de mutação.*

*Já é pedra quem estagnado se mantém;  
supõe-se protegido quando em cinza se disfarça.  
Aguarde: mais duro que o ferro é o aço que vem do além.  
Cuidado — o martelo ausente ameaça!*

*Quem como fonte flui, vem à luz pela percepção;  
ela o conduz, pela criação serenada  
que, às vezes, nasce no fim e finda no nascimento.*

*Todo tempo feliz é filho ou neto de separação,  
que, pasmos, percorrem. E Dafne, transformada  
em loureiro, deseja que te transformes em vento.*

*Sr. Hellinger, o senhor disse que, a seu ver, Rilke é uma espécie de pressagiador, um descobridor, uma espécie de médium entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Como título desta composição, escolhi o verso central “...e nasce no fim”. Talvez possamos dedicar alguns instantes ao seu significado. Todos nós vivemos muitas despedidas. Algumas despedidas são muito dolorosas, outras passam de leve por nossas vidas. No seu trabalho, o senhor acaba conhecendo muitas despedidas assim e também recomeços. Como o senhor encara esta temática do findar e do recomeçar?*

Em Rilke, a palavra mudança tem um papel especial, tal como aqui no soneto *Anseie a Mudança*. Nele está o verso lindo “*já é pedra quem estagnado se mantém.*”, ou seja, vida é mudança e mudança quer dizer que algo acabou e algo novo inicia. Porém, aquilo que acabou não está ausente. Acaba fazendo parte do novo, de uma nova maneira. Enquanto nada de novo suceder ao que existe, este estagna e não consegue mais se desenvolver. Por isso, para Rilke, esta constante passagem a algo novo está tão no âmago da questão.

Em meu trabalho, nas constelações familiares, é comprovado, continuamente, que alguém está sofrendo, porque está prisioneiro de algo passado e que ele deve achar um caminho para se libertar dessa prisão, transformando-se. Isso significa que ele vença o passado de tal forma que o bem que aí certamente existe flua para fazer parte do novo.

*Com isso, o senhor está se referindo a uma resistência e a uma defesa contra o usual. Porém, por mais que alguém esteja resistente a mudanças, é impossível permanecer no passado.*

O importante em todas essas elaborações é que é impossível uma mudança através do planejamento. Quando alguém toma o propósito de fazer algo, muitas vezes este propósito não está em harmonia com algo superior. Então, o que ele pretende fazer acaba por fracassar. Mudança, como Rilke a compreende, está em harmonia com algo superior. Assim como o rio está em contínua mudança enquanto flui em direção ao oceano, assim também a vida humana se transforma constantemente, porque está inserida em algo superior. A mudança realmente significativa é aquela que se torna inexorável, por resultar de um movimento interior da alma. Quem a realiza sente-se maior e mais rico do que antes. No entanto, sempre terá deixado algo para

15 Compositor e maestro austríaco

16 Trecho retirado da obra: Os sonetos a Orfeu - Elegias de Duíno - Rainer Maria Rilke; tradução e seleção, Karlos Rischbieter e Paulo Garfunkel. - Rio de Janeiro: Record, 2002 - Edição bilíngue: p.88.

trás. A criança deixa a sua infância; o jovem, a adolescência; o adulto, após algum tempo, deixa para trás sua obra e, na velhice, se orienta em direção a algo ao qual somente pressente ter de submeter-se, sem o conhecer. Porém, por ele se submeter dessa forma, aquilo que lhe resta ganha uma beleza especial.

Lembro-me, por exemplo, de um velho casal. O marido tinha câncer já com metástases e era evidente que não lhe restava muito tempo de vida. Eles se sentaram comigo e eu lhes disse: Agora o tempo da despedida está próximo, porém, perante a despedida, o amor se torna, mais uma vez, luminoso, como a cor do ocaso, de uma beleza especial. Olharam-se um ao outro e ele lhe disse: “Ficarei, enquanto me for permitido.” E ela lhe disse “Cuidarei de você, enquanto me for permitido.” Ali havia tamanha beleza de maturidade, onde a despedida faz brilhar o essencial.

*Este ser permitido soa como humildade. Como uma pessoa reconhece se pode esperar humildemente algo novo lhe aparecer ou se não está apenas sendo comodista, dizendo: o que vier, será. Como se reconhece, quando se está sendo humilde ou comodista?*

Ela tem uma calma interior ao tratar daquilo que é essencial. Assim que se depara com o essencial e se submeter a ele, torna-se serena e atenta. O comodista não se torna atento, ele fica apático. Porém, aquele que entra no rio e confia nele se toma totalmente desperto, possui uma força especial. Essa força se mostra em como consegue muito com pouco esforço. Quando alguém se torna irrequieto, isso é um sinal que está separado do essencial. Então, o jeito é ficar quieto até que chegue o momento certo para prosseguir. Eu pude descobrir algo sobre o momento certo. Na maioria das vezes, o momento certo é um pouco depois.

*O senhor mencionou esse casal, o homem com câncer que sabia que lhe restava apenas pouco tempo de vida. Isso significa que ele tem que considerar o último acontecimento importante nesta vida e conseguir lidar com isso. Agora, acontece que os vienenses — e eu nasci em Viena — são especialistas em fazer pilhérias com a morte. Todos nós conhecemos algumas expressões típicas e gozadoras. “Quando eu, talvez, morrer” ou “Viva o Cemitério Central”, tudo isso já ouvimos. Não deixa, também, de ser uma maneira de enganar-se a respeito da morte e de seus temores ou pelo menos tentar fazê-lo. Apesar disso, como uma pessoa pode preparar-se para esse final definitivo da vida, para que não lhe pareça tão definitivo e absolutamente inexorável? A não ser que ele diga a si mesmo: sei que agora estou aqui, depois acabou e ponto final.*

A questão é se, de fato, acabou. Em Rilke, morrer é um processo longo. Ele descreve esse processo em suas *Elegias de Duíno*, em especial na Décima Elegia, pois o morrer não é finalizado com a morte. Ainda necessita de algo mais até que, realmente, chegue ao fim. Quem se exercitou nessa mudança e a ela se entregou em vida consegue, com mais facilidade, realizar essa transição e o que vem depois. É que a pilhéria, com que muitos tratam a morte, está ligada à imagem de que a morte acaba com tudo. Mas, que morrer é somente um processo de transição que continua e que, para algumas pessoas, poderá demorar muito até que possam completar seu processo é um ponto de vista totalmente diferente.

Nas constelações familiares, muitas vezes, são incluídos os mortos, por exemplo, representantes para as vítimas e agressores do holocausto. De repente, os agressores e as vítimas estão presentes, apesar de ambos estarem mortos. Nessa hora pode-se perceber que entre eles se desenrola um longo processo até que alcancem a paz e que, sobretudo os agressores, têm um caminho muito longo a percorrer. Aqui se vê, por exemplo, que o agressor somente alcança a paz quando se tiver tomado igual às vítimas, em todos os aspectos, ou seja, quando a soberba do agressor é completamente dissolvida na dor daquilo que aconteceu. Podem-se constatar as mudanças pelas quais ele terá de passar até que alcance esse estado.

Um aspecto importante nisso e que ultimamente tem se tomado cada vez mais evidente é que os agressores não conseguem se transformar enquanto são desprezados. Somente quando forem amados, quando os vivos, os sobreviventes, os amarem e, também, as vítimas os amarem e os descendentes das vítimas os amarem de tal forma que se reintegrem à sociedade humana eles poderão se desligar e também completar seu processo de morrer.

Naturalmente, esses são pensamentos que primeiro precisamos sentir. O que eu disse aqui não deve ser interpretado como se eu tivesse certeza e pudesse afirmá-lo com exatidão. Mas, nas constelações é iniciado um movimento que nos dá indícios de que a vida não acaba com a morte e mesmo depois há coisas a fazer e que podemos, ainda em vida, nos prevenir e nos preparar para



tais coisas. A vida, perante essa morte, se torna preciosa. Nada perde com ela.

É diferente quando se pensa constantemente na morte como o fizeram, por exemplo, muitos santos. Colocavam uma caveira no oratório e oravam diante dela. Em face à morte a vida lhes escapa. Não é isso que se quer dizer aqui. No decorrer da vida, continuamente, somos confrontados com despedidas e vivenciamos a vida, também, como um processo de morte. Quando concordamos com isso, já em vida olhamos para o final com serenidade. Nós nos confiamos a algo superior e conseguimos, então, realmente soltarmo-nos. Essa atitude enriquece a vida.

*Gostaria de voltar ao item, ao qual o senhor se referiu agora, que me parece inusitado ao nosso modo de pensar. O senhor falou – se é que entendi bem – da soberba de uma vítima.*

Sim.

*Então, não é somente o agressor que pode ser ou é arrogante, mas também a vítima pode ser arrogante e impedir o seu próprio desenvolvimento. Entendi corretamente?*

Sim. Quando falamos das vítimas vivas, ou seja, daqueles que se consideram vítimas; por exemplo, vítimas de seus pais ou das circunstâncias, podemos constatar que não conseguem mudar. Quem persiste na atitude de vítima não consegue mudar. Na terapia, não se pode ajudar alguém que se lamenta: “Ó, coitado de mim, o que foi que me aconteceu!” Este permanece preso em sua atitude de vítima. Mas, se disser: “Sim, foi assim, e eu tirei uma lição do que aconteceu e ganhei força e agora farei algo a partir daí”, ele se tomará uma pessoa ativa. Então, será capaz de deixar para trás o que passou.

*E o que acontece com os agressores? Quando se trata dos agressores nazistas, parece que ainda continuamos tendo um problema em nossa sociedade, quando se diz que os agressores ou a geração dos agressores, emocionalmente não estavam em condições de processar a sua culpa. Por isso continua havendo tendências que nos inspiram medo. Eles também devem soltar e esquecer? O que o senhor aconselharia aos agressores?*

Cito um exemplo. Vamos sair do holocausto, para um outro contexto e olhar para o conflito entre israelenses e palestinos.

Há pouco tempo tivemos um grande congresso, no qual falaram um palestino e um israelense que, juntos, fundaram uma instituição para a paz e que trabalham em prol do entendimento entre os dois povos e grupos. Deram também um workshop cujo tema era: “Como podem os israelenses compreender o que sentiram os palestinos, após serem forçados a deixar a Palestina quando vieram os israelenses, e quais os temores que têm os israelenses das reivindicações dos palestinos de voltarem”. Naquela época, eram 300.000 que foram forçados a deixar a Palestina. Hoje se transformaram em cinco milhões. O israelense e o palestino me pediram para elucidar essa situação mediante uma constelação. Para tal, escolhi cinco pessoas como representantes dos palestinos e selecionei somente judeus, para que estes pudessem sentir melhor a posição dos palestinos. Diante deles posicionei cinco representantes para os israelenses, depois não interfeiri mais. Confiei, totalmente, nos profundos movimentos da alma nos representantes.

Inicialmente, uma das mulheres palestinas olhou para o chão, o que indicava que estava olhando para um morto. A seguir, posicionei um homem deitado no centro como representante dos mortos, porém não estava muito claro se era um palestino ou um israelense. Muito lentamente um profundo sentimento de luto foi crescendo em todos. Os palestinos, então, se curvaram lentamente até o chão e choraram pelo morto. Um dos israelenses caiu para trás e gritou de dor. Em ambos os lados o que se viu foi, tão somente, uma profunda dor.

Ao final, perguntei aos representantes o que haviam vivenciado. Nenhum dos palestinos havia sentido qualquer reivindicação em relação aos israelenses, a não ser a de que vissem o que haviam sofrido, ou seja, os temores dos israelenses não vieram à tona de modo algum. Ambos os grupos choraram aquilo que havia acontecido, todo o sofrimento que, mutuamente, causaram e padeceram. Este luto conjunto os uniu tão intimamente que ficou evidente: quando há luto coletivo, poderá haver o início de algo novo.

Eu também aplicaria isso aos agressores e vítimas sob o domínio nacional-socialista. Nós na Alemanha – e na Áustria acontece o mesmo – sentimos desprezo pelos agressores e nos sentimos superiores a eles, como se fôssemos melhores. Enquanto agimos dessa forma, estamos nos comportando da mesma maneira que os agressores daquela época, pois os agressores daquela

época cometeram essas atrocidades porque se sentiram superiores. Isso os tomou agressores, porque se sentiram melhores que os demais, e aqueles que agora se sentem superiores aos agressores são iguais a eles. Eles transformam os agressores em suas vítimas porque também se sentem superiores. Neste processo todo, as verdadeiras vítimas, que foram trucidadas, são esquecidas.

Nós, na Alemanha — e, aparentemente, também vocês, na Áustria — na verdade, nunca choramos juntos pelos soldados mortos e nem pelos mortos da população civil. Nós jogamos todos eles na mesma panela juntamente com os agressores. Queríamos, por assim dizer, nos separar deles e pensávamos poder nos eximir disso tudo, sentindo-nos superiores a eles.

A solução seria nosso luto coletivo. Que os descendentes das vítimas e os descendentes dos agressores focalizassem ambos, tanto as vítimas mortas quanto os agressores mortos e que pudessemos, por assim dizer, fazer com que se reunissem no reino dos mortos.

Pude, recentemente, numa constelação em Buenos Aires, constatar o que isso significa. Acontece que nas famílias das vítimas, por exemplo, em muitas famílias judias, um dos membros da família representa os agressores, porque esses são desdenhados pelas famílias. Assim, um membro posterior da família sente uma energia assassina, porque os agressores estão sendo ignorados.

Em Buenos Aires, um homem pediu ajuda, pois havia subitamente compreendido que ele era um perigo para seus filhos. Ao dirigir seu carro de maneira ousada, percebeu que poderia, facilmente, provocar um grave acidente, mesmo seus filhos estando com ele no carro. O que veio à tona foi que ele era descendente de vítimas do holocausto. Posicionamos, então, seis representantes para as vítimas do holocausto em sua família e seis representantes para os agressores. O próprio homem participou de sua constelação. Ficou dominado pela dor e gritou em voz alta enquanto golpeava o chão sem parar. Não olhava para as vítimas. Possuía a energia assassina dos agressores, pois eles não tinham lugar em sua família.

A seguir, pedi que olhasse para as vítimas. Ele pôde, então, aproximar-se bem lentamente, curvar-se diante delas, honrá-las, abraçá-las e ficou como uma delas. Em seguida, aproximou-se também dos agressores e acariciou suas faces com muito amor. Os representantes dos agressores ficaram muito comovidos, foram lentamente ao chão e se uniram às vítimas.

Depois dessa constelação fiz com que o homem imaginasse seus filhos diante dele e lhes dissesse: “Agora sou responsável por vocês e agora irei protegê-los.” Com isso foi libertado da energia de agressor.

Não conseguimos nos desprender dos agressores desdenhando-os ou combatendo-os. A solução é possível, somente, por meio de nosso luto coletivo, o dos descendentes dos agressores e o dos descendentes das vítimas. Nesse luto coletivo nos curvamos diante de algo superior que atua por trás dos acontecimentos, pois os agressores não são livres. Estão inseridos num contexto maior. É perante esta força que está por trás que ambos devem se curvar, como diante de uma luz longínqua, sem que compreendamos o que seja. Então, estaremos todos no mesmo nível.

*Eu chamaria isso de mensagem de paz. Senhoras e senhores, acredito que isso foi tanto e tão denso, assim como digno de reflexão e reconsideração, que quero concluir aqui esta conversa.*

## **Aforismos: *Vida e Morte***

Toda montanha acaba, finalmente, no vale.

Ser humano significa ser o próximo — dos vivos e dos mortos.

Mesmo as ordens findam.

A morte nunca chega cedo demais.

Na morte se revela o divino.

O que foi cumprido, termina.

## A MORTE

A morte sempre vem oportuna, seja porque não há lugar para nós neste mundo, seja porque nosso tempo se esgotou e cumprimos o que havia sido nossa missão, seja porque é chegada a hora de dar lugar para outros. Assim, somos recolhidos pela morte de volta à origem da qual a vida emerge e para a qual submerge.

A origem, em si, permanece conosco durante toda uma vida. Nela está fundamentado tudo o que nos será possível na vida e o que nos acontece e nela permanece guardado; o que acontece e depois desvanece. Portanto, quem submerge à origem nada pode perder e quem vive mais tempo, no final nada ganhou em relação aos que morreram cedo. Portanto, aquele que ainda em vida está enraizado na origem, está uno com o início e com o fim e, igualmente, com aqueles que existiram, com aqueles que existirão e com aqueles que existem. O passado e o futuro se concentram em sua vida, da mesma maneira como a origem descansa concentrada e permanece.

A origem, como início e fim, obriga aqueles que consideram sua vida atual como única e suprema a lembrar-se de seus limites, conduzindo-os a esses limites através do destino ou da doença e, assim, levando-os à reflexão sobre a origem e o imanente. Então, nossa visão alcança também a morte sem que esta nos assuste, pois não olhamos para ela e sim, para a origem a qual serve. Viver e morrer se torna indiferente, pois em ambos estamos igualmente em harmonia com o que permanece.

A vida em presença da morte é, pois, vida em presença de despedida. No entanto, esta despedida não é uma perda, é sim uma antecipação da plenitude vindoura e torna possível um futuro. Poderíamos, também, dizer que nos leva de volta ao início, assim como a morte. Aqui tudo isso é igual.

Conseguimos realizar esta despedida quando festejamos o todo, vida e morte, ir e vir, desaparecer e permanecer, como uma canção de louvor.

## EPÍLOGO

Ao final deste livro quero, novamente, citar os últimos versos do poema *O Círculo* e com ele despedir-me:

*... Um homem angustiado perguntou:*

*“Se nós e o que nós empreendemos,  
cada qual existe a seu tempo e se encerra,  
o que importa, quando nosso tempo termina?”*

*O outro disse:*

*“Importa o antes e o depois  
como uma única coisa.”*

*Então os seus caminhos se separaram  
assim como seu tempo,  
e ambos pararam  
e se aquietaram.*

PSICOTERAPIA / AUTOAJUDA

# Liberados somos Concluídos

Bert Hellinger

**Somente quando a fruta madura cai à terra,  
desprende aquilo que serve ao futuro.**

Com estas palavras Bert Hellinger introduz os textos deste livro. Eles contêm respostas a perguntas essenciais e discernimentos sobre ações humanas possíveis e necessárias. Nos entremeios, estão aforismos profundos.

Este é um livro de sabedoria e um legado, que gira em torno dos temas Despedida e Reconciliação e amiúde, toca em extremos.

EDITORA ATMAN  
editora@atmaneditora.com.br  
www.atmaneditora.com.br

